

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**PATRICIA VIEIRA DE SOUZA TOIA**

**AS MÍDIAS E OS MODOS DE SER CRIANÇA E SE RELACIONAR  
COM A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE**

**Maceió/AL  
2013**

PATRICIA VIEIRA DE SOUZA TOIA

**AS MÍDIAS E OS MODOS DE SER CRIANÇA E SE RELACIONAR  
COM A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Patricia Vieira de Souza Toia apresentada junto ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Maria Hüning

Maceió/AL  
2013

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos**

T646m Toia, Patricia Vieira de Souza.  
As mídias e os modos de ser criança e se relacionar com a infância na contemporaneidade / Patricia Vieira de Souza Toia. –2013.  
131 f.

Orientadora: Simone Maria Hüning.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Departamento de Psicologia. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 108-110.  
Apêndices: f. 111-131.

1. Mídia – Modos de subjetivação. 2. Infância. 3. Crianças – Consumo. 4. Crianças – Saber. I. Título.

CDU: 159.922.7:659.3

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Patricia Vieira de Souza Toia

### **AS MÍDIAS E OS MODOS DE SER CRIANÇA E SE RELACIONAR COM A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 23 de abril de 2013.

---

Profa. Dra. Simone Maria Hüning  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
(Orientadora)

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

*Dedico esta dissertação aos  
meus pais, Quinto e Flora.*

## AGRADECIMENTOS

Ao término de tantos momentos dedicados à construção deste trabalho, chega a hora de agradecer a todos que deles fizeram parte:

À Profa. Dra. Simone Maria Hüning agradeço carinhosamente pela dedicação, disponibilidade, exigência e paciência com que orientou esta dissertação. Obrigada ainda, por toda compreensão, pelos conhecimentos transmitidos e constante incentivo, sempre contribuindo com meu trabalho e, principalmente, com minha formação!

Aos Profs. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira e Dr. Pedro Paulo Gastalho de Bicalho pelas importantes colaborações a este trabalho na banca de qualificação;

Às Profas. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira e Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi pela participação na Banca de Defesa;

Aos Professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia/UFAL pela oportunidade de crescimento e aprendizado proporcionada em cada uma das aulas ministradas;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela concessão de bolsa CAPES durante doze meses (Abril/2011 a Abril/2012);

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Processos Culturais, Políticas e Modos de Subjetivação, pelas leituras e troca de ideias que suscitaram questionamentos, os quais, em muito, contribuíram para este trabalho. Em especial, agradeço ao Wanderson, colega de orientação, pelo incentivo na busca de novos conhecimentos, pela ajuda em momentos críticos e por contribuir para o meu crescimento profissional;

Aos velhos e novos amigos de mestrado pelos debates, ajudas, convívio e aprendizado ao longo desses dois anos. Adorei ter compartilhado essa fase da minha vida com vocês, dividindo dúvidas e incertezas, angústias e alegrias e, principalmente, realizações. Vocês sempre serão muito especiais para mim, muito obrigada a cada um! Agradeço em especial a Juliana, Dayse, Raquel, Zaíra, Kyssia e Alex pela parceria durante todo mestrado, pelas gargalhadas durante nossas aventuras acadêmicas, pelas incontáveis conversas monotemáticas (foram horas e horas de boas conversas!!), pela superação de nossas ansiedades, e principalmente, pela amizade compartilhada;

A amiga Fernanda Simião, pelo incentivo na busca do crescimento, sendo exemplo de competência, garra, determinação e disciplina;

A Prof. Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro, pelos valiosos momentos de orientação durante minha graduação. Foram bastante estimuladores para a continuidade da vida acadêmica;

Aos amigos que, mesmo muitas vezes sem entender todo o esforço dispensado para “apenas escrever um texto”, foram muito importantes nessa caminhada, e nos quais, por muitas vezes, busquei forças e apoio, mesmo nos momentos de descontração;

Aos amigos, Vannêssa e Artur, sempre acompanhando momentos especiais em minha vida. Obrigada pela preocupação e carinho demonstrados;

À minha madrinha, Maria das Graças, sempre interessada e feliz pelas minhas vitórias;

Ao meu pai, Quinto, minha mãe, Flora, e minha irmã, Giuliana, que mesmo distantes acompanharam meus passos nesta caminhada, vibraram com as minhas conquistas, consolaram-me nos momentos de desânimo e me ensinaram com seus exemplos a lutar e buscar o que almejo. Por vocês, meus sentimentos mais puros de respeito, amor gratidão!

## RESUMO

Esta dissertação trata dos discursos da mídia sobre os modos de ser criança e se relacionar com a infância. Faz-se uma análise desses modos de existência a partir dos discursos que circulam em diferentes veículos midiáticos: nas revistas impressas Crescer, Pais & Filhos e Veja, e na programação das emissoras de canal aberto Globo e Record. Fundamentado teórica e metodologicamente nos trabalhos foucaultianos, o estudo discute e utiliza as noções de “modos de subjetivação” e “governamentalidade”, buscando analisar as estratégias em funcionamento nas mídias que possibilitam a constituição dos modos hegemônicos de ser e se relacionar com a infância a partir de enunciados de consumo e saber; identificar o que se constitui como objeto de consumo e saber para as crianças; e problematizar o caráter normalizador dessas práticas pela análise dos “modelos” de infância e das crianças por eles produzidos. Para tanto, foi realizado um estudo a respeito da construção histórica das noções dos modos de ser criança e de se relacionar com a infância. Em seguida, foi feita uma análise das estratégias midiáticas em funcionamento nos materiais, evidenciando o modo como tais modelos são construídos a partir de um conjunto de normas e práticas enredadas em jogos de forças de poderes e saberes. E por fim, interrogamos, a partir de um estudo genealógico, as práticas de saber-poder-subjetivação nos materiais midiáticos, objetivando dar visibilidade para as discontinuidades desses modos de existência na contemporaneidade a partir dos vetores de consumo e saber. Com isso, observou-se o dispositivo midiático como um dos integrantes que conjugam os discursos modeladores de um regime de normas, as quais nos falam de uma infância como uma fase de passagem para o mundo adulto, de incompletude, mas ao mesmo tempo, apresentam as crianças como competentes, autônomas e capazes, aproximando-as de habilidades que caracterizariam o que tradicionalmente se define como o universo adulto, particularmente em relação às tecnologias e as práticas de consumo.

**Palavras-chave:** Modos de subjetivação. Mídias. Crianças. Infâncias. Consumo. Saber.



## ABSTRACT

This dissertation addresses the media discourses on the several ways of being a child and relating with one's childhood. An analysis of these modes of existence is carried out from the discourses conveyed in different media vehicles: in print magazines such as "Crescer", "Pais & Filhos" and "Veja", and TV broadcasting programmes on open channels such as "Globo" and "Record". Based on the theoretical and methodological work of Foucault, this study discusses and utilizes the notions of modes of subjectivation and "governmentality", aiming to analyze the strategies at work in media that allow the creation of hegemonic ways of being and relating to one's childhood through statements of consumption and knowledge; it also identifies what is constituted as an object of consumption and knowledge for children, and discusses the nature of these normalizing practices by analyzing the "models" of childhood and children produced by them. Therefore, a study was conducted regarding the historical construction of the different notions of being a child and the different ways of relating to one's childhood. Then, an analysis of the ongoing media strategies in the materials was carried out, revealing the way through which such models are built from a set of standards and practices entangled in strength games of power and knowledge. Finally, we question – from a genealogical study – the practices of knowledge-power-subjectivation in media materials, aiming to give visibility to the discontinuities of these modes of existence in the contemporary world through the vectors of consumption and knowledge. With that, the dispositif of media was considered as one of the agents that combine discourse modelers from a system of rules, which tell us about a notion of childhood as a phase transition into the adult's world, as incompleteness, however, at the same time, they present children as competent, autonomous and able, projecting on them skills that characterize what is traditionally defined as the adult world, particularly in relation to technology and consumption practices.

**Keywords:** Modes of subjectivation. Media. Children. Childhoods. Consumption. Knowledge.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Trajetória da pesquisa: mídias e modos de ser e se relacionar com a infância.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Uma genealogia dos modos de ser criança e se relacionar com a infância, a partir de materiais midiáticos .....</b>	<b>19</b>
<b>2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA .....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Acontecimentos que marcam a produção da infância .....</b>	<b>26</b>
2.1.1 Higienismo médico e sua influência no modelo familiar .....	26
2.1.2 Diferenças de gênero e o sentimento materno .....	31
2.1.3 Relações entre imprensa, alfabetização e escola.....	33
<b>2.2 Estratégias biopolíticas e biopoder no governo da infância.....</b>	<b>35</b>
<b>3 DISPOSITIVOS QUE SE CRUZAM: INFÂNCIA E MÍDIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>4 ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS .....</b>	<b>49</b>
<b>4.1 Estratégias em evidência .....</b>	<b>49</b>
4.1.1 A presença dos especialistas .....	51
4.1.2 Depoimentos como lição de vida .....	60
4.1.3 Figuras híbridas de tradição e modernidade .....	66
4.1.4 Modos hegemônicos de ser e se relacionar com a infância .....	69
<b>5 MODOS DE SER CRIANÇA: RELAÇÕES COM O CONSUMO E O SABER .....</b>	<b>75</b>
<b>5.1 Crianças e suas relações com o consumo.....</b>	<b>76</b>
<b>5.2 Crianças e suas relações com o saber .....</b>	<b>90</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema os modos de ser criança e se relacionar com a infância, produzidos e veiculados em materiais midiáticos na contemporaneidade. Buscamos problematizar esses modos de ser, os quais constituem verdades sobre os sujeitos e um conjunto de práticas que operam na produção de subjetividades de crianças e adultos. Consideramos que esses discursos foram construídos ao longo da história por diferentes atravessamentos, e que acabaram por constituir os modos como compreendemos o que é ser criança e a noção de infância<sup>1</sup>, de forma circunscrita a um determinado repertório de possibilidades, difundidos hoje. A fundamentação teórica utilizada ancora-se na perspectiva teórica de Michel Foucault, principalmente em suas noções de *modos de subjetivação* e *governamentalidade*, em diálogo com a Psicologia Social, e em autores contemporâneos que discutem a infância.

Elegemos os materiais midiáticos como analisadores, pois nos possibilitaram evidenciar os processos de produção desses modos de ser criança. Salientamos que tais modos de ser são atravessados por um emaranhado de práticas e discursos que extrapolam as mídias. Mas consideramos esses veículos como um importante canal de visibilidade dessas práticas resultantes de efeitos de diferentes discursos.

Destacamos, assim, que o público infantil e a temática da infância cada vez mais ganham espaço na multiplicidade dos cenários midiáticos. Essa crescente participação nas mídias, possibilita que aquilo que é dito, geralmente por especialistas na temática e depoimentos dos pais/adultos, passe a circular na sociedade, dado o grande alcance dos veículos midiáticos, participando da constituição dos sujeitos, sejam crianças e/ou adultos.

Ao nos colocarmos em contato com esses materiais, passamos a olhá-los com mais atenção, permitindo suscitar estranhamentos e uma série de questionamentos a respeito da constituição da infância, como dispositivo, e das crianças, como sujeitos por ele produzidos. Desta forma, buscamos problematizar os processos de subjetivação em torno desse dispositivo, a partir de dois vetores constituídos por nós a partir da aproximação inicial com os materiais midiáticos: consumo e saber. Esses vetores foram escolhidos, pela quantidade de

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação, adotaremos a distinção entre criança e infância grafadas no singular e no plural. Embora não entendamos esses modos de existência como únicos e universais, utilizar-los-emos no singular ao nos remetermos às compreensões que as tratam a partir da unificação de seus modos de ser. E as tomaremos no plural, quando nos referirmos à multiplicidade de realidades que as compreendem, nos contrapondo à ideia de noções universais na existência humana.

materiais publicitários em que puderam ser identificados, incitando nosso estranhamento e inquietações frente a essa infância veiculada e naturalizada.

No entanto, problematizar a produção da infância e seus modos de subjetivação requer que atentemos também para as transformações nas relações entre as pessoas na contemporaneidade, de modo um pouco mais amplo. Para tanto, recorreremos às análises de Bauman (2001) que situa uma série de transformações nos modos como temos nos relacionado com os outros e com nós mesmos, no entrelaçamento com questões do campo econômico, político, social e cultural.

De acordo com o autor, que se utiliza da expressão modernidade líquida para analisar o tempo presente, vivemos hoje mudanças no convívio humano e nas condições sociais, vinculadas, por um lado, a uma maior fluidez da realidade, uma instabilidade de nossos projetos, perspectivas e relações. Por outro lado, vivenciamos uma sensação de aceleração dos acontecimentos que perpassa as mais variadas esferas da vida na sociedade contemporânea, seja vida pública e/ou privada.

Segundo o autor, diante dessas transformações, deparamo-nos com as dissoluções dos laços afetivos e sociais, tendo como efeito um crescente processo de individualização. Com ele, advém a sensação de liberdade e descompromisso, posicionando-nos como únicos responsáveis por nossos atos. Além dessas dissoluções, o autor considera que os relacionamentos entre indivíduos ganharam ares mercantis, remetendo a uma sensação de leveza e descompromisso, que muitas vezes é associada à liberdade individual (BAUMAN, 2001).

Nesse contexto, o autor nos sinaliza que passamos a construir nossas vidas a partir de referências dadas pelo mercado de consumo e, desta forma, os status de liberdade e de realização preconizados na sociedade se mostram relacionados ao consumo individual. Infundáveis oportunidades, desejos e realizações que nos são apresentados estão diretamente remetidos à ideia de liberdade, dada a clara percepção de que ser ou sentir-se livre relaciona-se proporcionalmente ao poder de aquisição. As identidades, assim, estão à disposição do consumidor. Ser é, para aqueles que podem, consumir. A todos os demais, resta a exclusão ao modelo burguês, moralizado e naturalizado.

As considerações de Bauman nos fazem refletir que, face esse cenário em que estamos inseridos, podemos pensar as práticas de consumo como a fronteira que marca a diferença entre as pessoas, em um mundo contemporâneo, que ainda não permite a partilha do consumo. Para ampliar essa reflexão acerca das transformações e das relações na contemporaneidade, recorreremos a Forrester (1997) que vai discorrer sobre o tema, principalmente, a partir de noções como emprego e trabalho. A autora formula uma crítica à estrutura de produção da sociedade em vivemos, apresentando as implicações do trabalho na sociedade atual, que sob a forma de emprego, passa a comandar todas as engrenagens da nossa civilização. As relações entre trabalho e forma de viver na sociedade contemporânea são tão próximas e entrelaçadas que nem, ao menos, questionamos sua necessidade, já que passamos a considerar o trabalho como aquilo que nos é vital, que rege nossa sobrevivência.

Diante disso, a autora aponta que os conceitos de trabalho e, por conseguinte, de desemprego tornaram-se ilusórios e inúteis, considerando a “mistura visceral, seja pelo prazer ou pelo sofrimento” (p.8) com que eles já fazem parte do modelo social e econômico construído por e para nós. Forrester defende que não é o desemprego em si que traz danos e sofrimentos aos “excluídos”, mas sim os efeitos que dele advém, como a inadequação social, pois os desempregados hoje não são mais objetos de uma marginalização provisória; eles são objetos de uma lógica do modelo que vivemos e são responsabilizados por sua situação. Ou seja, são considerados incompatíveis com uma sociedade da qual eles são produto.

Uma vez ligado a todos os âmbitos da sociedade atual, o trabalho, ou melhor dizendo, estar empregado, vai estar atrelado a ideia de ser útil à sociedade, ser lucrativo, ser consumidor. Com isso, a autora nos apresenta questionamentos valiosos para se pensar essa lógica: “É preciso ‘merecer’ viver para ter esse direito [ao trabalho]?” (p.12) e “Será ‘útil’ viver quando não se é lucrativo ao lucro?” (p.16).

Destacamos essas questões, pois se mostram bastantes lúcidas ao reportar nossa atenção para o contexto social atual, já que sinalizam aqueles que não têm acesso ao trabalho. O posicionamento da autora assinala como o conceito de emprego circunda a sociedade, mesmo quando a oferta de trabalhos não existe. Impõe-se aos sujeitos como condição e razão de sua existência justamente aquilo que está faltando! Como efeito, a situação de desemprego é vinculada de forma reiterada a ideia de crise econômica; ideia que Forrester recusa. Para a autora, não estamos passando por uma crise, mas por uma mutação, em que o mote é a modificação do sentido de trabalho. Dessa forma, embora não sejam abundantes as ofertas, e

muitas as recusas de contratações, um desempregado não é mais objeto de uma marginalização provisória, ocasional; ele passa a ser objeto de uma lógica que supõe a inexistência do trabalho. Sobre isso:

[...] Quando tomaremos consciência de que não há crise, nem crises, mas mutação? Não mutação de uma sociedade, mas mutação brutal de uma civilização? Participamos de uma nova era, sem conseguir observá-la. Sem admitir e nem sequer perceber que a era anterior desapareceu. Portanto, não podendo enterrá-la, passamos os dias a mumificá-la, a considerá-la atual em atividade, respeitando os rituais de uma dinâmica ausente. Por que essa projeção permanente de um mundo virtual, de uma sociedade sonâmbula devastada por problemas fictícios? – o único problema verdadeiro é que esses problemas não são mais problemas, mas, ao contrário, tornaram-se a norma dessa época ao mesmo tempo inaugural e crepuscular que não assumimos. (p.8)

No entanto, mesmo com a supressão das vagas de emprego, os desempregados são criticados e excluídos por viver em uma vida de miséria ou pela ameaça de que isso ocorra, já que para merecer viver, o indivíduo deve mostrar-se útil a sociedade, ser lucrativo. Com isso, o direito à vida passa, portanto, pelo dever de trabalhar, de estar empregado.

Diante deste sistema atual que tende à exclusão, ainda assim resta ao grande número de indivíduos, até os mais desfavorecidos, mais um papel a cumprir: o de consumidores. Contradição flagrante entre a precariedade criada desordenadamente e tão propalada expressão de um crescimento econômico bastante esperado, por assim dizer, apresentado como a solução de todos os males. Quer sejamos consumidores ou não, somos todos atravessados por discursos que nos incitam a consumir, e que mais do que isso, colocam o consumo como ancoragem daquilo que somos, aspecto para o qual converge tanto a análise de Bauman (2001) como a de Forrester (1997).

Feitas essas breves considerações sobre o cenário atual, entendemos que essas situações econômicas e sociais nos permitem problematizar, sobremaneira, os modos de subjetivação, reportando-nos para os modos de ser criança e de se relacionar com a infância na contemporaneidade. Fazemos essa relação, pois entendemos que esses modos de existência são construídos justamente pelas condições sociais que emergem em um dado momento histórico. Sendo assim, muitas das crianças que vivem sua infância hoje fazem parte de um mundo em que podem ter acesso às mais variadas informações e bens materiais, contudo também encontramos crianças que se relacionam e organizam o cotidiano de modo diferente. São crianças que estão à margem das tecnologias, do acesso aos produtos de consumo, que

vivem em condições precárias e vivem uma infância diferente da que é comumente visibilizada nas mídias – crianças submetidas ao horror econômico, como nomeia Forrester (1997).

Assim, a problematização dos modos de subjetivação e produção da infância precisa, necessariamente, atentar para as novas formas de organização social e aquilo que aí se constitui como modelo, referência, bem como seus avessos e refugos. De modo que é importante salientar que ainda com as disparidades sociais, que estabelecem limites expressivos aos indivíduos em relação às possibilidades de consumo, encontramos, principalmente nas mídias, o funcionamento de mecanismos de incitação contínua do desejo de consumir, atrelados ao modelo capitalista hegemônico, que por sua vez relaciona-se a produção de certos ideais de sujeitos em nossa sociedade.

Tomamos esse contexto como ponto de partida para, a partir daí, delinear algumas particularidades dos discursos contemporâneos sobre os modos de ser criança e de se relacionar com a infância que circulam nos veículos midiáticos, esquadrihados a partir dos vetores de consumo e de saber e, sobretudo, apontar seus compromissos com regimes de verdade que possibilitam o governo da infância.

Diante do exposto, os objetivos dessa dissertação são problematizar os modos de ser criança e se relacionar com a infância construídos na contemporaneidade a partir de materiais midiáticos, tomando os vetores consumo e saber. Desta maneira, buscamos também analisar as estratégias em funcionamento nas mídias que possibilitam a constituição desses modos de existência a partir de enunciados de consumo e saber; identificar o que se constitui como objeto de consumo e saber para as crianças; e problematizar o caráter normalizador dessas práticas pela análise dos “modelos” de infância e das crianças por eles produzidos.

Destacamos também que a importância deste estudo reside na visibilidade e reflexão sobre a produção de discursos sobre as infâncias, os quais, comumente, parecem seguir uma lógica natural e linear. Diante disso, pensamos que é preciso dar visibilidade às condições que acompanharam a produção dos discursos acerca da infância, à regulação dos seus saberes e dos jogos de poder que a constituem. Nesse sentido, a relevância deste estudo se deve à problematização dos modos de ser criança e de se relacionar com a infância, em que buscamos colocar em dúvida a naturalidade dos discursos e a sua normalização, tratando de analisar a rede de elementos implicada na sua produção.

Para tanto, cinco momentos tornam possível nosso propósito. No primeiro capítulo, apresentamos a trajetória percorrida para o delineamento desta pesquisa e tornamos explícita nossa proposição metodológica alinhada à pesquisa genealógica.

No segundo capítulo discutimos acerca da construção histórica da infância, buscando situar a não-linearidade de suas noções. Esse capítulo traz os seguintes pontos como acontecimentos que possibilitaram essa construção: o higienismo médico e sua influência no modelo familiar; as diferenças de gênero e o sentimento materno; e as relações entre imprensa, alfabetização e escola. Abordamos também a relação desses acontecimentos com as noções de biopolítica e biopoder.

No terceiro capítulo, discorremos acerca do dispositivo midiático e a produção de sujeitos-crianças como seus objetos discursivos. Para tanto, trabalhamos o conceito de dispositivo apresentado por Foucault, pensando o dispositivo midiático como uma das estratégias que operam no governo dos modos de ser e se relacionar com a infância.

As análises foram desdobradas nos dois capítulos seguintes. O quarto capítulo se refere às estratégias midiáticas identificadas nos materiais selecionados. Problematicamos como o dispositivo da infância é operacionalizado nos materiais midiáticos, apresentando estratégias que se mobilizam como condição de possibilidade para a produção de modos de existência.

Os vetores – consumo e saber, assim como as análises dos materiais em que aparecem, estão apresentados no quinto capítulo. Com relação ao vetor do consumo, apresentamos o que se constitui como objeto de consumo para as crianças; como se produz a criança consumidora e quais discursos posicionam e naturalizam as crianças como agentes das práticas de consumo. E a respeito do vetor do saber, trazemos em que campos se constituem os saberes sobre os quais as crianças são autorizadas a falar; como se produz a criança como agente do saber e quais discursos posicionam e naturalizam as crianças nessa posição.

E por fim, retomamos nas considerações finais a problematização dos modos de ser criança e se relacionar com a infância como indicativos de práticas normalizadoras e excludentes da pluralidade de infâncias atuais.



## 1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

### 1.1 Trajetória da pesquisa: mídias e modos de ser criança e se relacionar com a infância

A escolha pelo tema desta dissertação partiu, primeiramente, do interesse pessoal de tomar as mídias como objeto de análise, considerando-as como uma estratégia produtora de modos de subjetivação. Como isso, os modos de ser criança e se relacionar com a infância que eram enunciados e visibilizados nos veículos midiáticos nos capturaram na forma de estranhamentos que nos suscitavam questões como: Que crianças eram apresentadas nesses materiais? Que infância era essa? O que as mídias poderiam estar produzindo com a grande visibilidade que as crianças ganharam nesses veículos?

Como primeiro delineamento da pesquisa, então, escolhemos trabalhar com as mídias impressa e televisiva, dado os diferentes alcances que elas conseguem ter. Para as mídias impressas, elegemos as revistas Pais & Filhos<sup>2</sup>, Crescer<sup>3</sup> e Veja<sup>4</sup>. As duas primeiras, escolhemos por apresentarem a temática da infância e seus entornos como foco central, e por serem as revistas mais comercializadas no país dentro dessa temática. A revista Veja foi escolhida também pelo critério de ampla circulação nacional, e pela diversidade de temáticas que dispõem, não sendo focada na infância. Com relação às emissoras, buscamos escolher aquelas de maiores índices de audiência, como os canais abertos Globo e Record, que por serem veículos televisivos, atingem um público muito mais amplo que as revistas.

Outro ponto importante acerca dos materiais escolhidos é que, a princípio, todo material que apresentasse a imagem de crianças, ou apresentasse referência textual à infância ou crianças, foi considerado. Ressaltamos que, com relação aos materiais televisivos, optamos por selecionar materiais que fossem veiculados nos períodos matutino e noturno, devido à diversidade das programações apresentadas para diferentes faixas etárias. A fim de uma visualização e análise mais adequadas, apenas foram selecionados os materiais televisivos que puderam ser posteriormente acessados via internet, já que não tomamos programações específicas, mas sim conforme foram aparecendo randomicamente.

O período estipulado para seleção dos materiais midiáticos foi de junho a dezembro/2011, levando em consideração ser um período abrangente para visibilizar as

---

<sup>2</sup> Publicação mensal.

<sup>3</sup> Publicação mensal.

<sup>4</sup> Publicação semanal.

continuidades e descontinuidades dos discursos apresentados e o tempo necessário para a análise do material de acordo com o aprofundamento requerido por uma dissertação de mestrado.

Em posse dos materiais selecionados, tínhamos anúncios publicitários, reportagens informativas e educativas, que poderiam nos levar a vários delineamentos desta pesquisa. No entanto, chamaram-nos especial atenção, a princípio, duas noções que configuravam aspectos relacionados às crianças, e que identificamos a partir dos vetores consumo e saber. Essa escolha foi importante, pois utilizamos a aproximação dos materiais encontrados com os vetores consumo e saber como critério de inclusão e exclusão dos materiais que fizeram parte da pesquisa.

Com relação ao vetor consumo, buscamos analisar as relações das crianças com as práticas do consumo e como mediadoras do consumo para os adultos. O outro vetor – saber – nos direcionou a materiais em que as crianças eram posicionadas em relação ao domínio e transmissão de saberes para os adultos. Em torno desses vetores, buscamos discutir formas de produção e posicionamento das crianças e das infâncias na contemporaneidade. Faz-se necessário destacar que esses vetores se relacionam, de maneira que não os tomamos como excludentes. Isto é, consideramos que as crianças não aparecem ou como agentes do consumo ou agentes do saber, mas que essas posições podem e, provavelmente, se atravessam.

Após a separação dos materiais de acordo com os vetores, outra questão também nos interessou e nos fez retornar às revistas. Não necessariamente se relacionando com os vetores consumo e saber, interessou-nos a forma como alguns materiais da mídia impressa apresentavam os modos de ser criança e se relacionar com a infância: alguns traziam a questão de “diferentes” infâncias e outros apresentavam um caráter de “manual” ao trazer uma linguagem que busca “ensinar” aos pais como lidarem com seus filhos ou como se tornarem “melhores” pais. Selecionamos as matérias nas quais pudemos identificar esses tipos de textos, assim como materiais em que os depoimentos dos pais recebiam posição de destaque na diagramação da matéria.

Ao descrevermos a trajetória desta pesquisa, pensamos ser importante evidenciar algumas particularidades em relação às mídias escolhidas. As revistas Pais & Filhos e Crescer têm um público-alvo bastante restrito. Dirigem-se prioritariamente para “*a família, para a grávida, o grávido e para os pais de crianças até 12 anos*”, como as edições de Pais & Filhos

descrevem, em todas as publicações, antes de apresentar o sumário; e nas revistas Crescer encontramos: “*é a marca da mulher grávida e dos pais de crianças de até 8 anos*”. Nas publicações da Veja não é descrito explicitamente seu público-alvo, mas dados os conteúdos apresentados de caráter de atualização acerca dos mais variados acontecimentos mundiais, identificamos seu público-alvo como adultos.

No entanto, o que queremos salientar aqui é que os conteúdos dessas publicações orientam enunciados que se aproximam dos contextos sociais e econômicos vividos por um público-alvo pertencente, majoritariamente, às classes média e alta. Com relação aos materiais televisivos, por termos escolhido emissoras de canal aberto, essa distinção não se apresenta tão clara, considerando a ampla circulação desses materiais para um público diverso.

Esses são aspectos que buscamos também problematizar durante a análise, considerando os possíveis atravessamentos que podem suscitar, como a produção de um modo hegemônico de ser criança e se relacionar com a infância, mas que não corresponde e não abarca às diferentes infâncias que existem. Isso acaba por constituir práticas que tendem a normalizar alguns sujeitos e excluir outros, como efeitos dispersos de diferentes discursos que circulam e fazem circular sobre esses modos de existência.

A análise desses materiais escolhidos nos possibilitou evidenciar os processos por meio dos quais determinados modos de ser criança e se relacionar com a infância são produzidos, assim como identificar as estratégias de produção e veiculação dos modos de ser criança, suas normalizações, suas implicações nos modos de produção de subjetividades e formas de governamentalidade.

Por fim, apresentamos os materiais utilizados na análise proposta nesta pesquisa. Totalizaram-se 29 materiais<sup>5</sup>, desses 27 foram da mídia impressa e 02 da mídia televisiva. No quadro 01, identificamos o título da matéria ou a marca do anúncio (no caso das publicidades), o tipo do material (matéria, anúncio publicitário, teste), a fonte de onde retiramos o material, a edição, o vetor que identificamos, e acrescentamos nas observações os materiais que incluímos fora dos vetores.

---

<sup>5</sup> Os materiais apresentados nesta dissertação encontram-se descritos no apêndice A.

**Quadro 1 – Breve apresentação dos materiais utilizados na análise desta dissertação  
(continua)**

<b>Nº</b>	<b>Identificação</b>	<b>Tipo</b>	<b>Fonte</b>	<b>Edição</b>	<b>Vetor</b>	<b>Observação</b>
<b>01</b>	Marca PediaSure	Anúncio Publicitário	Pais & Filhos	Julho	Consumo	
<b>02</b>	Marca FischerPrice	Anúncio Publicitário	Pais & Filhos	Julho	Consumo	
<b>03</b>	Marca Natura	Anúncio Publicitário	Pais & Filhos	Julho	Consumo	
<b>04</b>	Família diferente, vida normal	Matéria	Pais & Filhos	Julho		Infância “diferente”
<b>05</b>	Pingo nos is	Matéria	Pais & Filhos	Agosto	Saber	
<b>06</b>	Como pensam os pais	Matéria	Pais & Filhos	Agosto		Manual para os pais
<b>07</b>	Abaixo a culpa!	Matéria	Pais & Filhos	Agosto		Manual para os pais
<b>08</b>	Introvertidos X Extrovertidos	Matéria	Pais & Filhos	Setembro		Manual para os pais
<b>09</b>	Banco Itaú	Anúncio Publicitário	Pais & Filhos	Outubro	Consumo	
<b>10</b>	No dia das crianças, um futuro de presente	Matéria	Pais & Filhos	Outubro	Consumo	
<b>11</b>	Caça ao tesouro	Matéria	Pais & Filhos	Outubro	Saber	
<b>12</b>	Brinquedo, brinquedo meu...	Matéria	Pais & Filhos	Dezembro	Consumo	
<b>13</b>	Tudo para você escolher a melhor escola	Matéria	Crescer	Julho	Consumo	
<b>14</b>	Funcionou comigo – Aqui o especialista é você	Seção da revista	Crescer	Julho		Manual para os pais
<b>15</b>	Marca Mundo do sítio	Anúncio publicitário	Crescer	Julho	Consumo	
<b>16</b>	Esse dinheiro é seu!	Matéria	Crescer	Julho	Consumo	
<b>17</b>	Como preparar seu filho para a vida	Matéria	Crescer	Agosto		Manual para os pais
<b>18</b>	Com a cabeça no mundo virtual	Matéria	Crescer	Agosto	Saber	

**Quadro 1 – Breve apresentação dos materiais utilizados na análise desta dissertação (conclusão)**

Nº	Identificação	Tipo	Fonte	Edição	Vetor	Observação
19	Marca Citröen	Anúncio publicitário	Crescer	Agosto	Consumo	
20	Você sabe o quanto sua família é verde?	Teste	Crescer	Agosto	Consumo	
21	O céu não é o limite	Matéria	Crescer	Novembro		Infância “diferente”
22	Dez inspirações para entender que a autoestima muda tudo	Matéria	Crescer	Novembro		Manual para os pais
23	Esse ano seu filho vai...	Matéria	Crescer	Dezembro		Manual para os pais
24	Criança também decide	Matéria	Crescer	Dezembro	Consumo	
25	Matrícula na hora certa	Matéria	Veja	28/09/2011	Consumo	
26	O bê-á-bá das finanças	Matéria	Veja	16/11/2011		Manual para os pais
27	Férias divertidas	Matéria	Veja	14/12/2011	Consumo	
28	Alunos participam do projeto AL TV	Matéria televisiva	Jornal AL TV - Globo	27/10/2011	Saber	
29	Cuidado com a aparência vira necessidade desde cedo	Matéria televisiva	Jornal da Record – Record	20/12/2011	Consumo	

Fonte: Autora, 2012.

## 1.2 Uma genealogia dos modos de ser criança e se relacionar com a infância a partir de materiais midiáticos

A proposta de construção dessa pesquisa se ancora no exercício que Michel Foucault faz ao problematizar os modos de existência, a partir de uma análise que toma o sujeito na trama histórica, afastando-se da ideia de um sujeito em sua essência humana e universal. Ao questionar os modos de ser criança e se relacionar com a infância que são veiculados pelas mídias atuais, buscamos compreender como as “verdades” que circulam nesses veículos produzem modos específicos de existência.

Para que seja possível indagar como construímos esses modos de subjetivação propomos, na realização desta pesquisa, o exercício de indagar sobre a produção e circulação de discursos que legitimam e fabricam os modos de ser criança e se relacionar com a infância,

através das práticas de assujeitamento<sup>6</sup>. Para tanto, optamos por trabalhar com a perspectiva genealógica foucaultiana, buscando desnaturalizar as noções evidenciadas na rede discursiva e histórica, implicadas na construção de determinados modos de ser relacionados com os vetores consumo e saber, bem como as condições de possibilidade envolvidas nas estratégias midiáticas para a ampla circulação de enunciados.

Tal perspectiva nos aproxima da proposta de trabalho com Foucault na Psicologia Social (GUARESCH; HÜNING, 2009), que busca tomar o processo de pesquisa como um movimento que coloca em questão não apenas os produtos do conhecimento, mas os próprios modos como fomos historicamente levados a construir as formas de pensar e agir. Ou seja, indagar o porquê pensamos e agimos desse jeito e não de outros jeitos. Ou ainda nos norteia a fazer uma história do presente, a história dos modos de ser criança e se relacionar com a infância que estamos construindo a partir das condições de possibilidades emergentes hoje.

Desta forma, buscamos dar visibilidade às séries discursivas que constituem os modos de existência preconizados, discorrendo sobre como devem ser os sujeitos-crianças e aqueles com quem elas se relacionam, fundamentalmente, os pais e mães. Com isso, a genealogia nos apresenta os princípios introduzidos por Foucault para a análise das produções histórico-discursivas, orientando-nos como o modo de questionar nosso objeto de análise, numa gama de procedimentos de desfamiliarização e de reconceitualizações (HOOK; HÜNING, 2009).

Nesse sentido, quisemos evidenciar a singularidade dos acontecimentos, suas discontinuidades e complexidades, opondo-nos às tendências de explicações universalizantes. Consideramos, assim, a produção da infância e dos modos de ser criança, como um processo histórico não-linear, pensando-o a partir da rede discursiva que o produz, e das rupturas e discontinuidades dessas noções. Para tanto, faz-se importante ressaltar que a genealogia não trabalha com as posições de essência ou identidade (HOOK; HÜNING, 2009).

Elegemos a mídia como campo discursivo para essa análise em função de sua potência na produção de regimes de verdade, os quais possibilitam que os discursos se tornem verdadeiros de acordo com as circunstâncias em que são enunciados. Nesta perspectiva, a

---

<sup>6</sup> É importante salientar que, embora analisemos os modos de ser criança e se relacionar com a infância, o alcance dos seus efeitos não atinge apenas as crianças, pois acabam por interpelar pessoas em todas as idades, ao produzir modos de ser, agir e pensar acerca do universo infantil e das crianças.

genealogia não está direcionada à descoberta da verdade, nem a produzir saberes mais verdadeiros, mas a evidenciar as relações entre os jogos de poder e saber e a produção de sujeitos. Como nos diz Foucault (2007) “É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica” (p. 7). Com isso, tomamos as mídias como um dos objetos que constituem essa trama histórica, que produzem os modos de ser criança e se relacionar com a infância na atualidade.

Dessa forma, no exercício da prática genealógica, consideramos importante assinalar as rupturas onde se pensava haver continuidades, permitindo assim, não apenas conhecer o passado, mas pôr em evidência também o presente, em suas condições de possibilidade para a emergência do objeto na atualidade (VEIGA-NETO, 2003). Devemos, nas palavras de Foucault (2007):

Demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente (p.21).

Consoante a isso, devemos estabelecer as complexas relações entre um tempo determinado, as verdades que são veiculadas, a materialidade da produção dessas verdades, as lutas em jogo e os modos de sujeição e subjetivação a elas correspondentes. Ao estabelecer um debate entre mídias e modos de subjetivação, Fischer (2002) pontua que é fundamental delimitar de que grupos estamos falando, de que época e de que lugar estamos tratando. Faz-se importante destacar, então, que: “não extrairemos das imagens representações acabadas, mas antes possibilidades de significação, datadas e bem localizadas, seja do ponto de vista daqueles que produziram e colocam em circulação, seja do ponto de vista daqueles que a receberam e, com ela, de alguma forma, interagiram” (FISCHER, 2002, p.83).

Essa análise nos remete, então, ao processo de governo dos indivíduos e de suas condutas. A questão do governo dos modos de existência nos interessa na medida em que podemos visualizá-lo nos modos pelos quais as pessoas são governadas a partir do dispositivo midiático como uma condição de adequação à sociedade contemporânea. Esse posicionamento nos permite problematizar a produção de subjetividades e os assujeitamentos incitados por essa política da verdade instituída a partir dos alinhamentos das estratégias midiáticas que orientam as condutas das pessoas, em seus modos de ser e agir.

Nossa proposta de explicitar as estratégias utilizadas pelas mídias permite concebê-las como um aparelho que coloca em operação uma série de tecnologias que têm por finalidade moldar e modelar as condutas infantis. Isso pela potência de que os discursos que circulam em seus veículos sejam tomados como verdades. No que concerne ao nosso tema de pesquisa, temos a produção de uma infância naturalizada que, se não for questionada de forma atenta, pode suprimir e tornar invisíveis a diversidade de infâncias que conhecemos e que existem (BUJES, 2002).

Demarcamos assim nossa compreensão de que não é possível reduzir a diversidade de formas de vida das crianças a uma só infância, universalizada e naturalizada. É preciso levar em consideração as diferentes infâncias que existem, sejam mais pobres, mais ricas, superprotegidas, abandonadas (DORNELLES, 2005).

Pensar as relações de poder a partir desse processo, consiste em tomá-las em seu exercício de conduzir condutas. Sobre isso, Foucault (2010b) destaca que devemos abandonar a visão tradicional do poder onde sua atuação se basearia fundamentalmente em seus aspectos negativos, como a proibição ou repressão. O autor nos faz pensar no poder como algo que produz: produz realidades, conhecimentos, modos de ser. Outro ponto relevante sobre o poder, é que ele se exerce em relação a algo, em um movimento contínuo. Não é algo que tenha propriedade ou que se adquira, o poder se exerce.

Foi necessário fazer esse apontamento, pois definimos os materiais midiáticos, como uma produção das articulações entre as relações de poder e as vontades de saber (BUJES, 2002). Nesse sentido, compreendemos que as crianças, bem como os adultos, são capturados pelas regulações do poder nessa conjugação da relação de produção de subjetividade e práticas de consumo. As estratégias utilizadas nos anúncios de produtos e serviços buscam produzir consumidores, mas, para além disso, visam produzir saberes sobre esses sujeitos.

A grande quantidade de materiais midiáticos encontrados a respeito da temática da infância, já nos sinaliza a intensificação da produção discursiva a seu respeito, fazendo com que os fenômenos relacionados com a população infantil passem a ser descritos, ordenados, calculados, categorizados, tornando as crianças e as infâncias alvos de determinadas instituições e foco de tecnologias de poder (BUJES, 2002).



Enfatizamos ainda, que além de se falar sobre as crianças ou sobre as infâncias, é frequente a participação das próprias crianças nas propagandas e nas mídias, o que lhes confere uma visibilidade significativa e posiciona-as como possíveis “responsáveis” pela sedução/convencimento do público (infantil e/ou adulto) em relação aos atributos, vantagens e possíveis recompensas dos produtos. Desse modo, as crianças assumem um lugar de interlocução pública, elas adquirem o direito de serem ouvidas publicamente, postulam o reconhecimento dos seus discursos e instituem uma forma específica de participação (SAMPAIO, 2000).

Destacamos nesta pesquisa, além da participação das crianças nas práticas de consumo, outros enunciados que as posicionam como detentoras de saberes e capacidades. Conforme Souza (2000), na sociedade atual, em que as tecnologias e as mídias ganham cada vez mais destaque, as crianças passam a conhecer e se relacionar com o mundo através da intensa e constante afinidade com as tecnologias, propiciando uma nova inserção na cultura, em que suas identificações passam a ser mediadas na ordem do virtual.

É principalmente essa relação com as tecnologias que nos remete ao segundo vetor de análise proposto nesta pesquisa, as relações das crianças com o domínio e transmissão de saberes para os adultos. Retomando os estudos de Ariès (1981), podemos afirmar que a criança desde o século XVII era vista como aprendiz, aquele que deve receber ensinamentos e ser educado pelos adultos. No entanto, sinalizamos a não-continuidade dessa noção de “ser criança”, ao serem veiculados nas mídias, enunciados que posicionam as crianças de outra maneira, como “educadoras” do adulto.

Sobre isso, Postman (1999) considera que as mídias, em especial a televisão e a internet, propõem um desafio tanto à autoridade do adulto como à curiosidade das crianças. Devido à facilidade de acesso às informações, as crianças confiariam mais em notícias veiculadas na mídia do que na autoridade do adulto. Steinberg e Kincheloe (2001) também apontam essa ideia, considerando que os adultos perderam a autoridade que tinham antes por saberem coisas que as crianças não sabiam, já que agora as crianças têm acesso aos produtores de informações. Para os autores, esta mudança no acesso ao conhecimento (antes restrito ao adulto) sobre o mundo, bem como a mudança que produz nos modos de ser criança e se relacionar com a infância têm minado as noções tradicionais de infância.

Ainda que estas formas discursivas não sejam uma novidade, nem uma unanimidade, tais concepções estão incorporadas nos modos de ser e agir construídos como modos de existência para as crianças. Conforme Bujes (2002), são essas formas de constituir que engendram, num mesmo movimento, as formas práticas das estratégias de governo desses sujeitos-crianças.

No contato com os materiais, alguns questionamentos surgiram: Quais os modos de ser criança e se relacionar com a infância que podem ser identificados nos materiais midiáticos? O que vai se constituir como objeto de consumo e saber para as crianças? O que se mobiliza quando as crianças são mediadoras do consumo e do saber? Que discursos e saberes posicionam e naturalizam esses modos de existência?

Na busca de delinear contornos para essas questões foi possível identificar alguns efeitos dos saberes e dos poderes, no que se refere aos modos de ser criança e se relacionar com a infância que são aceitos e, sobremaneira, normatizados em nosso momento histórico. É parte desse percurso genealógico que propomos, a análise das relações entre saber e poder, pois elas darão conta dos efeitos que a normalização e inclusão (e conseqüentemente a exclusão) dos modos de existência dos sujeitos, permitem a atribuição de um juízo de valor pelo qual os incluídos estão em vantagem sobre os excluídos. Ao passo que nomeando suas existências e modos de ser, o dispositivo midiático assume uma posição de controle sobre as condutas dos sujeitos-crianças e dos que estão ao seu redor.

Segundo Foucault (2010b), a normatização é uma invenção que tem como propósito delimitar os limites da existência, a partir do que se estabelece dentro de uma homogeneidade, que é regra e introduz uma gradação das diferenças individuais, para os quais as práticas de normalização devem se voltar. A norma, portanto, marca a existência de modos de ser tomados como ideais e que servem para mostrar e demarcar também aqueles que estão fora da curva da normalidade. Para tanto, insta frisar que a norma, que vai instituir os iguais, também é utilizada para normalizar as diferenças.

Isso nos orienta a refletir a respeito do que se lança mão para excluir quem está fora dessas normas, ao mesmo tempo em que se pretende alinhar os que dela fazem parte. É, então, através dos saberes e poderes que instituem a norma que surge a finalidade de conhecer, classificar e distribuir os sujeitos. A construção do que é instituído como norma se dá através da articulação de regimes de saber, poder e dispositivos, como o aqui estudado, midiático, que

incluem ou excluem os indivíduos, funcionando como uma regulação social. De forma que os modos de ser criança e se relacionar com a infância socialmente aceitos e valorizados são também representados positivamente como modelos para regular as condutas e ações dos indivíduos em geral.

Temos hoje um conjunto de normas pedagógicas, psicológicas, médicas, que são vistas como naturais e que se impõem na descrição e nomeação dos corpos dos sujeitos- crianças e adultos. Porém, nesse conjunto de normas, identidades como as de raça, gênero, classe social, etnia e outras acabam muitas vezes sendo suprimidas, pois o foco de atenção é o sujeito que se adéqua ao definido pela norma, e o que fazer para continuar a governá-lo.

Temos assim o exercício de uma prática genealógica que nos norteia à problematização dos modos de existência tomados como evidentes na configuração do tecido social, tratando de ressaltar aquilo que marca a singularidade e o caráter construído das noções vigentes. Tomando isso como base, o processo de construção dessa dissertação não busca as verdades ou origens sobre os modos de ser criança e se relacionar com a infância, mas as condições de possibilidade para o aparecimento de enunciados que se reportam a esses modos de ser nos veículos midiáticos, em torno dos vetores consumo e saber. Consequentemente, possibilita-nos a analisar os modos como hoje produzimos formas hegemônicas de explicação sobre como são as crianças e como devemos nos relacionar com a infância.

## 2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA

### 2.1 Acontecimentos que marcam a produção da infância

Neste capítulo são colocadas *em evidência as condições históricas para a emergência de acontecimentos voltados para a produção da infância*. Como uma forma de problematizar os modos de ser criança e se relacionar com a infância produzidos na contemporaneidade, consideramos válido, para uma prática genealógica, explicitar os regimes de verdade que sustentaram, em diferentes épocas, os modos de subjetivação relacionados aos modelos de infância e de crianças produzidos.

Optamos por marcar os acontecimentos históricos da produção da infância a partir dos seguintes pontos: o higienismo médico e sua influência no modelo familiar; as diferenças de gênero e o sentimento materno; e as relações entre imprensa, alfabetização e escola. Ao final desse capítulo, abordamos a relação desses elementos com as noções foucaultianas de biopolítica e biopoder, e a produção e governo da infância. Consideramos que o delineamento das condições de emergência, tomando esses aspectos como norteadores, direciona-nos para os modos como as crianças e seus entornos se tornaram alvos das estratégias de governo das condutas. Nessa linha, tomamos os acontecimentos históricos como fundamentais para se visibilizar os mecanismos de produção e assujeitamento que se colocam em movimento para a instituição de modos de ser criança e se relacionar com a infância tornados hegemônicos.

#### 2.1.1 Higienismo médico e sua influência no modelo familiar

A história da produção da infância começa a delinear contornos próprios entre os séculos XVI e XVIII (ARIÈS,1981), a partir de algumas práticas bastante comuns que atentam para a construção do sujeito-criança, devido às transformações sociais e culturais ocorridas em diferentes localidades. Afastando-nos da perspectiva de tomar a infância como um processo natural dos indivíduos, buscamos explorar as condições de possibilidade históricas, sociais e culturais, que proporcionaram a emergência da ideia de infância que conhecemos hoje.

Partindo dos estudos de Ariès (1981), vemos que até o século XII a infância não era percebida na sociedade. Em pinturas da época, as crianças eram reproduzidas como adultos

em miniatura, apenas seu tamanho as distinguia dos adultos e não havia nenhuma diferença na expressão ou nos traços. Nessas cenas, a presença das crianças se dava sem destaque, dentro de um grupo, quase sempre familiar. Desta forma, estava a vida cotidiana das crianças, tanto nas pinturas como na sociedade, sem distinção com a os adultos (ARIÈS, 1981).

O autor destaca também que as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, tanto na maneira de se vestir, como na participação ativa em reuniões e festas. Os adultos se relacionavam com as crianças sem discriminações, tudo era permitido, realizado e discutido na sua presença, pois não acreditavam na possibilidade da existência de uma inocência pueril, ou na diferença de características entre adultos e crianças. Dessa forma, as crianças eram submetidas e preparadas para as atividades dentro da organização social. Nas palavras de Ariès: “[...] até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 1981, p. 39).

Segundo o autor, uma caracterização da fase da infância, nessa época, seria a ausência da fala e por comportamentos irracionais. Nesse sentido, a infância se contraporía à vida adulta, pois os comportamentos considerados “racionais” seriam encontrados apenas no indivíduo adulto, identificando-o, assim, como aquele que pensa, raciocina e age, com capacidade para alterar o mundo que o cerca; tal capacidade não seria possível às crianças. A infância passa a se delinear, assim, como uma condição de “vir a ser” com a passagem da vida adulta.

Nesse contexto, o sentimento de amor materno não existia como uma referência à afetividade, o que posiciona a família como social e não sentimental. No entanto, no século XVII e mais intensamente no século XVIII – século das luzes - houve grandes mudanças em relação à criança. Foi o período no qual começou a surgir uma nova concepção de infância, até mesmo na forma de vesti-la, que até então era muito semelhante a do adulto. A criança, então, deixa de ser vista pela família como um adulto em miniatura ou ser incompleto, sem importância no seio familiar, para mais tarde, no século XVIII, começar a ser entendida como ser humano em processo de formação e desenvolvimento, que necessitava de cuidados específicos.

Outro aspecto que consideramos significativo na história da infância, e que está relacionado às formas como historicamente fomos construindo as relações com a infância e instituindo modos de cuidado, é o funcionamento do dispositivo da “roda dos expostos”.

Embora a roda não tenha passado de um restrito episódio, localizado em poucos países, como Itália, França, Alemanha, Portugal e Brasil, e durante alguns séculos somente, marcamos esse funcionamento como um mecanismo que merece ser descrito. Isso porque foi um dispositivo institucionalmente constituído de atendimento à infância enjeitada, situando-nos, neste contexto, a respeito da não valorização social da função materna e de seu correspondente, as crianças (CORAZZA, 2004).

Segundo Corazza (2004), desde a antiguidade até os séculos XII e XIII, algumas crianças recém-nascidas, ou nos primeiros dias, meses, anos de vida, eram deixadas pela mãe, pai ou ambos, em qualquer lugar, como lixo, em vias públicas, na entrada de casa aristocráticas, em portas de igrejas, hospitais. Essas crianças eram chamadas de “enjeitadas”, “achadas”, “abandonadas”, mas o termo genérico e corrente com o qual foram historicamente designadas consistiu em “crianças expostas”.

A “exposição” foi sendo tratada das mais diversas formas, a partir do período do Renascimento até a Modernidade (nos referimos ao período entre os séculos XIV e XVIII). Sendo nessa última, quando se constituiu como uma questão de governo para os Estados, devido à necessidade de aumentar e regular a população, distribuir e agrupar os indivíduos nas cidades e vilas, e administrar os recursos na gestão econômica das riquezas. Nessa época, a Igreja Católica também condenou a prática da “exposição”, assim como o aborto e o infanticídio, providenciando a institucionalização do recolhimento das expostas (CORAZZA, 2004).

A partir disso, foi designado o nome de “Roda” para o dispositivo onde eram depositadas as crianças em instituições caritativas. A autora descreve: “A Roda consistia em um cilindro de madeira, incrustado em uma parede de pedra, onde era preso por um eixo vertical que a fazia girar, com uma parte da superfície lateral aberta, por onde eram introduzidas as crianças” (CORAZZA, 2004, p.70).

Nesse período, era frequente o fato de os casamentos acontecerem a partir de interesses econômicos e sociais, embora muitas vezes nascessem filhos de relacionamentos que não eram socialmente aceitos, como filhos de escravas com seus senhores ou filhos de casais que mantinham relacionamentos escondidos da família, o que inevitavelmente, causava abandono de crianças indesejadas e maus-tratos, o que criou a necessidade da implantação das casas de roda, igualmente conhecidas por roda dos expostos ou casa dos enjeitados,

instituições que tinham como objetivo caritativo-assistencial recolher as crianças abandonadas (CORAZZA, 2004; LUENGO, 2010).

Por conta disso, as casas de roda tornaram-se um grande depósito de crianças expostas. Embora essas casas tenham sido fundadas e mantidas com o intuito de proteger a honra da família e a vida da infância, houve um abuso por parte de homens e mulheres que passaram a ver a roda como uma alternativa para encobrir suas transgressões sexuais, ou seja, estavam certos de que poderiam esconder filhos ilegítimos ou rejeitados num local onde seriam bem tratados, sem prejuízo da própria imagem. Com isso, a roda incitava a libertinagem, o que desembocou uma superpopulação de crianças abandonadas, que chegavam muitas vezes à beira da morte em um lugar no qual obtinham atenção precária (LUENGO, 2010).

Segundo Luengo (2010), por conta da enorme quantidade de crianças abandonadas na roda, surgiu um novo tipo de trabalho para as mulheres que buscavam uma forma de sustento, ser ama de leite das crianças abandonadas na roda. As amas de leite mercenárias, como eram chamadas, amamentavam sem nenhum comprometimento nem higiene e muito menos afeto, o que acarretava morte prematura de muitas crianças dentro das instituições, que eram tidas como perdas eventuais.

Por motivos como a falta de higiene e de recursos econômicos para manter seus abrigados, o dispositivo da roda foi extinto entre os séculos XVIII e XIX nos países da Europa e no Brasil. Nesse período, o movimento higienista começa a ganhar terreno no Brasil em um contexto bastante específico. Diante da ineficácia na ordenação do meio urbano, o Estado começa a estabelecer uma estratégia: a inserção da medicina higiênica no governo político dos indivíduos (CORAZZA, 2004).

Esta intervenção médica, que pretendia restabelecer a ordem nas cidades brasileiras, começa a delinear uma série de transformações no que se refere à organização do espaço da cidade e da estrutura social. Com a inscrição da saúde na política do Estado, o saber médico passa a operar sobre diversos fenômenos físicos, humanos e sociais, estabelecendo, para cada

campo, políticas específicas. Dentre estas, as ações direcionadas à família e à escola<sup>7</sup> ocuparam um lugar estratégico.

A atuação higiênica da medicina, na tentativa de organizar o espaço urbano, encontrava na família um forte opositor, pois, frequentemente, os hábitos e condutas que seguiam a tradição familiar levavam os indivíduos a não se subordinarem aos objetivos do Estado. Na tentativa de solucionar essa resistência, a medicina social buscou estratégias para tornar a família sua aliada. Assim, buscaram-se mostrar os ganhos advindos dos cuidados médicos, valorizar a vida e tomar a família como uma rede complexa de identidades, adultos e crianças, homens e mulheres.

Estas construções, da organização da família brasileira em torno dos ideais higiênicos, sofreram influências das transformações sociais que operaram no contexto político e econômico da Revolução Industrial na Europa no século XVIII. Ao mesmo tempo em que se estabelecia a industrialização na Europa, transformando as relações sociais, a consolidação e o avanço de conhecimentos científicos, principalmente, no campo da medicina, promovia uma significativa diminuição na mortalidade infantil. Descobertas como as vacinas, a possibilidade de pasteurização do leite de vaca, o controle da natalidade cada vez mais difundido através das práticas contraceptivas, entre outras, situam o saber médico em um lugar preponderante nas discussões sobre a criança (LUENGO, 2010).

Colocamos, assim, em destaque o século XVIII pela grande mudança com relação à imagem da infância. No entanto, faz-se necessário frisar que nem os efeitos nem a forma de intervenção com vistas aos cuidados das crianças foi a mesma para ricos e pobres. Assim, sob a perspectiva de Donzelot (1986), é de particular significação na história da ação dos médicos-higienistas o fato de, para as famílias burguesas, a intervenção, voltada ao cuidado das crianças, se deu por meio do estabelecimento de aliança entre família e medicina. Ou seja, difundir um conjunto de conhecimentos e de técnicas para que os cuidados com as crianças fiquem sob a vigilância dos pais. Para as famílias populares, os preceitos higiênicos foram colocados em funcionamento, segundo os planos da economia social. Neste caso, a ideia era agrupar, sob a etiqueta de “economia social” todas as formas de direção da vida dos pobres com o objetivo de diminuir o custo social de sua reprodução e de obter um número desejável de trabalhadores com um mínimo de gastos públicos, impedindo-os do disfarçado abandono

---

<sup>7</sup> A respeito das ações direcionadas à escola, trataremos no tópico Relações entre a imprensa, alfabetização e escola.



de crianças em casa de amas de leite ou nas casas de roda – algo que onerava a economia do Estado.

No que diz respeito a esse acontecimento no território nacional, os efeitos do processo de industrialização e de valorização do discurso científico com o uma verdade, começaram a ter repercussão no início do século XX. Estes fatores foram determinantes para que o saber médico fosse utilizado com o objetivo de disciplinar a elite que emergia contestando o poder do Estado e controlar o crescente contingente populacional marginalizado (DONZELOT, 1986). Neste sentido, as críticas dos higienistas a duas práticas tradicionais, a Roda dos Expostos e o aleitamento mercenário, até então amplamente utilizadas, passam a ser paradigmas para as investidas da medicina social no campo da família e da infância.

As críticas ao uso da Roda e de amas mercenárias surgem com objetivo de reformular a conduta das mulheres em relação aos cuidados com seus filhos, o que passou a ser defendidos pelos médicos higienistas como fundamentais durante toda a primeira infância. O aleitamento materno passa, então, a ser valorizado, pois mantém os laços entre a criança e sua mãe.

Aliada a estas condições do infantil, há que se considerar, que as características da época, faziam dessas práticas, ações comuns e não condenáveis. Um bom exemplo disso é o próprio contexto em que o corpo não tinha semelhante valor de mercado, tal como concebido na época industrial. O corpo era visto com desprezo, tanto devido aos valores próprios ao cristianismo, como também pelo estado de precariedade das situações demográfica e biológica que se encontravam (CORAZZA, 2004).

### 2.1.2 Diferenças de gênero e o sentimento materno

Tomamos as relações de gênero como um dos acontecimentos na produção da infância, pois é a partir da diferenciação de papéis entre homens e mulheres, que uma prática de cuidados com a infância pôde se constituir. Dizemos isso, pois para operar na vida desses recém “descobertos” sujeitos-crianças, foi preciso convencer cada vez mais as mães a se aplicarem nas tarefas que até então estavam esquecidas ou afastadas de seu cotidiano. Havia de ser fundamental o entendimento e a proliferação de discursos que associavam as palavras “amor” e “materno” – o que significava não só a promoção de um sentimento, mas a

importância considerável que a mulher passa a assumir dentro da esfera familiar (MARCELLO, 2009).

A valorização da posição de sujeito da mãe frente aos cuidados dos filhos a permite assumir o papel de uma “agente” vital do biopoder. As mães são encorajadas a amamentar seus filhos, fato este que marca profundamente as formas de conceber as relações de gênero na sociedade, elegendo a figura materna como protagonista das relações de subsistência entre os seres humanos na primeira etapa de suas vidas, tornando a amamentação um fato “natural” (DONZELOT, 1986).

Marcello (2009) salienta que, ainda no final do século XVIII, foi possível também enunciar uma diferença entre os sexos. Até então, privilegiava-se o entendimento de um sexo único e, portanto, regulatório – qual seja, o masculino. Este modelo de sexo único foi constituído desde a filosofia grega e perdurou até a Revolução Francesa – período em que não conseguiu garantir a legitimidade e sua consolidação. Os ideais de igualdade entre os cidadãos participantes deste movimento histórico se impuseram de tal forma que se tornou insustentável a manutenção da hierarquia proposta pelo modelo do sexo único, pois a caracterização do corpo não buscava mais semelhança entre eles, mas suas diferenças, com fundamento na desigualdade natural. Houve, assim, necessidade contingente da promoção de uma diferenciação entre homens e mulheres para que essa garantia fosse retoricamente almejada.

Sendo assim, a ideia de uma diferença sexual é recente. A partir dessa diferenciação fez-se possível a inserção política e o cumprimento de papéis sociais desiguais entre homens e mulheres. Diferenciados, homens e mulheres tiveram suas funções marcadas pelo determinismo natural de seus corpos. Com a devida legitimação do discurso da ciência, foram delineadas as finalidades que cada qual deveria cumprir no âmbito social, econômico, cultural da sociedade. Com isso, a garantia de que a mulher fosse condenada ao espaço privado do lar e nele desempenhasse um exercício legitimado – qual seja, sua “governabilidade” – foi ampliada (MARCELLO, 2009).

A instauração dessa nova lógica coloca em funcionamento como fator principal a questão da reprodução da espécie. Foi a partir da ideia de diferenciação sexual que a maternidade pôde ter seu sentido marcado pela ordem instintiva, de forma que se fez da prática materna uma condição do “ser mulher”. Historicamente e a partir da ciência da época,

o controle, o detalhamento e a minúcia de elementos do corpo feminino fizeram com que fossem promovidas condições de possibilidade concretas para instituir a maternidade como uma finalidade biológica e fazer com o que o sujeito-mulher dialogasse e interagisse com o sujeito-mãe – o que marca a concepção de maternidade que perdurou durante o século XIX e que persiste até hoje.

Tais investidas sobre os corpos e seus respectivos procedimentos de diferenciação, demarcaram não apenas posições para homens e mulheres, mas relacionaram-se a novas formas de investimentos e cuidados sobre as crianças. Constituem-se, desse modo, um dos marcadores históricos que podemos associar a constituição da infância. Como veremos adiante, o apelo a tais posições atravessará, na contemporaneidade, os discursos sobre o que é ser criança e formas específicas de se relacionar com ela, articulando as questões de um modelo de família, inicialmente pontuadas, com as relações de gênero instituídas.

### 2.1.3 Relações entre imprensa, alfabetização e escola

Postman (1999) descreve mais um fator que possibilitou modificações nos modos de ser criança - o surgimento da tipografia, no século XV. Através do advento da imprensa foi possível a propagação do conhecimento e o hábito individual da leitura pôde se instituir. Essa mudança proporcionou outra etapa no desenvolvimento infantil, já que após o domínio da linguagem oral, a criança tinha que desenvolver as habilidades para dominar a escrita, apenas desta forma ela poderia ter acesso às informações que os adultos dominavam. A partir daí, a idade adulta tinha que ser conquistada, já que longe de expressar apenas uma fase biológica do desenvolvimento humano, era moldada na esfera da cultura.

Desta forma, com a chegada da imprensa, aumentou a necessidade da alfabetização, porém acreditava-se que somente o adulto era capaz de aprender, pois a criança ainda não era dotada de razão. Havia, assim, um marco de passagem entre a infância (ser sem razão e sem cultura) e a fase adulta (ser com razão e capaz de aprender). Ao considerar que deter a exclusividade da informação é o que marcaria os membros de um determinado grupo, as crianças pertenceriam ao grupo de pessoas que não sabiam certas coisas que seriam inadequadas para suas idades.

Nesse sentido, Postman (1999) aponta que a alfabetização das crianças, juntamente com a difusão da imprensa (e isso já se estende à atualidade), propiciou que os segredos fossem acessíveis a todos, sem distinção de idade. O efeito dessa situação foi eliminar a exclusividade do conhecimento mundano e, portanto, como afirma o autor, suprimir uma das principais diferenças entre a infância e a idade adulta.

Assim, se até então as crianças não tinham importância social, como descreve Ariès, a partir do século XVII começa a existir por parte da família um interesse pelo desenvolvimento físico-emocional dos filhos, começando a tratá-los de maneira mais individualizada. Essa percepção fez surgir uma preocupação em separar o mundo infantil do mundo adulto, fazendo surgir, assim, a necessidade de escolas com o intuito de alfabetizar, para que a humanidade deixasse a ignorância. Dessa forma, a escola passou a ser o lugar da infância, e a criança deixou de aprender somente na convivência com os adultos que lhe eram próximos. Começou, assim, um longo processo de escolarização das crianças que se estenderia até nossos dias (ARIÈS, 1981).

Se antes os cuidados infantis se reduziam à assistência caritativa, a partir daquele momento passou a ter outro valor. Com a necessidade da alfabetização, a escola passou a ser o espaço primordial da infância e seria lá o lugar mais apropriado para a medicina influenciar o comportamento de cada aluno, imprimindo ali o seu poder, visto que a família estaria beneficiada com a modificação das condutas infantis (LUENGO, 2010). Dessa forma, sob o controle do Estado, passa-se a pensar que, em vez de castigar os cidadãos, deveriam prevenir a indisciplina em prol do adulto de amanhã, construindo seres sujeitáveis e submissos (PASSETTI, 2010).

Ao olhar as crianças de outra forma, tomadas como uma prioridade do Estado, a sociedade passou a se preocupar mais com a saúde e o bem-estar infantil, pensando na importância de cuidar dos primeiros anos de vida para garantir a sua sobrevivência, preparando-a para um bom desenvolvimento físico e moral. Pensou-se na escola como o local apropriado que pudesse dar continuidade à ordem social. A ética e os valores ordenavam as condutas no convívio social, modelando o indivíduo para que sua vida privada e familiar seguisse atrelada aos anseios políticos de uma determinada classe social, a burguesia.

Assim, ao final do século XVIII, era essencial que se fizessem produzir cidadãos que seriam a força de trabalho, a riqueza do Estado. Dentro desse contexto, garantir a

sobrevivência das crianças se constituía em um novo valor, em oposição ao Antigo Regime, no qual as crianças não sobreviviam às precariedades em seus cuidados. Iniciava-se, desta maneira, um processo de incentivo às famílias para o cuidado desta fase que agora se tornara um problema do Estado, a infância.

## **2. 2 Estratégias biopolíticas e o biopoder no governo da infância**

Como podemos acompanhar pelos elementos já pontuados, que certamente não contemplam todos os que aqui poderiam figurar, é importante salientar que a produção da infância, encontra-se no emaranhado de práticas constitutivas responsáveis não somente pelas noções de infância e modos de ser criança, mas proliferam agentes e discursos com inspirações e pretensões diversas, como instituir questões como a família, a escola, a maternidade/paternidade e a higiene social.

A proliferação dessas noções que compõem leva-nos à perspectiva foucaultiana, do exercício da biopolítica. A noção de biopolítica corresponde a um campo de práticas, responsáveis por tornar numerosas as tecnologias políticas, que investem sobre o corpo da população, ou seja, sobre a saúde, hábitos de alimentação, habitação, sobre as condições de vida e de existência. Portanto, estas tecnologias foram direcionadas ao desenvolvimento da qualidade da população e da potência da nação (FOUCAULT, 2011).

Com relação aos modos de ser criança e se relacionar com a infância, essa estratégia é importante para tornar visíveis como os modos de existência são colocados como uma preocupação e alvo de investimentos. Nesse sentido, tomamos a constituição de um o modelo familiar específico, das práticas médico-higienistas, das relações de gênero e advento da imprensa como um conjunto de acontecimentos que instituíram modos de ser sujeito, ou seja, os modos pelos quais as crianças tornaram-se sujeitos, vinculados a estratégias biopolíticas de governo dessa população.

Segundo Foucault (2011), as táticas que possibilitam que nos tornemos sujeitos de determinado tipo dizem respeito aos “modos de subjetivação”, isto é, os meios pelos quais somos capturados por relações de forças implicadas no processo de produção da subjetividade a partir do seu caráter de controle. Sendo assim, certos saberes, práticas e técnicas presentes em diversos dispositivos aos quais nos conectamos ou somos conectados são considerados

modos que nos subjetivam, engendrando-nos e constituindo-nos à medida que atuam como tipos normativos que “propõem” modos de ser.

Como vimos anteriormente, acontecimentos que marcaram as descontinuidades da noção de infância ao longo do tempo surgem como práticas fundamentalmente atreladas aos modos de existência dos indivíduos. O controle minucioso das condutas e das formas de pensar a infância, relacionado ao parâmetro de sociedade de normalização cria uma relação de saberes e poderes que estabelece a família organizada em torno dos modos de ser criança como elemento balizador a partir dos quais determinados modos de ser são constituídos e tidos como “normais” e outros não.

A família passa, então, a adquirir uma importância no cuidado com as crianças, um espaço imediato de sobrevivência e evolução. E, obviamente, o papel da mãe obtém um sentido maior, torna-se um sujeito passível de valor, a ser cultivado, ensinado, domesticado na medida em que a criança passa a ser vista como um indivíduo inocente, vulnerável e merecedor de cuidados específicos. Frente a esse novo investimento que se fez necessário sobre a vida, não só a infância, mas também a maternidade tornava-se um “problema”: há que se melhor instruí-la, fazer dela alvo de controle, de objeto de saber e de discursos para seu melhor gerenciamento (MARCELLO, 2009).

O biopoder entra em jogo para a produção de uma nova sociedade que posiciona a mulher como responsável pelo futuro de seus filhos. Foucault (2008) denomina como biopoder a administração dos corpos, revelada por uma anatomia política onde o corpo humano é tratado como máquina (em especial através dos mecanismos articulados pelo poder disciplinar). E uma das estratégias utilizadas na garantia desse efeito foi o pensamento médico-higienista, que se apresenta como uma das formas disciplinares que surgiram com o objetivo de reestruturar o núcleo familiar. A princípio, a disciplina passa a operar nas relações entre mães e seus filhos, para possibilitar condições de produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos domesticados, higienizados e individualizados, que se tornariam úteis e aptos a colaborar com o progresso da cidade, do estado e da pátria (LUENGO, 2010).

Nesse intenso desejo de progresso, a introdução dos saberes médicos foi mais um dos marcos na história social da produção da infância, visibilizando uma ruptura na noção de infância até então constituída como “desvalida” ou “infeliz”. A identidade infantil, então, passa a ser sujeitada pelo funcionamento de práticas médicas, que partem de um ideal de

comportamento em que todo e qualquer indivíduo que não seguisse às normas era considerado fora do padrão desejado.

Segundo Luengo (2010), a família estava sendo dominada lentamente, tomada por pequenos poderes que eram representados por agentes do Estado, responsáveis pela divisão dos padrões de comportamento social em legais e normativos, buscando a universalização de novos valores, principalmente o de acreditar na supervalorização do Estado em relação à família, regulando os indivíduos para que se adaptassem à ordem imposta pelo poder, não apenas para abolir as condutas inaceitáveis, mas também para incorporar as novas práticas e sentimentos.

Também a escola passa a ser moldada segundo os códigos de normalização, tornando-se em local de constante de vigilância, controle e de militância moral. Um modelo de regulação disciplinar foi sendo desenhado e construído progressivamente, invadindo a forma de funcionamento da instituição e aos poucos foi se configurando o espaço da escola como instrumento de sujeição, no qual várias formas de disciplinarização foram se estabelecendo. A escola se tornou o lugar apropriado para cultivar os bons hábitos na infância, cujo objetivo seria buscar a harmonização do corpo e do espírito com o alcance da disciplina, enquanto o educador passou a representar um “identificador de anormalidades”.

Ainda pensando nas instituições pedagógicas como um dos dispositivos em funcionamento para a disciplinarização das crianças, Foucault, em sua obra *História da Sexualidade* (2011), discute como o discurso sobre a sexualidade, nas escolas, definia uma norma do desenvolvimento sexual, cuidadosamente caracterizando todos os desvios possíveis, organizados controles pedagógicos e tratamentos médicos, todos destinados à “correção” de crianças que estariam fora da normalidade.

Aliada aos saberes da medicina, a pedagogização atravessava também os ambientes familiares, sempre visando a obtenção de um maior controle desses corpos. Nesse sentido, uma das ordens da época era a necessária separação entre adultos e crianças, efetivada na polaridade estabelecida entre os quartos de dormir. Também era uma preocupação a segregação de meninos e meninas nas escolas e nos dormitórios; toda uma atenção concentrada na sexualidade infantil, nos supostos perigos da masturbação, importância atribuída à puberdade, métodos de vigilância sugeridos aos pais... Tudo faz da família, mesmo

reduzida às suas menores dimensões, uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis.

Foucault (2011) destaca que o século XVIII, período conhecido como repressivo, apresenta-se, muito mais, como um período em que diversas estratégias foram postas em ação em mecanismos de incitação e multiplicação a respeito dos discursos das sexualidades, inclusive a infantil. As instituições escolares e as psiquiátricas, através de suas hierarquias, suas organizações espaciais e seus sistemas de fiscalização, constituem, ao lado da família, uma maneira de distribuir o jogo dos poderes e dos prazeres; porém, também indicam regiões de alta saturação sexual com espaços ou ritos privilegiados, como a sala de aula, os dormitórios, a consulta médica. Trata-se do poder que exerce uma ação sobre os corpos, um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição, mas, ao contrário, um poder que procede mediante a redução das singularidades.

O disciplinamento penetrou e se cristalizou nas principais instituições sociais, como a escola e a família. Porém é na escola que mais se vê a ação dessas práticas, promovendo o controle, a homogeneização e a normatização. A disciplina para Foucault (2010b) tem ligação direta com o poder, pois, segundo ele, o poder é ação das forças em detrimento de algo ou de alguém que apresenta fragilidade ou submissão em relação ao outro. O olhar hierárquico, que estigmatiza e reprime o que não é aceitável, tem como objetivo disciplinar o corpo dócil, que está adjacente a uma época clássica em que houve a descoberta do corpo como alvo de poder.

Assim, pode-se dizer que a emergência de um dispositivo da infância esteve profundamente imbricada a um conjunto de condições singulares, marcadas histórica e culturalmente, das quais se destacam: a modificação de atitudes frente às crianças, relações de gênero que vão posicionar as mães, à família, e a diferenciação dos sexos como constituintes dos modos de se relacionar com a infância, o advento da imprensa, em consequência a alfabetização das crianças no contexto escolar, o qual reforça o reconhecimento das crianças como sujeitos que podem ser governados. Todos esses fatores, engendrados, tornaram possível a existência de dispositivos que operam, conjuntamente, para a produção de práticas maternas (principalmente) e sujeitos-crianças até então impensáveis ou improváveis na sociedade ocidental.

A produção de atitudes, radicalmente diferentes de outrora para com a infância, emerge dessas estratégias, no que Foucault (2011) denomina dispositivo, tendo como função



principal responder a uma urgência histórica, por motivos políticos, econômicos, filosóficos e sociais. Faz-se necessário destacar mais alguns fatores que permitiram que a infância, ou melhor, um ideal de infância, fosse considerado então, uma “urgência” especialmente no final do século XVII.

Nesse período, com a formação dos estados nacionais, era necessário que as grandes cidades se constituíssem como unidades, tornando possível uma organização do corpo urbano de modo coerente, homogêneo, que dependessem, então, de um poder único que os regulassem. Com isso, o Ocidente promoveu uma mudança profunda nos mecanismos de poder: ao invés de um poder que se apropria da vida para suprimi-la, trata-se de exercer um poder que *faz viver*, empreendendo mecanismos capazes de gerar, multiplicar, gerenciar a vida e regular seu conjunto. Configura-se, então, um poder comprometido em produzir forças, a fazê-las crescer, torná-las úteis, ordená-las mais do que barrá-las, dobrá-las ou destruí-las. Estes procedimentos de gerência sobre a vida das populações, como estratégias da biopolítica, foram se desenvolvendo desde o século XVII, mas é a partir da segunda metade do século XVIII que eles são fortalecidos como tecnologias do corpo social (FOUCAULT, 2011).

A emergência desses acontecimentos permitem que as noções de infância estejam em movimento. O que queremos dizer é que a partir das práticas percorridas, a infância passou a ser valorizada, sendo alvo de cuidados específicos por meio de um controle assíduo. Esse “controle” do corpo tinha como principal meta obter uma infância protegida e disciplinarizada para que se mantivesse a ordem na sociedade. Assim, a noção da criança como o “adulto de amanhã” se ancorava na ideia de que viesse a ser um sujeito eficiente, isto é, um cidadão que contribuísse para o avanço de sua nação com suas práticas progressistas e salubres, constituído por um modelamento social.

O interesse pela infância seria então para preparar o futuro adulto. Vem daí o fato de as ações preventivas e educativas a ela dirigidas resultarem na criação de um indivíduo melhorado e sadio, que viria a propagar a ordem social. Agora as crianças passam a ser objeto de interesse da ciência, e o seu corpo torna-se alvo de mais um mecanismo de poder.

A partir dos estudos foucaultianos, entendemos, como já pontuamos, que a disciplina fabrica corpos submissos, dóceis. É dócil um corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado, impondo uma relação de docilidade-utilidade. O processo de alcançar uma sociedade organizada e civilizada, que prepara o indivíduo para o trabalho,

disciplinando-o para que ele pudesse aceitar passivamente uma jornada laboral, tem início, para uma parte da população infantil nas instituições educacionais. Estas acabam por desempenhar um papel crucial na reprodução socioeconômica, pois com seu caráter hierárquico, a educação sempre permite que se faça uma seleção social por meio da estratificação, que vai delinear comportamentos disciplinados e produtivos, o que tornaria as crianças futuramente aptas a produzir o que o capital engendra, garantindo com isso a força de trabalho necessária para o desenvolvimento capitalista da nação (LUENGO, 2010).

Ao retomarmos esses diferentes enunciados e práticas sobre a infância, buscamos mostrar, como ao longo do tempo e por caminhos diversos, foram sendo constituídas formas distintas de investimento sobre a infância que simultaneamente constituíram concepções específicas sobre a mesma. Apesar dessa diversidade, as situamos sempre em relação a estratégias biopolíticas e ao exercício do biopoder, que se constituem em torno de determinadas concepções de população e projeto de sociedade. Vemos assim, que não podemos atribuir uma natureza essencialista que possa unificar o que é a infância ou como esta deve ser vivida, mas sim pensarmos em sua construção histórica. Nessa perspectiva, podemos afirmar que tal construção não está dada ou acabada e que na contemporaneidade, continuamos a construir, por meio de práticas cotidianas e investimentos de vários campos de saber, uma imagem configurada como modelo ideal para a infância e para as crianças.

### 3 DISPOSITIVOS QUE SE CRUZAM: INFÂNCIA E MÍDIAS

Temos como objetivo, nesta dissertação, analisar como são produzidos certos modos de ser criança e se relacionar com a infância a partir do dispositivo midiático. Para tanto, *faz-se necessário situar, primeiramente, o que entendemos por “dispositivo”, para que possamos problematizar o que o constitui, ou pelo menos parte dele.*

Sendo assim, retomamos o conceito de dispositivo apresentado por Foucault (2011c). Em sua característica heterogênea, o dispositivo engloba:

[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”. (p.244)

Segundo Deleuze (1996), o dispositivo não demarca limites rígidos de um sistema ou de um objeto, mas sim os desestabilizam, os tornam suscetíveis a movimentos cambiantes entre si. Trata-se de linhas que se bifurcam, de curvas que tangenciam regimes de saberes, ligados a configurações de poder e designados a produzir modos de subjetivação específicos.

Para Foucault (2009), os modos de subjetivação envolvem necessariamente a produção de efeitos sobre si mesmo – que, por sua vez, não são meras atuações passivas do sujeito; pelo contrário, os processos de subjetivação indicam também possibilidades, (des) caminhos, fugas e subversão do próprio sujeito. Afastamo-nos aqui da ideia de um sujeito livre, autônomo e soberano criador de suas condições de existência, para a condição do indivíduo de escapar dos poderes e saberes de um dispositivo para um outro. Assim, podemos dizer que as linhas de subjetivação indicam também as linhas de fratura, de descontinuidade, de ruptura do próprio dispositivo, da sua possibilidade de consecutividade, de contínua elaboração e superação.

Partindo para o dispositivo da infância<sup>8</sup> aqui discutido, é possível perceber sua articulação com outros dispositivos de seu tempo. Nesse caso, então, apresentamos as formas pelas quais o dispositivo da infância está arquitetado de maneira a produzir sujeitos-crianças como seus objetos discursivos, a partir de sua articulação com o dispositivo da mídia, em uma complexa conjugação de linhas, regimes e curvas que neles se organizam. Assim, o

---

<sup>8</sup> Remetemo-nos ao trabalho de Corazza (2004) que considera o dispositivo da infantilidade como as técnicas que operam para garantir um certo modo de ser infantil.

movimento aqui é o de pensar as estratégias e mecanismos pelos quais um dispositivo se atualiza na linguagem midiática contemporânea.

A mídia, tomada também como um dispositivo pedagógico, opera na circulação de sistemas de significação para os sujeitos, os quais passam a se reconhecer a partir desses discursos naturalizados (MEDEIROS; GUARESCHI, 2008). Sobre isso, Hennigen (2003) afirma:

Ele [o sujeito] toma o que é dito como algo que lhe diz respeito (uma verdade para si e sobre si), se identifica e produz-se como sujeito daquele modo – compreende e explica a si e ao mundo a partir daquele regime de verdade. Assim, a constituição subjetiva produz-se como um efeito das redes discursivas (p. 65).

Desta forma, a subjetividade é resultado e efeito das forças de saber/poder que atravessam os sujeitos, produzindo formas de conhecimento de si. Poderíamos dizer, assim, que os discursos veiculados na mídia produzem modos de ser criança, de viver e se relacionar com a infância. Como nos indica Foucault (2010a), os discursos sobre a infância:

[...] só dizem o que é o sujeito dentro de um certo jogo muito particular de verdade, mas esses jogos não são impostos de fora para o sujeito, de acordo com uma causalidade necessária ou determinações estruturais; eles abrem um campo de experiência em o sujeito e o objeto são ambos constituídos apenas em condições simultâneas, mas que não param de se modificar um em relação ao outro, e, portanto, de modificar esse mesmo campo de experiência (p.237/238).

Nos mais diversos veículos midiáticos, a presença das crianças e da temática infância merece ser ressaltada na medida em que faz ver que a discussão acerca da produção contemporânea da infância é reiterada em muitos espaços da cultura. Ao falarmos do conceito foucaultiano de dispositivo, estamos falando de um grande aparato discursivo, que produz incessantemente formas normais e mesmo anormais de ser sujeito, e, no caso aqui, de ser criança hoje. Tais concepções estão incorporadas nos modos de ser e agir que temos como ideais. Estas formas de pensar as características e os destinos dos indivíduos fazem parte de estratégias de governo, são formas de concebê-las que engendram, num mesmo movimento, formas práticas de constituí-las (BUJES, 2002).

Entretanto, Foucault (2009) nos situa que o dispositivo é um empreendimento instável, nunca alcançado plenamente, e em permanente redefinição, dadas as múltiplas forças móveis, instáveis e heterogêneas que se cruzam nesse processo. É por tal razão que as racionalidades

de governo põem em ação, constantemente, um amplo espectro de mecanismos e de programas que pretendem tanto modelar os eventos em domínios individualizados quanto produzir valores considerados importantes na esfera pública como prosperidade, eficiência, saúde, bem-estar, educação e consumo.

Quando assumimos uma forma de compreensão das mídias que as associam às tecnologias de poder, torna-se possível examiná-las na condição de discurso, que organiza, articula permite pôr em ação determinados modos de ser e viver, de tal forma que somos afetados pelas coisas que assistimos. O tema do governo da infância é entendido, neste trabalho, a partir dos estudos foucaultianos, em que o tomamos como o modo pelo qual o poder se exerce para conduzir as condutas dos indivíduos (FOUCAULT, 2011), de forma que governar é agir de maneira a afetar como os indivíduos conduzem a si mesmos (BUJES, 2007b).

Ainda segundo Bujes, o governo da vida dos sujeitos pode resultar tanto de uma ação tendente a conduzir a ação alheia, quanto daquelas empreendidas no sentido de conduzirmos nossas próprias condutas. Tais ações, de um sujeito sobre os outros ou sobre si mesmo, remetem à ideia de que o exercício do poder se dá através da utilização de determinadas tecnologias. Essas podem ser entendidas como ações calculadas para agir sobre o conjunto da população com a finalidade de potencializar a capacidade de alguns para agirem sobre as condutas próprias e alheias – suas forças, suas atividades, as relações que os sujeitos constituem entre si (BUJES, 2007b).

Ao refletir sobre a história da produção da infância, pode-se perceber que ela foi construída como um objeto passível de intervenção higiênica e disciplinar dentro de um processo histórico, durante o qual várias formas de disciplinarização foram se estabelecendo. É nesse sentido que tomamos algumas produções midiáticas contemporâneas para delinear algumas particularidades dos discursos atuais sobre os modos de ser e se relacionar com a infância, esquadrihados a partir dos discursos de consumo e de saber e, sobretudo, apontar seus compromissos como regimes de verdade que possibilitam o governo da infância.

Na contemporaneidade, destacamos as mídias como um dos dispositivos que operam no governo desses modos de ser, sustentando as novas produções da infância, pois os seus

mecanismos de poder estão fortemente configurados em instrumentos disciplinadores e controladores. No entanto, o que as disciplinas visam não é apenas a inscrição de marcas sobre os corpos, imediatamente identificáveis, mas a internalização das condutas apropriadas, num processo de governo de si (BUJES, 2007).

Bujes (2002) aponta que explicitar as estratégias utilizadas pelas mídias permite concebê-las como um meio que coloca em operação uma série de tecnologias que têm por finalidade moldar e modelar as condutas infantis. Isso implica que os discursos que circulam em seus veículos, são tomados como verdades, as quais passam a ser vistas como naturais, como se essas noções correntes de infância correspondessem à diversidade de infâncias que conhecemos.

Nos materiais midiáticos, comumente o discurso de especialistas se ancora em noções, consideradas científicas e produtoras de um discurso de verdade. Essas práticas discursivas que se manifestam nas mídias não podem ser desligadas das relações de poder que controlam o corpo social e a vida dos indivíduos, cada qual sofrendo e, ao mesmo tempo, reforçando os efeitos desse poder. Efeitos que posicionam os indivíduos em determinado lugar e os leva a serem sujeitos de determinados enunciados e não de outros.

Vale ressaltar que os saberes postos em circulação na mídia surgem de demandas de regulação e controle, de modo a garantir o bom funcionamento de certas normas sociais. Uma das preocupações atuais situa-se nos discursos pela produtividade desenfreada, própria da nossa sociedade capitalista, na liquidez das relações, somadas às conquistas da ciência, que concebem o homem como um ser que necessita estar apto a adequar-se ao mundo nas diversas situações que enfrenta, e aquele que, por algum motivo, não acompanha a maioria, é visto como o diferente, o imperfeito que necessita de ajuda para tentar justapor-se aos anseios sociais (LUENGO, 2010).

Disso resulta, a reprodução de indivíduos massificados, prontos à adequação social que, atualmente, têm como um de seus principais objetivos o consumo. Capturados pela instância do poder, os indivíduos passam a se comportar de forma automatizada. Contudo, há aqueles que fogem dos padrões de controle considerados normais e manifestam-se com outras formas de comportamento. Só que esses “desajustes” não são noticiados na mídia com frequência, tampouco são vislumbrados em anúncios publicitários, e quando o são, é como modelos do que deve ser evitado ou prevenido. O modo de organização social baseado na

posição do consumidor vem se tornando cada vez mais um lugar de práticas homogeneizantes.

Através do intenso controle, os meios midiáticos transformam os indivíduos em objetos descritíveis e analisáveis. Essa prática, no encontro com o discurso de especialistas, atualiza a produção de uma verdade acerca da motivação dos indivíduos em determinado ato, explica seus comportamentos, emoções, isto é, objetiva para produzir subjetividades. Nesse jogo de verdade, os especialistas são convocados a falar a verdade sobre os indivíduos, definindo e classificando condutas, atitudes e os próprios sujeitos.

Os regimes de verdade circulantes no corpo social ao operarem a naturalização desta concepção de infância, acabam por nos fazer esquecer este seu caráter “fabricado” que tem estado submetido a relações e a interesses cujo propósito tem sido definir o que é ser criança e fixar um sentido para a infância. Por outro lado, tais significados, construídos nas redes poder/saber, não só descrevem o sujeito infantil, mas contribuem para desencadear as estratégias que visam governá-lo.

Entendemos, assim, as mídias como os veículos que fazem circular o conhecimento como uma relação de luta e poder que se atualiza entre vários campos de saber. A partir desta estratégia, em tais produções, tudo sobre a(s) infância(s) é examinado, não somente para fazer a verdade emergir, mas também, para se formular uma sanção normalizadora e fazê-la exercer-se e, corrigindo, trazer o indivíduo à norma. Por meio desses regimes de verdade, a norma impõe, enquanto poder de regulamentação, a homogeneidade; assim, individualiza, permitindo medir os desvios, fixar espaços e tornar úteis as diferenças, produzindo uma gradação das diferenças individuais (FOUCAULT, 2010b).

Na qualidade de discursos que articulam jogos de poder e vontades de saber, essas estratégias buscam capturar as crianças pelas regulações do poder nessa relação de produção de subjetividades e práticas de consumo. As estratégias utilizadas na grande quantidade de anúncios de produtos buscam produzir consumidores, por conseguinte, produzir saberes e sujeitos conhecedores de seus desejos. Portanto, consumir é, também, uma forma de poder, um modo de subjetivação ou de governo de si (DORNELLES, 2005).

É interessante pensar o governo de si conforme a colocação de Bujes (2002), que inspirada em Foucault afirma que “autogovernar-se” é poder se fabricar e se inventar

constantemente, ainda que dentro dos limites e do controle exercido pelas relações de poder das quais participamos. A partir disso, os veículos midiáticos colocam em funcionamento um dispositivo inventado para a fabricação e gerenciamento desse sujeito infantil, dentro de um repertório de modos de falar, de interrogar e de avaliar a si mesmos, constituindo modos de ser e se relacionar com a infância.

Entendemos que o governo pelas mídias se dá através de estratégias como campanhas publicitárias ou matérias jornalísticas reforçadas pela presença de especialistas no tema infância, dentre outras técnicas que agem indiretamente (ou diretamente) sobre os indivíduos, gerindo-os minuciosamente, nos detalhes. Trata-se de estratégias para definir a cada instante o que se deve ou não fazer, como fazer, como agir, o que consumir, quando, por quem; levando ao desenvolvimento de um conjunto de saberes sobre todos os processos referentes a essa população infantil e tudo com que ela se relaciona (FOUCAULT, 2011).

Essa participação que as mídias têm na formação dos modos de existência do sujeito contemporâneo, faz delas parte integrante de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos. Os quais, por sua vez, estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo e de se relacionar com a vida (FISCHER, 2002).

Pensamos esses veículos como um aparato discursivo, visto que produzem saberes e discursos, mas ao mesmo tempo também como um aparato não discursivo, uma vez que se trata de uma complexa trama de práticas, a partir das quais se faz uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”. Uma das práticas que incita esses discursos é o consumo de produtos e serviços, estabelecendo, assim, uma relação de controle com público infantil ao torná-lo consumidor.

A partir disso, Dornelles (2005) aponta que são inventadas novas formas de disciplina para além dos corpos das crianças, sobre os seus desejos, que precisam ser regulados e normatizados, de acordo com o imperativo de consumir o que quer que seja veiculado pelos meios midiáticos. Para tanto, visando satisfazer e aumentar o consumo cresce a quantidade de profissionais especializados que inventam estratégias para as maneiras de consumir, que através dos discursos, produzem efeitos sobre os modos de ser, viver e se relacionar com a infância (BUJES, 2002).



Esses discursos, em reiterações constantes nas mídias, atestam não apenas que esta é uma poderosa produtora e veiculadora de verdades, mas também que ela vem assumindo um forte papel disciplinar, já que constituem uma verdade sobre o sujeito e um conjunto de práticas para a produção de subjetividades de crianças e adultos. Desta forma, as práticas discursivas instituídas nos veículos midiáticos mobilizam um complexo entrecruzado de forças, de práticas, de saberes, constituindo um esforço organizado para a produção das subjetividades, dentro de um determinado repertório de possibilidades (BUJES, 2002).

Utilizando-se das mais variadas estratégias, as mídias operam para os indivíduos em um caráter disciplinador, pois certas disposições, modos de pensar, de classificar e hierarquizar se impõem. E aqui vale um destaque: essas formas em que as mídias operam se dão de uma maneira sutil, não forçada e que se concretiza pela participação dos indivíduos em sistemas simbólicos através dos quais passam a interpretar o mundo para nele se relacionarem.

Assim, foi preciso analisar como os significados hoje atribuídos à infância são efeitos de um processo de construção social, dependem de um conjunto de possibilidades que se conjugam em determinado momento da história, são organizados socialmente, sustentados por discursos nem sempre homogêneos e em perene transformação. Seus significados são modelados no interior de relações de poder e representam interesses manifestos de governo desses corpos, de controle de suas condutas. Contudo, suas manifestações não são estáveis, nem únicas, mostrando-se como indicativos da fluidez e da mutabilidade a que estão sujeitas (BUJES, 2007).

Portanto, ao longo da história de transformação da infância, podemos identificar não apenas deslocamentos, reposicionamentos e descontinuidades, mas, também, e ao mesmo tempo, reativações estratégicas de antigos modelos, continuidades cuidadosamente mantidas, rupturas e exercícios de poder difíceis de serem abandonados. Desta forma, o que se percebe é que a proliferação discursiva de saberes normativos, que pela contínua repetição, atingem o estatuto de verdades que convencem e constituem a subjetividade moderna de muitos indivíduos, bloqueando assim as possibilidades de se pensar criança como lugar de sujeito elaborado culturalmente, e, portanto passível de transformação.

A partir da perspectiva foucaultiana, para nós, do campo da psicologia, faz-se então necessário problematizar as práticas psicológicas com as quais costumamos trabalhar,

questionar todas as formas prévias de continuidade que nos ensinaram a respeito das crianças e das relações que elas podem desenvolver entre si, com os adultos e com o mundo. Não se trata de recusá-las mas, sim, de mantê-las em suspenso, pois que, sendo o efeito de construções históricas, elas não são aplicáveis a todos, em qualquer tempo e em qualquer situação.

## 4 ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS

Neste capítulo buscamos analisar quais estratégias são utilizadas para enunciar os modos de existência da criança e da infância, nos materiais midiáticos. É a partir desses materiais que buscamos discutir *como as estratégias em funcionamento nas mídias possibilitam a constituição desses modos hegemônicos de ser e se relacionar com a infância a partir de discursos que se relacionam ao consumo e ao saber.*

Para que identificássemos algumas das estratégias utilizadas nas mídias, primeiro organizamos os materiais selecionados de acordo com os vetores escolhidos para nortear nossa análise – consumo e saber. Ainda assim, incluímos materiais, das mídias impressas, que nos interessaram por apresentarem características peculiares, como a noção de infância “diferente” (conteúdo que não foi visto com frequência nos materiais estudados) e matérias que apresentavam maneiras de lidar com os filhos ou de se tornarem pais “melhores”, como uma espécie de manual de ensino.

Analisamos os materiais buscando compreender através das relações entre ilustrações e os enunciados, as séries discursivas que se produzem sobre os modos de ser criança e se relacionar com a infância e quais associações perpassavam o processo de enunciação dos materiais. Nomeamos as estratégias de acordo com o que conseguimos identificar no processo de análise. Procuramos discorrer acerca dessas estratégias na medida em que se apresentam como articuladoras de estratégias de saber e poder, operando, portanto na produção de modos de subjetivação.

### 4.1 Estratégias em evidência

É importante, primeiramente, apontar as condições de possibilidade para a produção desses modos de existência como parte da configuração social presente. Partindo do contexto contemporâneo, pensamos o cotidiano dos indivíduos a partir da facilidade de acesso às múltiplas informações, a velocidade em que são veiculadas e a constante presença dos meios de comunicação, onde notoriamente o consumo ganha uma visibilidade máxima.

Isso nos remete ao que Bauman (2010) enfatiza como as alterações nos modos de existência contemporâneos, em que as práticas cotidianas se transformaram primordialmente

no que se referem as nossas experiências de pensar o mundo e a nós mesmos. Dessa forma, as mídias se tornam cada vez mais essenciais nas experiências contemporâneas e assumem características de produção, veiculação e consumo de discursos e modos de ser e agir, que se vinculam aos saberes, às formas de inscrever-se no social e de falar sobre a infância.

Os materiais postos em veiculação, sejam esses de caráter informativo ou publicitário, são produzidos segundo finalidades muito específicas, que é fazer circular amplamente os discursos de forma a reforçá-los e multiplicá-los. A partir do que circula nesses veículos são constituídos regimes de verdade que fascinam e interpelam os adultos e as crianças, participando da construção de suas subjetividades e transformando seus modos de viver.

Com essa estimulação para se fazer falar, são produzidas formas particulares de subjetivação dos modos de ser criança, colocando em jogo enunciados de vários campos de saber, através de estratégias que expõem e constituem o que é ser criança a partir do que foi decidido de como ela deve ser, o que falta para ela, do que ela necessita (LARROSA, 2010). Essa normalização da infância que a define como aquele que não sabe ou, de acordo com a etimologia do termo infante, como aquele que não fala, tende a buscar uma essência para a infância, pensando-a como uma etapa do desenvolvimento humano. Assim, para a criança que é aquele que ainda não sabe, é preciso que o adulto o ensine. Mas antes disso, é preciso que o adulto a conheça previamente e objetivamente, permanecendo dentro do que pode ser controlado e já está capilarizado nos mais diversos dispositivos que tratam desses pequenos sujeitos.

Embora o caráter onipresente das mídias, sabemos que não é o único dispositivo que participa na emergência dos modos de subjetivação. Enreda-se a esse dispositivo, inúmeros outros como a família, a escola, a maternidade, a paternidade, em que modos de existência também são postos em jogo. Em todos esses sistemas, as crianças se defrontam com discursos que estimulam de modo diverso seus processos de identificação, e em cada um deles elas são interpeladas de modo diferente. Entendemos, porém, que o dispositivo midiático assume um lugar de destaque nesse processo, pois consegue circular com facilidade nos mais diversos espaços por onde transitamos.

Assim, os meios de comunicação não se constituem apenas como uma fonte de informação e lazer, mas, sobretudo, um lugar de relevância no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções e normas relacionados a um aprendizado

cotidiano sobre quem somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como educar os filhos, como ser bons pais, dentre outros.

Constituindo-se como lugar de formação dos modos de subjetivação, as mídias são tomadas nesta pesquisa como um lugar onde os modos de ser criança e se relacionar com a infância circulam e são produzidos a partir de discursos que propõem como deve ser essa infância, o que é uma infância normal, como os pais devem agir com seus filhos, como escolher a escola, quais valores transmitir aos filhos, o que é aceitável e o que não é.

Para problematizar essas questões, analisamos, nos discursos veiculados nas mídias, os modos de subjetivação a partir dos discursos identificados como vetores de saber e consumo. Como já afirmamos, escolhemos esses vetores para estudo, pois os mesmos se destacaram nos materiais que analisamos previamente. Foram analisadas as revistas Pais & Filhos, Crescer e Veja, assim como materiais televisivos das emissoras Globo e Record, no período de junho a dezembro de 2011.

Nesse processo de análise compusemos quatro estratégias principais utilizadas nesse tipo de produção discursiva, que conseguimos identificar nos materiais selecionados. São elas: *presença de especialistas, depoimentos como lição de vida, convocação da participação dos pais e das crianças, figuras híbridas de tradição e modernidade, e os modos hegemônicos de ser criança e de se relacionar com a infância.*

Insta frisar que se, neste momento, parece-nos interessante analisar essas estratégias separadamente, reconhecemos que elas operam conjuntamente, de maneira que pudemos identificar suas coexistências, ainda que optemos por mostrar a atuação sobressalente de uma delas, assim como de que forma se conectam.

#### 4.1.1.1 A presença de especialistas

Como a primeira das estratégias, apontamos para a **presença de especialistas** na enunciação de vários discursos. A posição de autoridade no assunto se dá pela sua formação acadêmica, que os autorizaria a falar sobre as crianças e seus modos de existência. Nos mais variados materiais, eles aparecem como “peritos” reforçando os modos de ser, agir, se

comportar ou consumir. Prescrevem, nesse sentido, o que seria considerado como bons pais e crianças bem educadas.

Na análise que aqui fazemos tornou-se evidente como se produz nesses materiais também uma orientação didática e explícita aos pais informando acerca de diversas temáticas e apresentando soluções para dilemas cotidianos. Interessa-nos descrever, portanto, como se constrói um discurso que enuncia a regra, a norma, as formas de comportamentos esperados de crianças e de pais, das classes média e alta, já que é para esse público que as revistas<sup>9</sup> se dirigem.

Destacamos a seguir como a presença de diferentes especialistas se expressa nos materiais impressos. Iniciaremos pela análise de um anúncio publicitário do complemento nutricional PediaSure, recorrente nas edições das revistas Pais & Filhos e Crescer. Vemos o uso da estratégia de apelo à autoridade de especialistas ao enunciar seu produto: *“PediaSure tem tudo o que seu filho precisa e é o mais recomendado pelos pediatras”* (Pais & Filhos, julho/2011). Nesse caso, a recomendação pediátrica aparece no texto do anúncio, em que são descritos os benefícios do complemento nutricional e, é interessante notar, que é a marca que faz uso do enunciado que confere legitimidade e veracidade às informações apresentadas, com o intuito de comercializá-lo, não há a presença do médico ao prescrevê-lo. A referência à especialidade médica expressa, ao mesmo tempo em que sustenta, um saber sobre as necessidades nutricionais das crianças, um “saber especializado”. Nesse outro enunciado, vemos também a tentativa de se criar uma identificação com o público: *“A gente quer o mesmo que você: ver seu filho crescer”*.

Outro anúncio publicitário da mesma edição da revista Pais & Filhos é o da marca de brinquedos Fischer Price. Este anúncio é identificado pela revista como publiceditorial (publicidade que aparece no formato de reportagem, mas é uma ação que algumas marcas utilizam para expor seus produtos). Tal formato confere ao texto um caráter mais informativo e técnico, afastando-o de uma “mera propaganda”, de modo que o anúncio publicitário adquira seriedade e credibilidade em relação àquilo que comunica. O anúncio intitulado “Da cabeça aos pés” descreve como se desenvolve a coordenação motora das crianças e como os pais podem ajudar para que seus filhos tenham um melhor desenvolvimento. Dessa forma, antes de iniciar a descrição dos movimentos que as crianças conseguem desempenhar ao

---

<sup>9</sup> Identificamos essa estratégia nos materiais impressos.

longo do tempo, é apresentada a explicação de uma profissional em terapia ocupacional especializada em desenvolvimento infantil:

*Cada criança tem o seu ritmo de desenvolvimento, claro, influenciado por fatores hereditários e ambientais, mas, principalmente, pelos estímulos que recebe. Por isso é tão importante que os pais participem da vida dos filhos, estimulando-os de maneira correta, para que eles possam desenvolver ao máximo seus potenciais (Pais & Filhos, junho/2011).*

Nesse material, percebemos a posição de destaque em que se encontra a fala da especialista. Trata-se de um discurso que se apresenta como científico e que atesta uma compreensão do desenvolvimento infantil e seus determinantes, bem como as competências das crianças no seu processo de desenvolvimento. A presença da profissional no material, juntamente com o formato proposto, investe sua mensagem de potência de verdade acerca da importância do vínculo entre pais e filhos para o desenvolvimento das crianças entre outros aspectos, mesmo que seja um anúncio publicitário. Além do vínculo pais/filhos são descritas fases do desenvolvimento motor infantil de acordo com as idades (dos 2 meses até 02 anos), e a cada fase é acompanhada de uma indicação de produtos (brinquedos) da marca:

*Quando atinge os 2 meses, o bebê já consegue sustentar um pouco a cabeça e levanta o queixo quando está deitado de barriga para baixo. Também começa a levar a mão à boca, o que é uma grande descoberta, pois passa a sugar os dedos e a brincar com a língua. Aos 3, aparecem mais movimentos voluntários, como juntar as mãozinhas e brincar muito com elas. [...] A partir dos 6 meses, o bebê ganha mais autonomia: com apoio, já consegue até sentar. E usa as mãos para descobrir o mundo. Quer pegar, alcançar, amassar, apertar. Nesta fase, alguns brinquedos, como o Balde Primeiros Blocos e o Ônibus Surpresa e a Girafa com Blocos, chamam bastante a atenção da criança.*

Partindo do discurso da ciência, temos aqui a categorização das etapas ou fases do desenvolvimento infantil adequado para cada idade, como se a infância fosse única e universal. Estabelece-se, assim, um desenvolvimento tido como normal, sustentado por práticas que disciplinam essas crianças a partir do que já se conhece sobre ela. Esse discurso normativo mostra de que modo as mídias operam, conjuntamente com outros dispositivos, na constituição de um modo de existência hegemônico.

Esses materiais mais uma vez nos incitam a questionar: de que infâncias nos falamos? E para quais pais, eles se dirigem? Sinalizamos essas questões para a constituição, por esses materiais, de uma infância hegemônica, tomada como universal. Trazemos esse apontamento, pois embora as revistas tenham como alvo os públicos das classes média e alta, a questão da

hegemonia vai para além das classes sociais, seus efeitos estão para além disso. Considerando o amplo movimento de circulação das mídias, os efeitos que delas advém não ficam circunscritos a determinados sujeitos, muito pelo contrário, os atravessamentos que esses modos de ser preponderantes cruzam a todos. E é a partir dessa instituição que são criados as normas que orientam aqueles que se aproximam e se identificam com esses modos de ser, e aqueles que deles são excluídos e marginalizados.

Outro material que recorre à presença de especialistas é uma matéria, da revista Crescer (Julho/2011), intitulada “Tudo para você escolher a melhor escola”. Encontramos aqui uma espécie de guia com as perguntas que os pais devem fazer, quando estão escolhendo uma escola para seus filhos - *“Tem espaço para brincar? Alfabetizam a partir de que ano? Enfatiza os esportes ou as artes? Tem muita lição de casa? Como é a hora do lanche? Aborda questões sobre diversidade e respeito?”* - são algumas das perguntas. Questões sobre o que seria a melhor escola, a melhor escola para quem ou se seria possível defini-la, colocadas em relação aos sujeitos a quem se destinam, não compõem o roteiro apresentado. Parte-se de uma objetivação desse espaço que corresponde à objetivação de uma infância determinada e naturalizada. Os motivos das questões e suas respostas buscam ser esclarecidos na matéria. Estes, ora são ancorados pela posição de especialistas, ora são produzidos com a identificação de autoria da jornalista que escreve a matéria, onde o que é dito é assumido pela própria revista, que neste caso, constitui-se em si mesma em uma espécie de especialista.

Nesta mesma matéria, a respeito do espaço físico, uma socióloga especializada em Educação esclarece que *“[...] não importa o tamanho [da escola], desde que seja um ambiente acolhedor”*.

Já ao falar da relevância dos deveres de casa, a jornalista, que assina a matéria, registra:

*Quantidade e nível de dificuldade da lição de casa são polêmica certa. Como as famílias estão cada vez menos juntas, a atividade vira um problema para resolver e equacionar a correria. É importante conversar com a escola desde sempre, pois o principal intuito da lição de casa não é apenas o conteúdo: mas garantir esse acompanhamento pelos pais, que ajuda e dá segurança para a criança.*

No tópico sobre a importância que as escolas devem dar para a criatividade das crianças e como isso se relaciona com o aprendizado, a especialista nas áreas de Educação, Cultura e Mídia apela ao campo da neurociência para afirmar: *“Diz a neurociência que o*



*sistema emocional não está desligado da cognição” e ainda “Exploração e descoberta são o grande eixo do século 21. Quem brinca, quem se mexe, tem redes permanentes de aprender”.*

Essa forma de abordar aspectos da vida cotidiana (como a escolha da escola dos filhos) submetida aos conhecimentos científicos apresentados de certo modo em uma linguagem coloquial, reitera a capilarização dessa modalidade discursiva (os discursos de especialistas) e seus efeitos de verdade a todos os âmbitos da vida comum.

Os discursos presentes nesses materiais, em sua pretensão de cientificidade, constroem uma infância como objeto de saber, quase sempre única e universal. Isso se dá em articulação com as formas como os meios midiáticos operam os instrumentos de poder, capazes de fazer circular, disseminar e recombinar tais discursos, produzindo práticas e subjetividades.

O que buscamos ao evidenciar esses saberes especializados é discutir como o caráter de “verdade”, atribuído às informações enunciadas, acompanha o funcionamento dessa estratégia, possibilitando a constituição do modo hegemônico de ser e se relacionar com a infância que parece ser endossado e subsidiado pela ciência. Desta forma, os discursos dos especialistas recebem destaque nos materiais midiáticos, haja vista que imediatamente são associados ao que é verdadeiro e científico, produzindo efeitos nos sujeitos, sejam crianças ou adultos.

As concepções de criança e infância sedimentadas por esses discursos, vão compondo verdades a serem seguidas - como as etapas do desenvolvimento motor das crianças, prescrições de complemento nutricional, critérios de como escolher uma boa escola para os filhos - fazendo com que os demais discursos construídos sofram uma espécie de reformulação, potencializando como devem ser as crianças hoje, assim como uma formulação de como devem ser os pais, quais são suas dúvidas frequentes, como devem agir com seus filhos.

Entendemos que a presença de especialistas nos mais diferentes tipos de comunicação midiáticas que envolvem as crianças e a infância, anda de mãos dadas com uma tentativa de pedagogização dos pais. Chamamos de pedagogização esse processo pelo qual se busca ensinar aos pais como ser pais, como lidar com as crianças, que se destaca pelo caráter disciplinar e objetivo de fiscalizar e orientar a conduta desses sujeitos em uma determinada direção. Como destacamos na matéria da revista *Veja*, situada na seção *Guia Veja*, em que

dois profissionais explicam como e quando se deve ensinar educação financeira às crianças. Segundo a psicopedagoga: “*Elas só passam a ter noções matemáticas a partir dos 5 anos, mas quando chegam a essa idade com limites, disciplina e valores, tudo fica mais fácil*”; a seguir, o economista ensina: “*uma forma natural de fazer isso [ensinar educação financeira às crianças] é pedindo a elas que entreguem o dinheiro ao vendedor e recebam o troco*” (Guia Veja - O bê-á-bá das finanças, revista Veja, 16/11/2011).

Na revista Crescer (agosto/2011), encontramos uma matéria, redigido na forma de manual, intitulada “Como preparar seu filho para a vida”. A matéria é escrita por um jornalista – pai de três filhos, como ele se apresenta – e logo no início da leitura somos avisadas que o material é de homem para homem, isto é, dirigido ao pai:

*Que pai não sonha com a felicidade e o sucesso dos filhos? É para ajudá-los a chegar lá que sempre tentamos proporcionar as melhores experiências, a melhor escola e, até, os melhores amigos para eles. Mas, para usufruir tudo isso, as crianças precisam aprender a lidar com os sentimentos. Só assim conseguirão superar as frustrações que vão enfrentar durante toda a vida. Ao longo desta reportagem, você vai encontrar as definições de dez habilidades emocionais fundamentais para o seu filho se desenvolver em todos os aspectos – e vai descobrir como ajudá-lo a fazer isso no dia a dia.*

E algumas dessas habilidades são:

*Ressaltar as qualidades do seu filho e mostrar que você acredita na capacidade dele é a chave para que ele faça o mesmo;*

*Toda criança já teve medo do escuro ou do bicho papão. Para ajudar a encarar esses e muitos outros receios que vão surgir (do vestibular, de aprender a dirigir e até de conhecer a sogra), dê espaço para que ele expresse e entenda o que está sentido;*

*Incentive seu filho a perceber quais são suas preferências, pergunte, peça para ele explicar, conte as suas histórias. Sempre ofereça opções e pergunte de qual ele gosta mais e porquê;*

*“Dizer não é a maior prova de amor que um pai pode dar”, afirma a psicóloga<sup>10</sup>. É assim, com pequenas doses de frustração, que seu filho vai aprender a lidar com as adversidades e a superar os problemas sem se deixar abater.*

Podemos observar na análise desse material algo bastante relevante: a edição da revista é do mês de agosto, mês do dia dos pais, por isso a matéria apresenta uma seção especial a eles dedicada. Aspecto que se diferencia das outras edições e de outros materiais, os quais, em sua maioria, dirigem-se às mães.

Para os pais, então, é preparado um pequeno guia de como estabelecer uma boa relação com seus filhos, estimulando o vínculo entre eles, o diálogo, a expressão das emoções, e sinalizando também que a preocupação com o futuro deve começar cedo. Ou seja, temos um guia que os dirige ao que foi formulado e classificado como o que deve fazer um pai adequado a um modelo específico de criança. Ou ainda, faz-nos pensar em outra questão – para que uma criança não destoe do todo ou que seja considerada inadequada para a vida em sociedade, como um pai deve agir em sua criação? O que deve ensiná-la?

Criam-se assim tecnologias disciplinares que devem atuar sobre os (supostamente) iguais, como se formassem um grupo homogêneo. Desse modo, previnem-se de qualquer desvio no percurso previamente estabelecido e legitimado pela Ciência. Essa estratégia disciplinadora desenvolvida com atenção diferenciada para o pai, coloca-os no padrão considerado normal e objetiva-os de forma a eliminar a diferença na criação dos filhos, ao transformar a infância em objeto maleável (mas não muito) que pode e deve ser corretamente administrado.

Outro tipo de manual, mas dessa vez para as mães, é encontrado na revista Pais & Filhos (agosto/2011), intitulado “Abaixo a culpa!”. Aqui podemos perceber o cuidado de esclarecer às mães “*alguns pequenos deslizos da maternidade*”, em que elas se sentiriam culpadas por não agirem como uma “*mãe perfeita para criar uma criança ótima*”. Essas situações foram expostas para especialistas a fim de esclarecê-las. Embora não seja especificado em cada situação qual especialidade foi convocada a responder, no final da reportagem, eles são apresentados de forma geral, são eles: um obstetra, um psicólogo clínico

---

<sup>10</sup> Nesse caso, o jornalista, responsável pela redação da matéria, recorre a uma especialista para respaldar a ideia que desenvolve.

especialista em neurociências e comportamento, uma especialista em psicopedagogia e educação especial, e um pediatra. Para todas as questões que eles devem responder, segue-se o esquema: **situação**, onde se descreve o problema; **abaixo a culpa**, os especialistas se enunciam a respeito da questão; e **faça melhor**, espaço onde são apresentadas/prescritas possíveis alternativas para resolver o dilema.

***Situação:** Eu grito com meu filho. A gente evita ao máximo, mas às vezes escapa. Sabe quando a casa está silenciosa e tudo bom demais para ser verdade? Aí, você chega na sala e vê que aqueles lápis de cor agora estão sendo usados para decorar a parede recém-pintada? O baque é tão grande, que o grito sai alto e o rosto do seu filho fica manchado de lágrimas. Na hora pensamos: será que precisava ter gritado?*

***Abaixo a culpa:** Nós todos perdemos a paciência com os nossos filhos. A boa notícia? Especialistas dizem que gritar de vez em quando pode ser uma coisa boa: as crianças precisam ver que os pais não são perfeitos. E também saber que tudo tem limite, e que algumas coisas são mais erradas que outras.*

***Faça melhor:** Se você perder a paciência, peça desculpas à criança e dê uma breve explicação. Em outras ocasiões, tente fechar os olhos e respire por um minuto – você não só vai se sentir mais calma, como também servir de exemplo de autocontrole para a criança.*

As outras situações apresentadas são: *eu tive o meu filho de cesárea; eu não amamenteei; não dou atenção para o meu filho por estar muito cansada; eu falo mais SIM do que deveria; eu nem sempre faço meu filho compartilhar; eu mando meu filho doente para a escola; eu não deixo meu filho tirar uma soneca durante o dia.*

Com relação a esse manual feito para as mães, pensamos, mais uma vez, na estratégia que requer a disciplinarização dos pais (no caso mães) e das crianças, evitando desviantes da norma. E norma essa que, como descreve o material, permite “alguns pequenos deslizes”, mas desde que sejam contornados, e para tanto se aponta como “fazer melhor”.

Essa questão da prevenção é desenvolvida de forma a possibilitar a um campo de ações possíveis para atuar na educação das crianças, legitimando práticas que não seriam tidas como aceitáveis não fosse tal identificação. No material, isso aparece com a nomeação de

possíveis culpas sentidas pelas mães, mas que com a intervenção de um especialista se torna plausível, portanto “normais”.

Vemos aqui que o discurso especializado converte-se em uma pedagogia de como os pais devem educar seus filhos, o que participa do processo de naturalização de um modo de ser criança específico. Insta destacar que nesse processo, a constituição da identidade das crianças se pretende como um modo essencial e natural de estar no mundo. Ao interpelá-las a serem de um determinado modo, as mídias constituem, mesmo que apelando para discursos produzidos em outras instâncias, verdades sobre ser criança de um jeito e não de outro.

Ao assumir a função educativa de orientar os pais, o discurso normativo e de aconselhamento presente nessas revistas, as constituem como lugar pedagógico, que ordena, faz obedecer, mesmo com sutilezas em seus enunciados, mas são marcados pelo tom imperativo em seus enunciados: *“Sorria, elogie, dê um olhar carinhoso, abrace... Tudo isso mostra o quanto você está disponível para amar e ajudar seu filho<sup>11</sup>”*. Podemos notar o uso frequente de um vocabulário com **“deve”** – *“Os pais devem explicar por que é tão importante tomar banho, usar o sabonete, lavar todo o corpo todos os dias<sup>12</sup>”*; **“pode”** – *“Você pode prometer que no dia seguinte vai brincar com ele, mas não deixe de cumprir a palavra<sup>13</sup>”*; **“faça”** – *“Faça passeios sustentáveis, coloque a família em contato com a natureza em passeios a parques ou praia<sup>14</sup>”*; **“é preciso”** – *“É preciso trabalhar a baixa autoestima internamente, focando nas qualidades e aceitando os defeitos, ou até com a ajuda de um profissional, via terapia, para evitar educar a criança com esse peso<sup>15</sup>”*, apresentando um texto que se assemelha a um guia, a regras a serem seguidas, a cuidados, a modos de agir ou a solução de problemas. Esse modo imperativo de expressão aparece tanto nas matérias “educativas” como nos anúncios publicitários.

Segundo Rose (1988), a autoridade e a legitimidade social conferidas aos discursos dos especialistas tornam-se fundamentais para as formas contemporâneas de governo dos modos de existência e de governarmos nós próprios. Mas não porque os especialistas tentem iludir, controlar e condicionar os sujeitos; essas formas de ação se dão de maneira indireta. Elas obtêm efeito através da persuasão inerente às suas verdades e das normas estabelecidas.

<sup>11</sup> Matéria “Dez inspirações para entender que a autoestima muda tudo” (Crescer, novembro/2011).

<sup>12</sup> Matéria “Este ano seu filho vai...” (Crescer, dezembro/2011).

<sup>13</sup> Matéria “Abaixo a culpa!” (Pais & Filhos, agosto/2011).

<sup>14</sup> Matéria “Você sabe o quanto a sua família é verde?” (Crescer, agosto/2011).

<sup>15</sup> Matéria “Dez inspirações para entender que a autoestima muda tudo” (Crescer, novembro/2011).

Dessa forma, pensando as mídias como um lugar privilegiado de produção e circulação de enunciados de múltiplas fontes, essa força de efeito dá-se de forma ampliada.

Para concluir, destacamos que, no que concerne à infância, são multiplicadas nesses materiais a presença dos especialistas que tem algo a dizer e/ou prescrever. Aos já tradicionais psicólogos, pediatras, psicopedagogos, vemos somar-se terapeutas ocupacionais, sociólogos, economistas, obstetras, especialistas em educação, cultura e mídia e até jornalistas (embora pelo menos um desses legitime suas credenciais pelo fato de ser pai de 3 filhos, o que parece lhe conferir uma outra especialidade)... Além disso, identificamos a referência aos discursos da neurociência que transversalizam, não apenas o discurso das áreas médicas, tradicionalmente mais afins com concepções biológicas, mas também o discurso de psicólogos e da especialista em educação, cultura e mídia. A estratégia de marcar a presença de especialistas é particularmente importante no tipo de comunicação dirigido a pais e mães, de forma quase que indistinta entre materiais de cunho publicitário, jornalístico e informativo.

#### 4.1.2 Depoimentos como lição de vida

Nessa segunda estratégia, analisamos o lugar explicitamente didático e exemplar dado às falas dos pais sobre suas crianças. A **apresentação de depoimentos**, também configurados como lições de vida, adquire uma importância particular, dado o atributo conferido a confissão de fatos privados na esfera pública.

Sobre a discussão entre público e privado, Bauman (2010) desenvolve a ideia de que falarmos em “linguagem privada” não é adequado aos dias atuais, pois

o que quer que seja nomeado, inclusive os sentimentos mais secretos, pessoais e íntimos, só o é propriamente se os nomes escolhidos forem de domínio público, se pertencerem a uma linguagem compartilhada e pública e forem compreendidos pelas pessoas que se comunicam nessa linguagem (p. 81).

Sendo assim, para o autor, há a criação de um novo espaço público, em que a linha de divisão entre privado e público já não é tão demarcadora de seus limites, de suas diferenças – esses espaços estão em constante trânsito entre si. Essa redefinição da esfera pública advém da, cada vez mais frequente, exposição dos dramas privados, publicamente expostos e publicamente assistidos.

Assim, os depoimentos permitem a exposição de uma história de vida “real, comum” de uma pessoa “comum”, que até por sua anonimidade, pode fazer com que o exemplo seja mais fácil de seguir. Mas não somente os anônimos são convidados a darem seus depoimentos nos veículos midiáticos. Conforme Bauman, a busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é enunciada por pessoas famosas também. Esses assumem a posição de conselheiros, especialistas, como vimos na estratégia anterior, e se oferecem como exemplos a serem seguidos, servindo como “treinadores para o sucesso”, que estão dando (ou vendendo) seus conselhos para quem quiser. Essa atual condição de histórias de vidas expostas no cenário público levam ao que Bauman (2001), tomando emprestado do sociólogo Mathiesen, denomina como modelo do poder sinóptico<sup>16</sup>.

Isso corresponde ao imperativo contemporâneo de vigiar a conduta dos outros indivíduos, buscando esses exemplos em que possam se identificar e que contribuam na construção de seu estilo de vida.

O sinóptico capilariza e incita um autocontrole a partir ‘dos outros’ [...]. O olhar atento ao que acontece no mundo das celebridades ilustra esse modelo. A tentativa de construção de estilos de vida a partir de roteiros descritos por pessoas famosas é um foco de vigilância privilegiado na espetacularização atual. O sinóptico ilustra os limites institucionais do paradigma disciplinar e a ampliação de novas e mais ‘leves’ orientações de conduta. Agora, em vez de poucos vigiarem muitos, são muito que vigiam poucos (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p.43-44).

O curioso dessa estratégia é que a identificação com a história de vida do outro pode até ajudar na solução de problemas semelhantes, mas antes disso, ajuda a produzir esse problema, a nomeá-lo. Assim, os depoimentos são produzidos e operam como efeitos do investimento dos discursos normativos e das estratégias biopolíticas. Seu funcionamento como mecanismo de governo dessas vidas, em que se prioriza a disciplina e a harmonia, impondo a ordem desejada sobre uma realidade, que se espera, sob controle.

Essa estratégia captura os indivíduos e produzem neles a possibilidade de se reconhecerem naquilo que está sendo dito, ou mesmo de se auto-avaliarem em relação ao tema discutido. Esse modo particular de interação permite que ao olhar a experiência de outra pessoa, tendo ideia de suas dificuldades e suas formas de contornar as situações, o público em

---

<sup>16</sup> Esse modelo aparece como uma transição do poder panóptico (Foucault, 2010b), onde ao invés de sermos vigiados por apenas “um”, o modelo se inverte e esse “um” se coloca no centro para ser vigiado por todos os outros.

situações semelhantes, descubra e localize seus próprios problemas, possam nomeá-los e encontrar os meios de resistir a eles ou resolvê-los (BAUMAN, 2001).

Os materiais, em que identificamos o uso de depoimentos como exemplos a serem seguidos, são expostos a seguir:

Matéria intitulada “Com a cabeça no mundo virtual” sobre como as tecnologias se instalaram nos hábitos familiares trazendo encantamento para as crianças e muitas perguntas para os pais. Convidada a falar sobre como seu filho lida com a tecnologia, a mãe diz: “*O Nicolas tem só 02 anos e já brinca com o iPad, liga, desliga, entra nos joguinhos que ele gosta, se diverte. Ele conhece o aparelho mais do que o pai*” (Crescer, agosto/2011);

Matéria “Introvertidos X Extrovertidos” sobre a importância dos pais conhecerem o temperamento de seus filhos para melhor educá-los. Dentre outros depoimentos, o de uma das mães ganha destaque na matéria por estar escrito com letras maiores que os demais:

*A Alice nunca falava com pessoas que não conhece. Costumo falar para as crianças chegarem nela devagar para conquistá-la aos poucos. No início, ela fica sem conversar, mas depois que enturma... de qualquer jeito, ela interage mais quando o grupo é pequeno* (Pais & Filhos, setembro/2011);

Nesses materiais, destacamos a objetivação, por meio dos depoimentos, de novas questões em torno da infância: sua relação com as novas tecnologias e sua (in)capacidade de interação. Note-se que ambas relacionam-se as novas configurações da sociedade e o do tipo de sujeito demandado por essa. Simultaneamente produz-se uma naturalidade de tais situações e em casos específicos, seguem as receitas sobre como agir sobre as mesmas.

Além de depoimentos de pessoas não-famosas, encontramos na revista Pais & Filhos (agosto/2011), uma matéria que apresenta depoimentos de personalidades de sucesso: um apresentador, dois músicos, um ator e um compositor. Essa matéria foi veiculada no mês de agosto, mês em que é comemorado o dia dos pais. Para tanto foram convidados os pais como anuncia o título da matéria: “*Como pensam os pais?*”, em que cinco pais “*descolados*<sup>17</sup>” foram convidados a falar sobre quais valores acreditam ser essenciais para transmitir aos filhos.

Destacamos aqui dois desses depoimentos:

---

<sup>17</sup> A palavra “descolados” é usada na matéria, referindo-se a pais modernos, sociáveis.



*Eu acho importante preparar as minhas filhas para entender que a vida não é feita só de sim. Elas precisam conhecer os limites e saber conviver com a frustração. Por isso, eu e minha esposa procuramos não dar tudo o que elas querem e a toda hora. [...] Eu quero que elas tenham respeito para serem respeitadas, sejam educadas, peçam licença, agradeçam... Mas sem baixar a cabeça, claro. Outra coisa que procuro ensinar é que, mesmo nessa geração de internet, os seres humanos são importantes, que as relações interpessoais precisam vir antes da tecnologia. [...] Limite, educação, disciplina, amor e conversa são fundamentais. Mas tão importante quanto ensinar é fazer. Por isso, eu procuro dar o exemplo. [...] (Apresentador).*

*Eu tento passar para Rafaela os valores básicos como amizade, lealdade, ética, sinceridade. Uma coisa muito importante que eu sempre converso com ela é que é preciso falar a verdade, ter paciência e principalmente ter respeito. E isso tem muito a ver com o que aprendi com o meu pai. Pelo fato dele ser músico, sempre fazia tudo ao mesmo tempo. Eu chegava animado da escola e ia contar algo para ele, mas ele estava de fone no ouvido, ou no piano. Eu saía falando, e ele dizia ‘ei, ei, respeito, calma, estou terminado aqui e depois você me conta’. Era um balde de água fria, mas necessário. Assim, eu fui entendendo, ainda mais agora que eu sou músico. E o valor mais importante que eu passo para a Rafaela é esse: esperar a sua vez. O engraçado é que ela faz como se estivesse na escola. Ela fica do lado, levanta a mão e diz que quer falar. E espera. Às vezes, ela esquece, claro, não tem jeito (Músico).*

Esses depoimentos podem ser situados como discursos normativos explícitos sobre os modos de ser criança e de como se deve se relacionar com a infância. Eles ajudam a descrever o que vem sendo produzido, divulgado, incentivado, polemizado, aceito ou rejeitado, conforme o lugar e a posição de quem e do que é exposto cada vez mais intensamente na nossa cultura.

Notamos, que embora as mídias tenham uma intenção pedagógica, ao educar e ensinar modos de ser, isso não se dá indiscriminadamente. Esses depoimentos mostram as posições que esses pais ocupam nas relações com seus filhos – são exemplos de vida que enunciados a partir de formas sutis e variadas para falar com seu público alvo, tal como nesse modo específico de fazer os adultos falarem sobre suas crianças e sobre seus modos de agir.

Podemos notar a estratégia do uso de depoimentos também em materiais que busquem a interação com os espectadores e leitores, com o objetivo de compartilhar experiências. Essa interação, mesmo que não instantânea, como nos casos dos materiais impressos, propicia trazer para “dentro” da mídia os que estão “fora”. De maneira que, com essa estratégia, é

possível saber qual o interesse do público, quais suas dúvidas, sobre o que querem saber mais, e também sobre o que perderam o interesse.

Esse movimento permite que tudo se torne visível, conhecido. Esse novo investimento no indivíduo estimula que o público participe, seja convidado a falar, a emitir suas opiniões e relatar experiências por meio de estratégias de interação. Sendo assim, apresentamos a estratégia do uso de depoimentos também operando com a convocação da participação dos pais e das crianças.

Encontramos essa interação do público na seção “Funcionou comigo – Aqui, o especialista é você”, da revista Crescer. Nesta seção, as mães são convidadas a responder perguntas enviadas por outras mães acerca do comportamento dos seus filhos: “*Mande perguntas e ajude outras mães com suas respostas! Escreva para Crescer/ Funcionou Comigo*”. Ilustramos com uma das perguntas enviadas:

*Meu filho não toma remédio de jeito nenhum. Já tentei convencê-lo de todas as maneiras. Se dou a medicação à força, ele fica nervoso e chega a vomitar. O que eu faço?(Revista Crescer, Julho/2011).*

Uma das respostas:

*Meu filho, como a maioria das crianças, também não gosta de tomar remédio. O que eu e meu marido descobrimos é que fazendo brincadeiras ele toma todo o remédio sem notar. Meu marido imita bichos, dança, canta e, quando ele ri, coloca um pouco de remédio na boca dele. Ele toma brincando!*

É interessante ressaltar que, além dos depoimentos das mães, a seção também é acompanhada da opinião de um especialista (que, ao contrário do que diz o título da seção, não são as mães das crianças) na questão. Ou seja, embora as mães sejam convidadas a responder, a palavra final cabe a um especialista, produzindo novo entrelaçamento com a primeira estratégia apontada nesse estudo. Nesse caso, a pediatra diz:

*Aos 2 anos, a criança já consegue entender algumas coisas e você pode conversar com ela sobre a importância de tomar o remédio. Explique que ela não está bem e precisa daquela medicação para mandar o ‘bichinho’ embora e melhorar [...].*

Para dar um aspecto mais pessoal à prescrição médica, observamos aqui uma espécie de diálogo entre os leitores e a revista, oferecendo a uma situação cotidiana “verídica”, uma troca de experiências com outras pessoas que já vivenciaram o problema, e, em seguida, a opinião de um especialista.

Destacamos aqui a posição do especialista, assumida como autoridade, ao responder às dúvidas e dilemas das mães. Como mencionamos, embora o título da seção seja “*Funcionou comigo – Aqui, o especialista é você*”, há um espaço reservado para a fala do especialista (que é maior do que o espaço onde ficam as respostas das mães) indicado da seguinte forma: “*O que diz a especialista*”. Mas ainda assim, o caráter de interação permanece, pois o que foi dito pelo especialista responde às perguntas enviadas, como também reitera as respostas dadas pelas outras mães. Além de fazer uso de uma linguagem coloquial e direta, como uma conversa, materializando-se em um texto que se faz “cotidiano”. Essa estratégia formada a partir dessas interações é implantada, buscando “apanhar” os sujeitos de todas as maneiras. Por isso, a naturalidade das falas e a linguagem comum aos saberes especializados.

Já na reportagem televisiva Alunos participam do projeto AL TV na sala de aula<sup>18</sup>, vemos as crianças sendo convocadas a participarem da ação social de preservação do meio ambiente:

*Criança 1: Se a gente jogar lixo nas águas vai também poluir o ar, e a gente vai ficar com pouca água, tem que fechar a torneira quando a gente for escovar os dentes, quando a gente for tomar banho, não pode ficar de brincadeira.*

*Repórter: O que é um Eco Cidadão?*

*Criança 2: É alguém em sua vida cotidiana que se preocupa em não jogar fora mais do que a natureza precisa absorver.*

*Repórter: Como é que se deve cuidar na natureza?*

*Criança 3: Não jogando lixo no chão, jogando na lata de lixo, não poluindo o ar, não poluindo a água.*

---

<sup>18</sup> Matéria veiculada no jornal local AL TV 1ª edição, da emissora Gazeta Alagoas (afiliada da Rede Globo), no dia 27/10/2011. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/v2/videos/video.php?c=12777>. Acesso em: 29/10/2011.

*Criança 4: São as árvores que ajudam a gente a viver, elas produzem ar. Se a gente ajudar as árvores, elas contribuem com a gente de novo.*

Para produzir um determinado modo de ser, as próprias crianças também são convidadas a falarem de si, de seus comportamentos, seus gostos, preferências, hábitos. Pensamos que essa estratégia de utilização de experiências como exemplos e modelos, incluindo a convocação de pais e crianças para se expressarem publicamente, visa um trabalho de produção de identidade, construindo essa infância como objeto de saber, e em torno dessa uma série de questões problemas ou alvos específicos de cuidado e investimento. É possível assim constituir tais personagens como sujeitos de um determinado tipo, classificando-os e direcionando práticas específicas correspondentes a cada uma das caracterizações feitas.

#### 4.1.3 Figuras híbridas de tradição e modernidade

A terceira estratégia trata da forma como são exibidos os modos de ser e se relacionar com a infância a partir do que chamaremos de figuras híbridas de tradição e modernidade. Relacionamos à noção de tradição aquilo que reconhecemos como concepções mais tradicionais da infância que definem as crianças numa perspectiva que as diferencia radicalmente dos adultos – um ser imaturo, alguém que depende das decisões alheias – alguém que precisa adquirir o conhecimento que foi legitimado por outros mais velhos e inteligentes, e que, portanto, ainda não sabe. À noção de modernidade da infância, relacionamos aqui as imagens que, rompendo com tais divisões tradicionais entre adultos e crianças, as situam como sujeitos de saberes, seres falantes, convocados a falarem sobre si e sobre o que sabem. Nesse sentido, o uso do termo modernidade remete a produção de uma novidade, de algo novo sobre a infância, em oposição e que já não se reconhece nas perspectivas tradicionais.

No primeiro trecho que destacamos a seguir, identificamos a figura da modernidade na matéria “Com a cabeça no mundo virtual”, onde as crianças são apresentadas como aqueles que sabem utilizar aparelhos tecnológicos e transmitem esses saberes para os pais. Na fala de uma mãe:

*A minha profissão exige que eu saiba mexer em ferramentas tecnológicas, mas, por mais que eu saiba muita coisa, perto dos meus filhos me sinto uma analfabeta tecnológica. Sempre que tenho problemas com o computador é o meu filho mais velho que me ajuda e ainda fala: ‘Nossa, mãe, não acredito que você não sabe isso!’. Fico muito impressionada também com o meu pequeno, que já coloca o DVD no aparelho sozinho e assiste aos filmes que ele gosta. E olha que só tem 1 ano!(matéria Com a cabeça no mundo virtual, revista Crescer, agosto/2011).*

As novas tecnologias aparecem com frequência relacionadas à constituição dessa nova figura da infância, que domina uma linguagem sofisticada e nova, facilmente superando as competências e habilidades dos adultos.

Na revista Pais & Filhos (outubro/2011) também encontramos uma matéria em que os saberes das crianças se relacionam com a tecnologia, porém como se trata de matéria sobre a escolha da primeira escola, esse saber aparece como um “dificultador” da aprendizagem. A matéria nos diz:

*É impressionante como crianças tão pequenas já entendem tanto de tecnologia. Não é difícil de ver um bebê, praticamente de 2 anos, manuseando um iPhone ou iPad com a maior familiaridade. Dentro da sala de aula, ao mesmo tempo em que tecnologia funciona como uma ferramenta que auxilia o professor, ela pode restringir que as crianças tenham contato com materiais como massinhas, lápis e livros (matéria Caça ao tesouro, revista Pais & Filhos, outubro/2011)*

Aqui as crianças aparecem como aqueles que sabem fazer uso de aparelhos eletrônicos, mas que essa habilidade pode fazer com que elas percam o interesse por atividades tradicionais do método de ensino. A partir disso, a infância é apresentada como um fenômeno contemporâneo instável, em que o saber das crianças esbarra-se com o tradicionalmente estabelecido e desejável modo de ser criança: aquela que brinca com massinhas, lápis e livros.

No trecho a seguir, da seção “Pingos nos is”, da revista Pais & Filhos, encontramos outro enunciado que posiciona as crianças como aqueles que não sabem. Nessa seção da revista, quem escreve é um economista, pai de três filhos, como é apresentado. Percebemos nesse material uma linguagem, que nos leva a crer que se trata de uma seção em que o autor expressa sua opinião sobre algum tema:

*Não sou contra a internet. Sou contra pais que acham que tudo bem que é muito bom o filho navegar por aí, ter conta no Facebook com 8 anos e computador no quarto. Internet exige discernimento, maturidade para separar o que importa daquilo que não importa, e nossos pequenos não*

*sabem fazer isso. Que bom! Que eles possam brincar de carrinho! (Revista Pais & Filhos, agosto/2011).*

Nessas matérias, encontramos enunciados que ao mesmo tempo em que expressam uma concepção sobre a natureza da infância em torno daquilo que é para elas adequado ou não; esperado ou não; desejável ou não; pontuam um abalo nessa concepção produzido pelas novas tecnologias. De acordo com a avaliação feita sobre tal interferência, se vista como positiva ou negativa, não assumidos essas posições, somente apontamos que são propostas de diferentes estratégias de regulação dessa infância.

Mas enquanto no campo tecnológico podemos visualizar uma exacerbação de discursos sobre a autonomia (ainda que limitada) e do saber das crianças, no que concerne a outras esferas de sua realidade, prevalece a noção de incapacidade. Na matéria “Caça ao tesouro” (Pais & Filhos, outubro/2011) são descritos alguns critérios que podem auxiliar os pais no momento da escolha da primeira escola para os filhos. Critérios como educação, instrução, bem estar e segurança são considerados, na reportagem, como relevantes durante esse processo de escolha, mas além deles posiciona-se o interesse da criança. Sobre isso a psicopedagoga, na matéria, diz: *“As crianças não têm condições de fazer escolhas, mas é importante que elas digam como estão se sentindo”*.

Dessa forma temos aqui duas formas desenvolvidas de maneiras distintas dependendo do domínio que se apropria. Tradicionalmente, se toma a infância como uma fase do desenvolvimento humano, garantindo um curso esperado e tomando o adulto como parâmetro de normalidade - isto é aquele que é racional e moral - constituindo-se a infância como uma fase de subordinação, em que se implica o controle do adulto nas suas condutas e vontades. Por outro lado, considerando-se as mudanças passadas na sociedade pelo avanço da tecnologia, pensa-se também em uma infância que tem suas habilidades e saberes próprios valorizados.

Vemos que os discursos que versam sobre os modos de ser criança não se dão de forma homogênea e contínua. Esse apontamento nos leva aos estudos que colocam em discussão a posição ocupada pela criança na sociedade atual, a partir das formas de se viver essa infância veiculadas nos materiais midiáticos. Encontramos, então, alguns autores como Corazza (2004), Souza e Campos (2003), Brayner (2001) e Postman (1999) os quais consideram que os comportamentos e discursos apresentados pelas crianças, conferem a elas uma postura mais adulta, pois se assemelham às atitudes esperadas por adultos. A esse

processo de diminuição de fronteiras que delimitam o universo adulto e o infantil, vão denominar de “adultização/adultificação” das crianças ou “desaparecimento” da infância. Segundo os autores, esse processo de adultização atinge tanto as crianças como os adultos, visto que, tende a promover mudanças nas relações estabelecidas consigo, com os outros e com o mundo.

No entanto, falar em adultização das crianças talvez nos retorne a ideia a respeito da condição de “natureza infantil”, da sua essencialização, atrelada a expectativas de certo comportamento do desenvolvimento. Ideia que nos afastamos por tratarmos as noções de infância como uma construção histórica a partir das condições de possibilidade emergentes. Desta forma, não se trata aqui de discutir se as crianças estariam passando por um processo de adultização por conta de seus saberes e habilidades valorizados, mas sim de problematizar essa questão. Pois se hoje as crianças são posicionadas como consumidoras ou portadoras de um saber, isso é possível pelas condições econômicas, sociais e culturais emergente no momento presente.

O que gostaríamos de destacar com essas questões é que o modelo de ser criança e com ela se relacionar se encontra em meio a um conjunto discursivo que não se mostra homogêneo e tampouco definitivo, mas que a partir do que pudemos visualizar nos materiais, esse modo de existência se encontra nos entremeios de noções híbridas de tradição e modernidade.

#### 4.1.4 Modos hegemônicos de ser e de relacionar com a infância

A quarta estratégia nos chama atenção por definir ou estabelecer modos hegemônicos de ser e de se relacionar com a infância – através de enunciados que afirmam “como são” e “como vivem” as crianças contemporâneas.

É possível que, ao descrever as outras estratégias também possamos perceber a descrição de um modo de existência preponderante, porém, notamos nos materiais aqui analisados descrições objetivas de “como as crianças são”, “como se comportam”, “como é normal que ajam”, dentre outros modos, o que nos leva a dedicar atenção a essa produção. Salientamos que nomeamos as estratégias separadamente a fim de uma melhor compreensão e visibilidade para nossa análise, mas é importante frisar que elas não operam separadamente,

suas táticas de ação se dão no entrecruzamento de umas com as outras, em práticas heterogêneas que se mesclam e coexistem.

Nos materiais, vemos a descrição dos modos de ser naturalizados e constituintes do “ser criança”, aos quais daremos destaque a seguir:

Um primeiro material que se destaca é a matéria “Matrícula na hora certa” sobre atividades esportivas e cursos adequados para cada idade das crianças. As atividades em questão são: dança, musculação, esportes recreativos, esportes competitivos, instrumentos musicais e idiomas. Neste material, discorre-se sobre os benefícios que essas atividades extracurriculares podem proporcionar no desenvolvimento saudável das crianças. No entanto, o mesmo alerta que a preocupação exagerada dos pais com o futuro dos filhos pode comprometer as capacidades físicas e intelectuais das crianças inseridas na rotina de diversas atividades, em que ao invés de estimular, podem acabar “*afetando o desenvolvimento neurológico da criança*”, como explica o pediatra na matéria:

*A preocupação exagerada dos pais com o futuro dos filhos pode transformar a rotina de muitas crianças em uma roda-viva: da escola para a nataçã, de lá para a aula de violão, que quase emenda com a de espanhol – e, de volta em casa, a criança ainda tem de estudar para a prova de matemática do dia seguinte (Seção Guia Veja – Matrícula na hora certa, revista Veja, ed. 2236, ano44, n°39, 28/09/2011).*

Percebemos nesse excerto, assim como no restante da matéria, a padronização de um modo de ser criança que responde aos apelos recorrentes da sociedade contemporânea, para que sejamos cada vez mais produtivos, competitivos, bem sucedidos. Porém, como já abordamos, não se trata de uma sociedade em que apresente condições homogêneas nem igualitárias para todos que vivem nela. Assim, o estabelecimento de um referencial desejável de preparação das crianças para a vida adulta, mais do que negligenciar as diferenças, constitui uma normalidade em torno dos investimentos na infância.

Outro material que também indica uma naturalização do cotidiano das crianças foi a matéria “Com a cabeça no mundo virtual”, em que se aborda as relações das crianças com as tecnologias. Em uma parte da matéria, coloca-se uma pergunta em destaque: “*Qual é o combinado com o seu filho sobre o uso do computador, iPad e jogos eletrônicos?*” e alguns pais buscam respondê-la. Um deles se posiciona da seguinte maneira:



*[...] A geração de crianças nascidas após o início desse milênio, como é o caso da minha filha, usa os meios digitais com muita criatividade e para vários fins que não só a diversão. Outro dia mesmo, fiz uma vídeo conferência com ela, eu no trabalho e ela em casa, para ajudá-la com uma lição, algo que pouco tempo atrás pareceria coisa de ficção científica. Essas novas formas de comunicação são incríveis e fico fascinado com as possibilidades que elas nos dão. Nesse sentido, tanto faz se a Marie, como chamo minha filha, quer ler um livro no celular, no tablet ou no papel. A plataforma não interessa, o que eu quero é que ela leia. [...]. (Reportagem Com a cabeça no mundo virtual, revista Crescer, agosto/2011).*

O primeiro elemento que nos chama a atenção é a criação de uma unidade geracional - "a geração de crianças nascidas após o início desse milênio" -, correspondente a uma nova forma de relação com a tecnologia - "usa os meios digitais com muita criatividade"-, constituindo portanto, uma nova forma de produzir a infância "para vários fins que não só a diversão". Uma leitura descuidada nos poderia fazer pensar que temos tal unidade geracional constituída de forma absoluta, como se tais recursos tecnológico não fossem restritos a apenas uma parcela das crianças hoje.

Mais um material em que é possível visualizar a produção de um determinado modo de ser é o anúncio publicitário do Banco Itaú, em que se apresenta o serviço de planos de previdência privada para as crianças. As crianças são descritas no texto publicitário como independentes, em associação a imagem ilustrativa de uma criança segurando uma escova de dente, sugerindo que já consegue desempenhar a ação sozinha: "A cada dia eles ficam mais independentes. E se tiverem uma previdência privada vão continuar assim no futuro (Anúncio publicitário do Banco Itaú, revista Pais & Filhos, outubro/2011).

Neste, como nos demais excertos, podemos observar a normatização de uma infância a partir de modos de ser que produzem um determinado modo de existência. Esses materiais apontam para modos de ser em que as crianças lidam habilidosamente com as evoluções tecnológicas, participam e mobilizam o consumo de objetos e serviços vigentes, mostram-se independentes, produtivas, ativas, bem sucedidas, produzindo a naturalização de uma noção da infância correspondente com os modos de vida preconizados na contemporaneidade. Apresentam também como as crianças ganham uma visibilidade social, na medida em que é possível que escapem (mesmo que em certa medida) do modelo tradicional de serem vistas como aquelas que não sabem, para se tornarem aqueles que são ativos na sociedade e mantêm as relações estabelecidas em movimento, como nas práticas de consumo e na transmissão de saberes para os adultos.

Analisando como esses discursos são constituídos e invocam noções particulares de verdade sobre como as crianças devem ser e agir, destacamos que as estratégias utilizadas para tornar hegemônicos esse modos de ser se dão nas relações de saber e poder na sociedade atual. Por sua vez, isso nos permite identificar na análise dessas quatro estratégias apresentadas como elas se relacionam e se apoiam em determinados saberes, sustentados pela constituição de uma rede de profissionais especialistas, cujo discurso apresenta-se como legítimo e, portanto, com poder de dizer a verdade, servindo de suporte para as formas de regulação, disciplinamento e subjetivação dos modos de ser criança.

Muito embora, estejamos analisando os modos hegemônicos de existência relacionados à infância, os quais visam uma homogeneização dos indivíduos, surpreendeu-nos em uma das matérias da revista Pais & Filhos (julho/2011), a forma com a noção de *diferença* aparece. No material intitulado “*Família diferente, vida normal*” é descrito o cotidiano de uma família que tem dois filhos, 5 e 1 ano e 9 meses de idade. A matéria descreve-os como crianças felizes, que acordam de bom humor, dormem a noite inteira e alegram a casa. O fato de eles serem uma família diferente, como indica o título da reportagem, é pelo primogênito ter uma deficiência neurológica, necessitando de alguns cuidados particulares. Sobre ele, a mãe diz: “*Ele veio sob encomenda pra mim. Sou uma mãe egoísta e ele sempre vai estar comigo*”. O pai completa: “*Desde que nos mudamos para cá, nem terminamos de reformar a casa. Nosso tempo é deles. Por que eu ficaria com uma furadeira na mão, se tenho dois filhos para brincar?*”.

O que destacamos com esse material é que assim como aparece a questão da diferença, ela é tão logo anulada ao ser relacionada à normalidade da vida cotidiana da família. Além do título, a *diferença* só aparece, como desvio, quando se fala a respeito do desenvolvimento da criança: “[...] *não teria um desenvolvimento normal*”. O que nos chama atenção ao que é enunciado nesse material é a questão da diferença estar associada ao funcionamento neurológico da criança, mas o modelo de infância e modos de ser criança apresentados continuam sendo em relação ao modelo de normalidade hegemônico.

Na revista Crescer (novembro/2011), encontramos mais uma matéria que nomeia uma infância como *diferente*. Trata-se de uma matéria divulgada como parte do Projeto

Generosidade<sup>19</sup>, o qual por meio das revistas e dos sites da Editora Globo, divulga iniciativas de pessoas e instituições que trabalham com ações sociais.

Esse material, intitulado “O céu não é o limite”, descreve o trabalho de uma jornalista que criou o Clubinho da Criança Inteligente, que leva cerca de trinta crianças moradoras do Morro Santa Marta, no Rio de Janeiro, para o planetário da cidade. O projeto foi fundado em maio de 2010: “*Queria fazer algo pelas crianças e, na minha leitura de mundo, o grande diferencial do ser humano é a inteligência*”, explica a fundadora.

As atividades do Clubinho variam entre aulas de astrologia, ecologia, contos de histórias e sessões de filmes. Segundo a fundadora: “*A cosmologia é apenas a porta de entrada para levarmos a consciência de cidadania para essas crianças*”. E continua:

*Quando eles [as crianças] chegam aqui, se impressionam, entram num mundo novo e gostam disso. Essa é a melhor maneira de atrairmos as crianças para coisas maiores. Nosso objetivo é mostrar que elas são cidadãos como qualquer outra pessoa e que podem e devem frequentar espaços culturais, museus e tudo mais o que a cidade oferecer de conteúdo.*

A enunciação da *diferença*, nesse caso, sinaliza para outras infâncias possíveis, visibilizadas a partir das crianças pobres, moradoras do morro, as quais o projeto Generosidade inclui em suas ações. No entanto, mais uma vez essa noção da *diferença* não é explorada na matéria, e do mesmo modo que a imagem hegemônica, é naturalizada como uma diferença que é própria da infância pobre, sem qualquer referência a sua constituição em relação a condições políticas, sociais, econômicas ou culturais de nossa sociedade. Compreendemos, portanto, que a afirmação dessa *diferença* não a inclui como possibilidade de uma existência diferente, mas reitera a norma, para a qual tais crianças devem ser trazidas.

No entanto, a maneira como a noção da *diferença* emerge nesses materiais, já nos é suficiente para sinalizar para uma quebra na linearidade do discurso sobre esses modos de existência. Com isso, queremos marcar uma descontinuidade, um corte de significação na pretensa unidade que instaura modos de ser criança e se relacionar com a infância. Interessamos pontuar como essas diferenças emergem nos materiais, criando ou reforçando processos de inclusão e exclusão. Os modos de ser que são colocados em exposição estão diretamente relacionados a uma série de valores e de definições a respeito do que são determinados grupos

---

<sup>19</sup> Disponível em: [www.projetogenerosidade.com.br](http://www.projetogenerosidade.com.br). Acessado em 12/02/2013.

na sociedade e em que medida ganham visibilidade os que não correspondem ao hegemônico, os diferentes.

Dando visibilidade aos conteúdos dos materiais midiáticos analisados, é possível notar que é descrito basicamente um único modo de ser criança e se relacionar com a infância hoje. E a partir das estratégias identificadas, passamos a pensar no não-dito, no que não aparece, de forma que se estabelece, desta maneira, “como são” os diferentes, aqueles que não se encaixam no padrão normatizado. Desta forma, considerando que não haveria conceitos universais, os discursos construídos no interior de relações muito concretas de poder apontam para os vários tipos de diferenças sociais e culturais. Ou seja, estamos tratando aqui da necessidade de ampliar nossa compreensão sobre as formas concretas com que somos diariamente informados, as estratégias de construção de sentidos nas mídias, sobre a sociedade mais ampla.

Portanto, os sentidos atribuídos à infância são o resultado de um processo de construção social, de dependem de um conjunto de possibilidades que se conjugam em determinado momento da história, são organizadas socialmente e sustentados por discursos nem sempre homogêneos e em constante transformação. São modelados no interior de relações de poder e representam interesses de instituições religiosas, do Estado, da sociedade, da escola, da família... Tais sentidos não são estáveis, nem únicos e em cada época histórica encontraremos diferentes formações discursivas que orientam o que se pode dizer sobre determinadas coisas.

## **5 MODOS DE SER CRIANÇA E SE RELACIONAR COM A INFÂNCIA: RELAÇÕES COM OS VETORES CONSUMO E SABER**

Neste capítulo, realizamos a análise dos materiais selecionados, nos quais identificamos enunciados que relacionam os modos de ser criança e se relacionar com a infância com os vetores consumo e saber, estudados nesta dissertação. São objetivos desta análise: *problematizar a constituição dos modos de ser criança e se relacionar com a infância, a partir dos vetores consumo e saber; identificar o que se constitui como objeto de consumo e saber para as crianças; e problematizar o caráter normalizador dessas práticas pela análise dos “modelos” de infância e das crianças por eles produzidos e veiculados nas mídias.*

Da mesma forma que discutimos, anteriormente, as estratégias midiáticas circulantes nas mídias acerca dos modos de existência e seus funcionamentos operando no controle e na disciplinarização das condutas, consideramos como algo fundamental visibilizar as articulações entre o que se fala sobre a infância e os mecanismos de assujeitamento que se fazem presentes nas práticas de instituição dos modos de ser e agir. Assim, o que é falado sobre a infância ou sobre os modos de se relacionar com ela emerge como efeito das estratégias de poder, que tomam os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 2009). Essa dinâmica permite que o dispositivo midiático funcione de forma a fazer ver e fazer falar sobre esses modos de existência delineando discursivamente uma determinada infância e um determinado modo de agir e se relacionar com ela.

Assim sendo, baseamos nossa análise nesses pressupostos e para garantir a efetividade de sua realização descrevemos a forma como manuseamos os materiais: para nortear a análise, os materiais foram organizados de acordo com os vetores escolhidos. Os vetores do consumo e saber emergiram como analisadores, uma vez que foram escolhidos por dirigirem nosso olhar durante a seleção dos materiais (a princípio selecionamos todos os materiais em que aparecia a imagem de criança) e por visibilizarem possíveis modelos de infância emergentes na contemporaneidade, já nos causando um estranhamento e suscitando algumas questões: O que se mobiliza quando as crianças são mediadoras do consumo e do saber? Que discursos e saberes posicionam e naturalizam as crianças como agentes do consumo e do saber? Em que campos se constituem os saberes sobre os quais as crianças são autorizadas a falar? Há algo de específico em relação ao objeto de consumo para as crianças?

Partindo desses questionamentos, tratamos o conjunto de materiais como um campo possível onde pudéssemos visibilizar a circulação de saberes em seus cruzamentos com as diversas estratégias na constituição de modos de subjetivação. Na análise desses materiais, não foi nosso intuito buscar uma interpretação ou uma verdade por trás do que era enunciado. Com isso, nossa análise vai se delineando ao discorrermos sobre os materiais a partir do que se constituem em sua materialidade, tomando, como nos norteia os estudos foucaultianos, os materiais em suas superfícies e conexões constituídas em um determinado momento histórico como produtos de fatores políticos, sociais, econômicos, etc.

Importamo-nos em identificar os materiais como anúncio publicitário, matéria jornalística impressa ou televisiva, destacando e contextualizando o trecho escolhido para análise. Tendo em vista os objetivos da pesquisa, desdobramos a análise em seus vetores correspondentes, consumo e saber, destacando que os consideramos separadamente a fim de assegurar uma maior objetividade e visibilidade do que buscamos nomear como sentido de verdade e de norma, permitindo a cobertura dos principais tópicos enunciativos, conforme a proposta teórica-metodológica assumida. Mas, desde já, evidenciamos que esses vetores mantêm articulações e complementaridades nos domínios do visível e do enunciável, de maneira que não os tomamos como excludentes.

## **5. 1 Crianças e suas relações com o consumo**

Discutiremos neste tópico o que identificamos nos materiais em relação aos modos de ser criança e se relacionar com a infância associados ao vetor consumo. Interessa-nos analisar estas relações a partir das mensagens direcionadas às crianças e aos adultos nos materiais midiáticos, tendo como foco o consumo de produtos e serviços. Incluímos também nesta análise, materiais em que as crianças são posicionadas como mediadora do consumo para os adultos.

Ao pensarmos a infância a partir da lógica presente na sociedade do consumo, inquieta-nos o estudo dessa temática, uma vez que a reflexão maior é perceber como têm sido constituídos os modos de subjetivação a partir das relações consumistas. Para problematizarmos esses modos de ser criança e se relacionar com a infância, presentes no dispositivo midiático, tomamos as seguintes questões suscitadas durante o contato com os

materiais, como norteadoras de nossa análise: O que se constitui como objeto de consumo para as crianças? Há algo de específico em relação ao objeto de consumo para as crianças? O que se mobiliza quando a criança é mediadora do consumo do adulto? Que discursos e saberes posicionam e naturalizam as crianças como consumidoras?

Essas questões nos levam a pensar nos modos de ser criança associados à posição de consumidoras ou mediadoras do consumo, que nos materiais midiáticos, são eleitos como personagens e alvos de inúmeros produtos culturais, como programas de TV, revistas, telejornais, e, assim, produzem e fazem circular um conjunto de discursos pelos quais se tenta definir como são ou deveriam ser as crianças dos tempos atuais. Assim, o estudo desses modos de ser implica poder analisar de que forma a produção de subjetividades e os modos de se relacionar com a infância, bem como seu assujeitamento, se mesclam com outras condições sociais, econômicas e culturais na modernidade, trazendo questões relevantes para se compreender a formação de modos de existência.

Desta forma, tomamos, como um dos princípios fundamentais dessa discussão, a compreensão da infância como uma construção social, isto é, o ser criança não nos é entendido como uma condição derivada da natureza, mas sim que as diferentes realidades de infâncias são produzidas pelas condições sociais em que vivem as crianças, conforme abordado no primeiro capítulo desse trabalho.

Para situarmos a que nos referimos como sociedade de consumo, retomaremos algumas especificidades, apontadas na Introdução desta dissertação, que são marcantes em torno desta noção. Sendo assim, afirmar o que o consumo representa na sociedade capitalista parece ser oportuno. O consumo faz-se essencial para as sociedades capitalistas, já que permite movimentar a economia, reafirma as diferenças entre os grupos sociais e possibilita as relações entre os indivíduos. Também configura o que vem a se instituir como sociedade de massa; o que faz com que os indivíduos participem socialmente e se integrem ao seu meio social e cultural. Ao consumir, são satisfeitas algumas necessidades que foram fixadas culturalmente e possibilitam que os indivíduos se integrem ou se diferenciem de outros. Em uma sociedade como a nossa, excludente, individualista e desigual, consumir tornou-se uma forma de participar de modo ativo, como também uma maneira de ordenar os desejos que podem ser concretizados em algum objeto.

Sobre o que move o ato de consumir, Bauman (2001) salienta que somos permanentemente monitorados para identificar, através das coisas e dos objetos, nossos gostos e estilo pessoal, viabilizando, assim, não somente que cada indivíduo se reconheça como diferente do outro, como também um amplo processo de hierarquização e discriminação entre os vários grupos sociais. Diferentemente de outras possibilidades de identificação que seriam duradouras, a cultura de consumo se caracterizaria, também, por sua fluidez e volatilidade, já que os próprios objetos vão gradualmente perdendo seu valor, na medida em que são substituídos por outros. Desta forma, as possibilidades de identificação da cultura de consumo se apresentam como cambiantes, fluídas, fragmentadas e parciais.

Trata-se, assim, de uma sociedade onde os objetos e as coisas são empregados para a busca de uma identidade. Chamamos a atenção para este fato, justamente, por fazer com que tal mecanismo cultural tenha a função de reger o contato entre os diversos grupos sociais, como também as posições assumidas por crianças e adultos, de forma que a ascensão do consumo como uma prática largamente instituída na sociedade contemporânea, permite, a quem consome, escolhas e responsabilidade por suas opções, e “autonomia” para buscar uma suposta e volátil autorrealização, felicidade e bem-estar pessoal no mercado de consumo. Essa construção é ancorada em enunciados que podem ser compreendidos como aspirações para governar a conduta dos indivíduos e provocar um alinhamento entre suas vontades, necessidades, expectativas, e os objetivos do governo dessas condutas em que se codificam as experiências cotidianas de maneiras específicas, consoante os interesses vigentes.

Enquanto o consumo se torna um meio fundamental que orienta a tomada de decisões nas mais diferentes esferas do cotidiano, os indivíduos são mobilizados em dois eixos distintos, mas articulados, com a autonomia e responsabilidade. Os indivíduos são convocados a experimentar sua liberdade por meio de seus atos de escolha, incentivados a se tornarem ativos no empreendimento de si mesmos, maximizar suas experiências, adotar estilos de vida, construir suas identidades e determinar o curso da própria vida em nome de seus interesses individuais e sob suas responsabilidades.

Então, o que propomos aqui é que na cultura contemporânea do consumo um determinado modo de ser criança e de se relacionar com a infância também é produzido. A isso vinculamos as mudanças nas relações estabelecidas entre adultos e crianças, bem como a descoberta de um mundo infantil consumidor, mediado e incentivado, principalmente, pelas famílias de renda média e alta da sociedade. É, necessariamente, o momento no qual o



alargamento do capital é visível, unindo a indústria de produtos a serem comercializados e posicionando as crianças como mediadoras de consumo para os adultos.

Problematizar essa posição de consumo junto à produção da infância foi uma tarefa interessante, pois, logo de início, foi possível encontrar, majoritariamente, as crianças como mediadoras do consumo para os adultos nos diferentes tipos de mídias. Dentre os produtos e serviços comercializados, encontram-se os mais diversos, que destacamos a seguir:

No anúncio publicitário dirigido aos pais sobre o complemento nutricional “PediaSure” para as crianças. A inclusão desse anúncio deu-se pela presença ilustrativa de uma criança em um tamanho que ocupa, verticalmente, quase todo o anúncio. Uma vez que se depara com a criança, é que nossa atenção é dirigida ao produto em questão. Na diagramação do anúncio, vemos a imagem de um menino tentando abotoar a camisa que está pequena para seu tamanho. Em seu rosto, um leve sorriso. No texto do anúncio, temos a associação das ideias de desenvolvimento saudável dos filhos, junto a uma generalização acerca do comportamento alimentar das crianças, mobilizadas para o consumo do produto:

*A gente quer o mesmo que você: ver o seu filho crescer. [...] A hora da refeição é um problema na sua casa? Saiba que é comum crianças passarem por algum tipo de dificuldade alimentar, mas isso deve ser tratado com atenção, pois pode comprometer o desenvolvimento do seu filho. Nessas horas, você tem um grande aliado: PediaSure, um alimento completo e balanceado, que ajuda no crescimento do seu filho, complementando sua alimentação[...] (Pais & Filhos, julho/2011).*

Vemos aqui, a imagem da criança associada ao que se enuncia a respeito do benefício do complemento nutricional como o que mobiliza os pais ao consumo: *“um alimento completo e balanceado que, ajuda no crescimento do seu filho”*. O anúncio é reforçado pelo apelo que a marca faz ao saber médico, como na passagem que destacamos na estratégia da presença de especialistas: *“[...] o mais recomendado pelos pediatras”*. Demarca-se, nesse anúncio, a prática de consumo conjugada à noção de desenvolvimento saudável das crianças, ou, em outras palavras, o consumo dando contornos à infância, em torno de questões de alimentação, saúde e cuidado específicos.

O próximo material que apresentamos é uma matéria intitulada “Brinquedo, brinquedo meu...” (Pais & Filhos, dezembro/2011) sobre diferentes tipos de brinquedos e seus respectivos potenciais de estímulo do desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Os brinquedos são apresentados na forma de categorias como vemos a seguir:

***Brinquedo que não brinca sozinho*** - são indicados jogos e casa de boneca; ***Brinquedo que não machuca*** – aqui aparecem brinquedos diversos, como massa de modelar, brinquedos de pelúcia e de montar; ***Brinquedo que é maluco*** – brinquedos, como robôs e carrinhos, que apresentam peças flexíveis; ***Brinquedo que agita*** – cesta de basquete, piscina de bolas, barraca, helicóptero movido a controle remoto são apresentados como brinquedos que farão as crianças gastarem energia durante a atividade; ***Brinquedo que acalma*** – são apresentados aparelhos musicais, como caixinha de música e ninar eletrônico, projetor de luz e bonecos; ***Brinquedo que ensina*** – brinquedos para colorir, identificar as cores e encaixar as peças.

Nas ilustrações, vemos os brinquedos de cada categoria, que são apresentados com seus respectivos preços e locais de venda. Seus valores variam de R\$ 29,90 (correspondente a massa de modelar) a R\$ 379,00 (piscina de bolas e barraca de armar - os dois brinquedos apresentam o mesmo valor).

Neste material, embora se trate como evidente a relação do objeto brinquedo com a infância, faz-se uso da estratégia da pedagogização dos pais associada à figura de uma especialista, que embasa a matéria, ao explicar que o brinquedo em si não tem importância, mas sim a conexão que cada criança vai estabelecer com seus brinquedos: “*É preciso existir a relação. É o brincar que é importante*”, afirma a psicóloga.

No entanto, destacamos que, pelos valores dos brinquedos apresentados, a matéria e a indicação do consumo nos indicam uma determinada classe social, que pode investir no consumo para seus filhos. Além disso, vemos na matéria a associação dos brinquedos com a atividade de brincar. Isto é, não se menciona a possibilidade de brincar sem os brinquedos, que poderia ser mais amplamente acessível e desatrelado do consumo. Desta forma, o brincar aparece entrelaçado ao consumo de brinquedos relacionados ao estímulo do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.

Dentre os materiais selecionados para esta análise, apenas um deles se refere a um produto que não se destina às crianças, é direcionado ao uso e consumo do adulto. Trata-se do anúncio publicitário de um automóvel (Crescer, agosto/2011), em que nas ilustrações, vemos em destaque o carro e ao seu redor, imagens de crianças sorrindo. O anúncio é apresentado com uma linguagem direcionada para o público feminino: “*Ser mãe, profissional, esposa e cidadã significa ter um dia corrido, repleto de tarefas. O seu carro tem que ser tão flexível e dinâmico como a sua rotina, garantindo segurança e conforto em qualquer situação*”.

Esse anúncio nos interessou por remeter a três questões que desenvolvemos nesta pesquisa: a associação entre gênero, consumo e cuidado com as crianças. Essa relação pode ser visibilizada no texto do anúncio, em que se apresenta o automóvel, descrito como “*pronto para acompanhá-la em todos os seus papéis femininos, os quais, segundo o anúncio, são “ser mãe, profissional, esposa e cidadã”*”. E logo depois são apresentados os itens que compõem o carro, em associação à segurança e ao conforto das crianças. Desta forma, busca-se reforçar a naturalidade da prática de cuidados com as crianças concebida a partir das relações de gênero na sociedade, onde a figura materna foi eleita como a protagonista das relações de subsistência e cuidado com seus filhos. Expomos o trecho:

*[...] Seus filhos estão no banco de trás, mas nem por isso você precisa se virar para vê-los. É só bater os olhos no espelho de vigilância, que fica junto ao retrovisor interno, para saber o que os pequenos estão fazendo. E provavelmente estarão se divertindo, principalmente se estiverem usando as mesinhas traseiras – iguais as que existem em aviões -, um bom apoio para atividades infantis [...].*

Destacamos que neste material, que não se trata de um produto para o consumo de crianças, mas onde o apelo à segurança, proteção e conforto, especialmente pensado para as "atividades infantis", mais uma vez captura a infância em torno do consumo. É em nome de certo modo de cuidado da infância que se tenta promover o consumo do produto pelo adulto.

Além de produtos, alguns serviços também aparecem em matérias e anúncios publicitários relacionando as crianças com o consumo. Como no anúncio publicitário da assinatura mensal de um site de jogos e histórias para crianças. O anúncio é ilustrado com a imagem de um menino sorrindo e o pai fazendo a barba com cara de espanto. Acima do menino, um balão de fala: “*Pelas barbas do Visconde, pai! Assina logo o Mundo do Sítio*” (Crescer, julho/2011). Dentre os materiais selecionados, esse foi o único em que pudemos ver a mensagem sendo dirigida da criança para o adulto, diferentemente dos outros materiais, em que são relatados os benefícios do objeto a ser consumido buscando o convencimento do adulto.

A análise desse anúncio nos leva ao exposto por Sampaio (2000) sobre a visibilidade das próprias crianças nas mídias, onde são posicionadas como possíveis “responsáveis” pela sedução e convencimento do público em relação aos atributos, vantagens e possíveis recompensas dos produtos. Retomamos esse ponto, discutido na Introdução desta dissertação, pois nos chamou atenção o fato da revista ser dirigida para o público adulto e no anúncio é a

criança “que fala”, quem solicita o consumo, através de um enredo lúdico, com ilustrações das personagens do conto do Sítio do Pica-pau Amarelo: “*A Cuca avisou: vai nascer a barbicha do Visconde de Sabugosa no pai que não assinar o Mundo do Sítio*”.

Na revista *Veja*, temos a matéria “Férias divertidas” na seção Guia *Veja* (14/12/2011). Nessa matéria são propostos alguns cursos para que os pais matriculem seus filhos durante as férias escolares, identificando a idade correspondente e as respectivas escolas para matrícula. Os cursos apresentados são: culinária, corte e costura, artes, escolas de circo e de práticas de esportes. Destacamos o início da matéria:

*Chega aquele momento em que os pequenos já ficaram alguns dias na casa dos avós, curtiram uma temporada na praia, foram ao zoológico, ao cinema e, ainda assim, têm energia para aproveitar o tempo que resta. Mas existem cursos e oficinas para entreter e divertir a criançada – com a vantagem adicional de que, na maioria delas, os pais não precisam estar presentes, e podem assim aproveitar para recuperar o fôlego. [...].*

Trata-se aqui de pensar o consumo desses serviços como uma alternativa para os pais, que inseridos na lógica da sociedade contemporânea, encontram-se imbuídos com outras atividades, como o trabalho, onde a pressão para eficácia, produtividade e competitividade é constante (BAUMAN, 2001) e, portanto torna-se conveniente “*a vantagem adicional de que, na maioria delas, os pais não precisam estar presentes*”.

Posto isso, alguns estranhamentos emergem: o que podemos pensar a respeito de crianças matriculadas em cursos durante seu período de férias? O que está se fazendo com o tempo livre das crianças? O que se consome aqui e em nome do que? Parece, então, que essa lógica contemporânea da produção, eficácia e competitividade também se estende aos modos de ser criança e se relacionar com a infância, situados dentro de uma determinada condição econômica e social que têm acesso a esses meios. Assim, esse modo de existência que tem sido tomado como “orientador” dos modos de ser criança e se relacionar com a infância alimenta as práticas de cuidado, educação e orientação de crianças, de forma diretamente associada ao consumismo de objetos e serviços.

Mais um material que apresentamos é a reportagem televisiva do *Jornal da Record*<sup>20</sup> sobre a preocupação das crianças com o cuidado com a aparência. Na reportagem, foram entrevistados adultos e crianças sobre serviços especializados nos cuidados infantis. Questões

<sup>20</sup> Jornal exibido no dia 20/12/2011. Disponível em <http://noticias.r7.com/videos/cuidado-com-a-aparencia-vira-necessidade-desde-cedo/idmedia/4ef11302b51af6e7ed95b9ca.html>. Acesso em 21/12/2011.

como hora marcada no cabeleireiro e preocupação com a roupa que irá vestir recebem destaque, pois como afirma a repórter: “*O que parece uma brincadeira já colocou o Brasil em 2º lugar no ranking da vaidade infantil*”.

No início da matéria, a repórter apresenta o tema:

*Gente em miniatura que precisa até de um banquinho para alcançar o tamanho da vaidade. Nos salões especializados em atender os desejos infantis, tudo é feito para eles. Luana, de 04 anos, tem horário marcado pelo menos 02 vezes por semana. Ela não abre mão dos penteados.*

A criança é solicitada a falar de suas preferências: “*Tipo trança, umas trancinhas pequenininhas, tem que colocar um monte de coisa!*”. A repórter pergunta: “*Que tipo de coisa?*”. E a criança explica: “*Brilho, coraçõzinho, estrela*”.

Sobre outra criança apresentada na reportagem, a repórter anuncia:

*Desde bem cedo, a Camila demonstra afinidade com o espelho. Seguindo o exemplo da mãe, não sai de casa sem filtro solar, hidratante e uma bolsinha básica de maquiagem. Vaidade demais para gente tão pequena? Isso é que você ainda não viu nada. Essa é uma casa de trigêmeas, de vaidade em dose tripla, um ritual de beleza de fazer inveja a muito adulto. [...] Hoje é dia de hidratar o cabelo, fazer escova ou cachinhos de boneca. Um pouco de cor nas unhas e estão prontas para nenhuma ocasião especial, só para ficar, como se isso fosse possível, ainda mais charmosas.*

Com esse material, tratamos a ênfase dada à imagem e a estética na cultura do consumo. A estetização da vida estimula o consumo, a busca de objetos, impulsionando ainda mais o desenvolvimento de novos consumos. A valorização da estética coloca em destaque os valores do cotidiano que nos remete a uma nova concepção de “estilo de vida”, numa dimensão abrange o corpo, a escolha das roupas, os cuidados com a aparência. Dessa forma, o consumo não é compreendido apenas como consumo de valores de uso, mas primordialmente associado a uma dimensão cultural, semelhante a um código, onde as práticas e bens denotam um estilo de vida num determinado tempo e espaço social (LEHMANN; SILVEIRA; AFONSO; CASTRO, 1998).

Dessa forma, enuncia-se uma infância, como “*gente em miniatura*”, que dentro da cultura de consumo, se diferencia a partir de estilos de vida e do consumo cada vez maior de produtos e serviços. Pensar os modos de ser criança e se relacionar com a infância a partir dos atravessamentos dessas questões pode constituir uma descontinuidade com os modos tradicionais de ser criança (como discutimos na estratégia midiática das figuras híbridas de

tradição e modernidade). O consumo aqui conecta a noção de infância a uma certa produção estética e de corpo, que talvez tradicionalmente estivesse associada a imagem do adulto.

Os produtos e serviços que apresentamos nos interessaram na medida em que posicionam as crianças não só como sujeitos consumidores dos objetos, mas também (e principalmente) como estimuladores desse consumo. Fica claro que, o que prepondera são objetos e serviços que, muitas vezes, funcionam para demarcar estilos de vida e posição social bastante específicos. Dizem respeito a uma classe social com poder aquisitivo que as permite ter acesso aos mais variados produtos, o que parece permitir o enquadramento dos sujeitos e de suas relações, uma vez que pertencer a uma grupo significa consumir de forma semelhante.

Outro material que traz essa questão do pertencimento a um grupo social é a matéria intitulada “No dia das crianças, um futuro de presente” (Pais & Filhos, outubro/2011). Na matéria é sinalizada a proximidade da data do dia das crianças, e, como uma alternativa aos presentes tradicionais (brinquedos), é apresentada a crescente procura por planos de previdência privada. No depoimento de uma mãe: *“Eu sou de uma geração que não tinha lá muita tradição de fazer previdência privada. Mas a partir do nascimento dos filhos, esse passou a ser um fator determinante”*.

No entanto, uma estratégia utilizada, nesse material, é a descrição da chamada “classe C” como o *“exemplo da nova classe consumidora do Brasil”*, a qual também se mostra preocupada com o futuro dos filhos. Segundo o depoimento de um pai, identificado como trabalhador especialista em eletrodomésticos e restaurador artesão: *“É claro que ele [o filho] vai ganhar um brinquedo, uma bola. Mas o plano de previdência é o futuro. É a minha garantia de que ele não vai parar de estudar se eu não estiver mais aqui. A gente tem que se preparar”*.

Na matéria intitulada “Esse dinheiro é seu!”, na coluna “Primeiras palavras- você precisa saber!” (Crescer, julho/2011), o tema da preocupação com o futuro dos filhos se repete, mas nessa é utilizada uma pesquisa a fim de garantir maior credibilidade ao enunciado:

*Seu filho nem aprendeu a falar e você já pensa na faculdade? Então faça uma poupança no nome dele: isso aumenta em seis vezes as chances de ingresso em um curso superior, pois faz a criança acreditar que terá como pagar os estudos. A descoberta é do Centro para o Desenvolvimento Social de Criança da Universidade de Washington (EUA), que fez um estudo com 3563 crianças de 0 a 12 anos e, depois de prazos de cinco a dez anos, entrevistou as que terminaram o colégio.*

Com esses enunciados, sinalizamos como a preocupação que os pais devem ter como o futuro dos filhos, no que se refere a um futuro estável e seguro, associa-se a garantia fornecida pela potência da lógica da sociedade de consumo, a partir da comercialização do serviço apresentado. Podemos notar que se tratam de diferentes setores dirigidos à infância mobilizados para nortear a sociedade do consumo.

Uma das características dos materiais consiste em direcionar o consumo para enunciados que se relacionem aos cuidados com as crianças, ao desenvolvimento infantil e a preocupação com o futuro. Ao consumir e fazer consumir o que é veiculado, temos essa prática social como o modo de pertencimento e inclusão na sociedade, identificando os iguais e marcando os diferentes.

Esses apontamentos nos fazem pensar nas contribuições de Foucault (2011) ao utilizar-se do termo governo e governamentalidade para referir-se ao modo como o poder se exerce sobre os indivíduos, como o ato de conduzir suas condutas. Assim, pensamos que a lógica do consumo consiste em formas de agir que afetam a maneira como os indivíduos conduzem a si mesmos e as crianças passam a ser alvo de uma série de estratégias de governo, em que as práticas e instituições se organizam com o propósito de governá-las. Crianças e adultos são, com isso, levados ao mercado consumidor através de um controle minucioso das estratégias midiáticas, que, de fato, apresentam escolhas de consumo, mas que podemos pensar que já estão previstas a partir do que se é instituído como o modo de ser hegemônico. Nesse sentido, por intermédio do consumo, ordenam-se os indivíduos em determinado grupo, classe social, ou qualquer outra categoria que é usada para classificar pessoas, de acordo com o que consomem e o poder aquisitivo que as farão consumir cada vez mais.

O ato de consumir inclui o indivíduo em sua posição social, seus valores, seus gostos e suas concepções, os quais são ensinados nos diversos contextos sociais – na família ou na escola, por exemplo, e intensificados com o acesso às mídias e as interferências da sociedade. Nessa prática do consumo, a promoção e a integração da infância no corpo social, protagonizam, junto com o adulto, a engrenagem da cultura do consumo.

Isso nos reporta a um material “Criança também decide” (Crescer, dezembro/2011), na coluna “Primeiras palavras – Você precisa saber”, em que vemos uma pesquisa sobre a influência das crianças nas compras de seus pais:

*Eu quero! Essa deve ser uma das frases que você mais ouve quando vai às compras com seu filho. Pois saiba que as crianças influenciam – e muito – as decisões de compra dos pais. Uma pesquisa realizada pelo canal de tv a cabo Nickelodeon revelou que 51% dos pais ouvem a opinião dos filhos antes de escolherem automóveis, celulares, roupas, computadores, itens de beleza e alimentação. Foram ouvidas 15600 pessoas, entre crianças de 9 a 14 anos e pais e mães de 6 a 14 anos em 11 países, incluindo o Brasil. A pesquisa também revelou que 79% dos pais entrevistados se sentem mais próximos dos filhos do que seus pais eram deles, o que talvez explique essa maior colaboração [...].*

Ainda na publicação da coluna, uma psicóloga é convocada para alertar que, embora naturalizado esse comportamento, os pais devem ter algum cuidado: “*É muito importante que as crianças participem das decisões que têm a ver com o seu universo, como as roupas que ela mesma vai usar. Mas os assuntos de adulto devem ser mantidos entre os pais*”.

Dessa forma, mais uma questão nos incita: se as crianças são apresentadas como diferentes dos adultos, seja pelas condições biológicas ou pelas condições do lugar social que ocupa, qual a posição que os modos instituídos de ser criança assumem na cultura do consumo? Essa questão se torna importante no sentido de se evidenciar, talvez, o potencial transformador, se ainda existe, da presença e das relações estabelecidas com as crianças, na atual cultura do consumo.

Tornou-se visível, durante a análise dos materiais essa posição de uma infância produzida como público consumidor. Assim, a materialização dos modos de ser criança e se relacionar com a infância no tecido social se faz através de uma presença que se referencia e se remete a determinados objetos, sejam eles bens materiais, como também serviços, lazer, programas culturais etc., onde uma determinada inscrição específica da infância emerge no social. Esse modo de ser criança e se relacionar com a infância objetivado nos materiais aparece modelizado pelo mundo de bens materiais e destinados às crianças e/ou aos adultos pela cultura do consumo. São desde brinquedos, roupas, alimentos, oportunidades de lazer e serviços, tudo especificamente produzido para crianças e operacionalizado para fazer o adulto consumir.

Podemos inferir que as crianças passaram a ser constituídas como alvos do poder, como ponto forte nos discursos voltados às regras e normas para as relações entre adultos e crianças, voltados ao consumismo. É possível entender essas relações como caracterizadas pelo sentimento de piedade, ternura, cuidado dos pais para com seus filhos, mobilizando experiências de toda ordem voltadas para sua moralização e desenvolvimento saudável.



Concomitante a isso, evidencia-se que as condições econômicas, então, determinam a infância de diferentes crianças, bem como seus desejos, possibilidades, experiências e oportunidades que as diversificam e que definem o sentido da infância.

Mais um aspecto a se notar que emerge a partir da análise dos materiais é a estratégia de mobilização do consumo de produtos e serviços especializados para o público infantil. Nesse processo podemos identificar uma demarcação explícita de um certo modo de ser criança. A demarcação deste modo de existência a partir de questões sociais e econômicas onde se encontra a infância hoje, operacionaliza-se através de uma territorialidade na qual as crianças se incluem, e excluem, por outro lado, os demais. Novamente, é na cultura do consumo que esses modos de ser vão buscar as marcas que os definem como tal: é através da materialidade do que pode ser comprado que a infância vai delimitar fronteiras entre “quem está dentro, e quem está fora”.

Nesse sentido, poderíamos dizer que as marcas visíveis do consumo funcionam como estigmas de discriminação entre os grupos sociais, mantendo fora e afastado quem é diferente, quem é o outro, não se considerando os sujeitos na sua diversidade, ao tomar um determinado modo de ser e agir no mundo, aquele que consome, como hegemônico.

A infância, então, parece capturada dentro de uma lógica da cultura do consumo que a coloca com direitos e prerrogativas de consumidora. Mesmo que ainda seja apresentada como um ser imaturo, não desenvolvido, a infância se torna também um projeto cuja finalidade é atingir o patamar dos adultos, para assumir, então, a posição de independência e racionalidade características da maior idade.

Podemos pensar essa questão como uma desconstrução da infância, anteriormente tida como “aqueles que não falam”, para infância moderna em que as crianças passam a participar de práticas sociais, como o consumo, e são posicionadas como sujeitos que escolhem, decidem, optam e, de alguma maneira, muito cedo precisam assumir os efeitos de suas decisões. Retomamos a Foucault (2011), quando afirma que os discursos se referem não às palavras, mas aos poderes que a envolvem, ao que é controlado, interditado, regulado em diferentes lugares. Desta forma, supomos que os modos de ser criança e se relacionar com a infância instituídos, funcionam para o controle desses corpos, para que governem a si mesmos, tenham autonomia e assumam suas decisões, a partir do que lhes é instituído como possibilidades possíveis e reguladas.

Nesse sentido, crianças e adultos são diferentes um do outro, apenas porque seus gostos e interesses consumistas variam; contudo se fazem notar pela maneira uniforme com que seus modos de ser são construídos. Tomamos esse raciocínio para que se possa entender como os modos de existência enunciam uma infância que é adequada às práticas sociais e pensamos mais uma vez nas estratégias de construção dos discursos sobre as infâncias.

É a partir da normalização da infância que se estabelecem padrões de referências que precisam ser seguidos e estarem em conformação para serem considerados “normais”. Assim, ao se produzirem as normas, é possível medir os desvios, classificar, ordenar. E ao ser classificada, produz-se uma infância econômica, social, culturalmente dependente, e que precisa ser governada a fim de se tornarem sujeitos uteis e dóceis (bons consumidores) para a sociedade.

A partir desses os modos de ser criança e de se relacionar com a infância produzidos, são interpeladas suas formas de agir e de se posicionar no mundo e se definem como eles podem ser pensados e descritos. Contudo, são regulados por um imperativo de responsabilidade, não de caráter coletivo, mas individual. O êxito em qualquer área é individualizado e condicionado à competência dos indivíduos de fazerem escolhas informadas, corretas, responsáveis e, ainda acrescenta-se, sustentáveis.

Essa questão aparece nos materiais e nos chama atenção pela presença dos enunciados que relacionam o consumo ao comportamento sustentável. Descrito em alguns como “cuidar enquanto se diverte”, os materiais apresentam a prática do consumo relacionada às iniciativas conscientes dos cuidados com o meio ambiente.

Na revista Pais & Filhos (julho/2011), encontramos um anúncio publicitário que apresenta alguns produtos da marca Natura da seguinte forma:

*[...] é uma linha com embalagens, cores, cores, cheiros, texturas e nome curioso que estimulam a descoberta e ensinam seu filho a cuidar da água enquanto se diverte. Tibum<sup>21</sup> no mundo para brincar; porque brincando se aprende a cuidar.*

Em outro material apresentado no formato de um teste “*Você sabe o quanto a sua família é verde?*” (Crescer, agosto/2011), nas questões a serem respondidas encontramos a questão do consumo, como em “*Ao comprar produtos industrializados, você costuma dar*

---

<sup>21</sup> Nome da linha dos produtos.

*preferência àqueles que respeitam o meio ambiente?”*. As questões do teste são direcionadas aos pais, porém o modelo de sujeito que atende é a criança, haja vista a presença de imagens somente de crianças em atividades de separar materiais plásticos e papéis. Ao final, algumas dicas são listadas para aqueles que querem melhorar as ações práticas na contribuição de um mundo mais verde: *“Dê preferência a brinquedos verdes: um brinquedo pode ser chamado de sustentável de duas maneiras: pela sua manufatura, ou seja, do que e como ele é feito; ou pela proposta na hora de brincar”, “Faça passeios sustentáveis: [...] nas compras, especialmente durante as viagens, prefira objetos de artesanato local”; “Planeje suas compras: sempre que tiver que abastecer sua casa com alimentos, prefira fazer pequenas compras em supermercados locais e feiras livres semanalmente”*.

Os enunciados de identificação aos comportamentos de sustentabilidade, pela afirmação da capacidade (e da responsabilidade) individual de mudar algumas das práticas de consumo e por dicas pragmáticas para a alteração dos hábitos aparecem nesses materiais, para consumidores cientes do poder individual que possuem e preparados para exercê-lo nas suas escolhas no mercado de consumo; empenhados a tomar para si a responsabilidade de regularem a si mesmos, e dirigirem suas escolhas como consumidores informados e interessados em cuidar do meio ambiente.

Desta forma, a cooptação do consumo ao comportamento sustentável possibilita visibilidade tanto aos modos de ser como a visibilidade do poder que os governa, pois tornam visíveis em que medidas podem ser capturados pela instância do poder que sobre eles constitui imagens e ditos. Tomamos através do que é enunciado nesses veículos, que os jogos de poder e as relações de poder, seus controles, regulações e governo estão supostos nos poderes que produzem modos de ser criança e se relacionar com a infância. Dessa forma, nosso objetivo não é apontar uma concepção mais justa ou verdadeira das práticas de consumo ou construir uma definição mais precisa do consumidor, mas demonstrar como os modos de existência são reformatados no cruzamento de discursos e práticas heterogêneos, promovidos por uma multiplicidade de enunciados voltados para fins práticos, do consumo.

A normalização dessas práticas que constituem os modos de ser criança e se relacionar com a infância hegemônicos visibilizam as formas como se produzem esses corpos, governados pelo poder que funciona através de microníveis, pois como vemos nas mídias estudadas, impõem-se certos modos de existência em enunciados que invadem o cotidiano e, que preparam o consumo e o fazer consumir. Ao se posicionar e naturalizar as crianças como

consumidoras e mediadoras do consumo, encontramos discursos e saberes de variados campos que relacionam as práticas de consumo com o desenvolvimento físico e intelectual das crianças; atrelados a questão da segurança e cuidados; relacionados com a preocupação do futuro das crianças; com o comportamento sustentável; com preocupação estética, que produzem uma infância correspondente aos modos de vida contemporâneos.

As mídias funcionam, assim, como um lugar privilegiado de superposição de verdades, de produção, circulação e veiculação de enunciados, que através de produtos e serviços para as crianças dizem os modos de ser e agir no mundo. Assim, os discursos que tratam dos modos como se constituem a infância hoje expressam a tecnologia de governo desses modos de ser, em que as práticas de consumo se fazem cada vez mais aderentes ao que é instituído como norma.

Visibilizar esses modos de ser criança e se relacionar com a infância a partir dos materiais midiáticos nos possibilita pensar onde o poder opera ao colocar em destaque uma infância nas múltiplas e diferentes infâncias existentes na sociedade atual. No entanto, esses materiais não dão conta dessa complexa realidade em que estamos inseridos. A associação dos modos de ser criança ao consumismo pode ser verificada a partir do lugar, que embora hegemônico – da infância tutelada, educada, protegida e cuidada – não é o único que a infância ocupa. Sabemos que outras infâncias, ainda que diminutas no imaginário social, existem e não estão cooptadas pelos valores do consumismo.

## **5.2 Crianças e suas relações com o saber**

Em que campos se constituem os saberes sobre os quais as crianças são autorizadas a falar? Sobre que temáticas e objetos as crianças são posicionadas como agentes do saber? Como se transmite, onde se aprende e como se dá o ensino? Que discursos e saberes posicionam e naturalizam as crianças como agentes do saber?

Esses são os questionamentos que nos orientam a problematizar os modos de subjetivação, presentes no dispositivo midiático, que possibilitam a construção de um modo de ser criança como agente de um saber próprio. Ressaltamos que estamos considerando as crianças como agentes do saber a partir dos materiais em que se enunciam os operadores de domínio e transmissão de saberes dirigidos das crianças para os adultos.

Em particular, exploraremos dois modos de enunciação acerca dos saberes das, crianças que foram possíveis de identificar nos materiais. São eles: saberes relacionados a tecnologia e saberes relacionados à preservação do meio ambiente. As condições de emergência de enunciação desses saberes tornaram visíveis a descrição de uma suposta “nova” infância, com “novas” necessidades e capacidades. No entanto, soma-se a esses enunciados uma evidente necessidade de teorizar sobre a infância contemporânea como um fenômeno de complexidade, no qual se verificam as articulações com questões relacionadas ao consumo e a aprendizagem, criando diferentes valores para caracterizar a infância.

Referimo-nos a uma “nova” infância, não no sentido de “progresso”, “evolução” ou “superioridade”, já que nos ancoramos na proposta dos trabalhos de Foucault, em que estudamos as práticas sociais em sua descontinuidade história, produzidas discursivamente e ao mesmo tempo produtoras de discursos e de saberes. Quando apontamos para “novas” infâncias, nossa intenção é basicamente destacar que outras infâncias possíveis também estão enredadas nesse dispositivo da infantilidade<sup>22</sup> (CORAZZA, 2004), indicando outras formas de relação de poder entre adultos e crianças (ao menos em alguns dos nichos sociais).

Alguns autores, como Postman (1999) e Steinberg e Kincheloe (2001) debatem sobre o impacto do desenvolvimento tecnológico na atual concepção de infância. A sociedade contemporânea caracterizada pela predominância das tecnologias, em especial as digitais, determina novos modos de acesso às informações que são próprios dessa época. Esse debate do impacto da tecnologia sobre a infância tem sido marcado por posições distintas, onde os autores apresentam pontos de vista que podem ter uma conotação positiva ou negativa.

Como um aspecto positivo, aparece a concepção de que as crianças que interagem com a tecnologia fazem parte de uma geração eletrônica que oferece autonomia e liberdade de criação para modificação do mundo em que se encontram e, por conseguinte, da própria concepção de infância (STEINBERG; KINCHELOE, 2001). Já Postman (1999) apresenta as mídias como uma possível influência negativa e poderosa sobre as crianças, fazendo com que a separação ocorrida entre o mundo adulto e infantil se aproxime novamente, como há três séculos. Steinberg e Kincheloe (2001), no entanto, percebem as mídias e as tecnologias de

---

<sup>22</sup> Como sinalizamos no capítulo Dispositivos que se cruzam: Infância e Mídias, utilizamos o conceito desenvolvido por Corazza (2004) ao considerar o dispositivo da infantilidade como as técnicas que operam para garantir um certo modo de ser infantil.

forma geral, como uma espécie de formação de uma geração na qual as crianças são vistas como agentes de uma transformação muito mais ampla da sociedade como um todo.

Ao se falar nas tecnologias, na atualidade, referimo-nos principalmente, aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica e das telecomunicações, como televisão e a internet. Essas tecnologias caracterizam-se por estarem em permanente transformação. Os avanços das tecnologias digitais da informação quando disseminadas socialmente alteram a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo o mundo. Isso é facilitado, pois, cada vez mais, o computador conectado à internet está fazendo parte do cotidiano, como um dos recursos tecnológicos dos quais os indivíduos estão se apropriando e aprendendo a lidar modificando as suas representações.

Como efeito da presença dessas tecnologias no cotidiano, as implicações sociais do desenvolvimento tecnológico mostram que as relações existentes entre os indivíduos sofrem alterações conforme a sua interação e as atribuições relacionadas aos modos de existência. Sobretudo a premissa é: através da adesão desses meios tecnológicos aos veículos midiáticos, as relações entre as pessoas também são transformadas. O que destacamos, nesta dissertação, é que também uma concepção de criança que se transforma historicamente, é modificada pelas influências advindas deste contexto.

Nesse sentido, as noções tradicionais da infância como inocência e dependência do adulto são combinadas de outras concepções que falam da infância caracterizada por crianças que, aliadas à curiosidade e à espontaneidade infantis, formam a geração da informação e da comunicação. Os autores Steinberg e Kincheloe (2001) e Postman (1999) destacam as mídias como a condição de possibilidade para que as crianças tenham acesso às informações, antes restritas ao universo adulto, de forma que ao se depararem com uma realidade tecnológica, a identidade e a construção do conhecimento dessa geração se dará além do controle dos pais e das instituições, como a escola, por esses meios tecnológicos. As crianças que têm acesso às tecnologias, por vezes, adquirem uma suposta autonomia, uma vez que dominam o mundo digital de uma forma tão habilidosa que causa espanto e estranhamento nos adultos.

Steinberg e Kincheloe (2001) falam dessas “crianças pós-modernas” sendo apresentadas na cultura como “espertinhos pedantes” (p.35), pois, são consideradas ameaçadoras para a sequência de desenvolvimento estabelecida para as crianças dóceis e

obedientes, podendo ir a desestabilizar a ordem instituída. Para os autores, o acesso das crianças às informações veiculadas pelas mídias, pode vir a ocasionar a perda de autoridade dos adultos: “*A informação adulta é incontrolável; agora, a criança vê o mundo como ele é (ou pelo menos como é descrito pelos produtores de informação corporativos)*” (p. 34). Nesse caso, surge um tema importante sobre essas crianças consideradas “precozes”: o que elas podem se tornar? A fim de evitar a incerteza, faz-se necessário operar estratégias de governo dessas vidas, que sejam sujeitas à obediência, à disciplina, ao controle justificado como “pelo bem das crianças”.

Os registros desses enunciados nos materiais midiáticos tentam abarcar os detalhes da vida cotidiana das crianças, como atividades escolares, tempo de lazer e relação dos pais com seus filhos, descrevendo a infância como uma fase do desenvolvimento em que as crianças são seres inexperientes, frágeis e dependentes, que precisam ser protegidas. De forma que as crianças ainda não se encontram com a habilidade racional e a moralidade desenvolvidas para o domínio de aparelhos tecnológicos. Todavia, também é possível encontrar materiais em que esses mesmos saberes das crianças são admitidos e reforçados pelos pais, sendo considerados como um meio de educação e de divertimento, favorecendo a atividade cognitiva.

Com isso, a infância nas mídias não é “qualquer uma”, mas sim, fruto de “jogos de linguagem” (BUJES, 2007) que estabelecem o que sobre ela pode ser falado, em quais circunstâncias, com que limites e por quem, em condições esquadrihadas a partir de um campo de possibilidades. A partir disso, apontamos a não homogeneidade e não continuidade nos discursos que constituem as crianças, em relação ao que tradicionalmente se define como própria da infância, os quais se cruzam, por vezes, mas também se excluem, como destacamos a seguir<sup>23</sup>:

Na matéria “Caça ao tesouro” (Pais & Filhos, outubro/2011) a respeito dos critérios para procurar uma boa escola, a relação das crianças com a tecnologia é descrita como um fator que pode atrapalhar o desenvolvimento do aluno.

---

<sup>23</sup> Os materiais em que identificamos os enunciados relacionados aos saberes das crianças foram apresentados no capítulo das Estratégias Midiáticas (capítulo 3), mas a fim de que consigamos discorrer sobre seus atravessamentos, em alguns momentos, será necessário retomá-los sucintamente.

*É impressionante como crianças tão pequenas já entendem tanto de tecnologia. Não é difícil de ver um bebê, praticamente de 2 anos, manuseando um iPhone ou iPad com a maior familiaridade. Dentro da sala de aula, ao mesmo tempo em que tecnologia funciona como uma ferramenta que auxilia o professor, ela pode restringir que as crianças tenham contato com materiais como massinhas, lápis e livros (matéria Caça ao tesouro, revista Pais & Filhos, outubro/2011).*

Sobre as relações das crianças com seus saberes, há diversas formas de se falar, diversas formulações que constituem um grupo de enunciações heterogêneas, posto que são desenvolvidas de maneira distinta em cada domínio que se apropria. Assim, há os discursos biológicos, psicológicos, médicos e pedagógicos, bem como há dentro de cada uma dessas disciplinas correntes que as abordam de formas diferentes, e que juntos formam um conjunto de enunciados que não podem ser entendidos como regulares ou homogêneos, mesmo que todos se refiram aos modos de ser criança. O que vai se constituir como a caracterização da infância será a soma dos mais dispersos conceitos, formulações e temas que são construídos de forma não-linear no contexto contemporâneo. E sobre isso, ressaltamos o apontado por Hillesheim e Guareschi (2007), de que “não se trata de perguntar qual desses discursos é mais verdadeiro que o outro, mas sim buscar compreender o que enunciam sobre a relação que se estabelece entre adultos e crianças” (p.90).

Ao posicionar as crianças de uma determinada forma, os discursos servem como condição de possibilidade para os processos de construção e aplicação de conhecimentos a partir de estratégias específicas. Posicionar as crianças como aqueles que possuem um saber próprio, no caso em relação à tecnologia, coloca-as como alvos de práticas específicas de adequação correspondente ao que já é sabido sobre elas. Sobre isso, vemos o trecho a seguir da matéria “Com a cabeça no mundo virtual” (Crescer, agosto/2011):

*A tecnologia se instalou nos hábitos familiares trazendo encantamento para as crianças e muitas perguntas para os pais. Vamos ter que achar as respostas com a ajuda dos filhos. [...] Aprender com as crianças no dia a dia, o que pode gerar momentos deliciosos entre vocês, porém, sem que você se esqueça de que o papel de educador e mediador é seu. Ainda que essa nova geração domine, de maneira constrangedora, os botões e os comandos de tudo que é tecnológico, são os pais que estabelecem o que se pode acessar ou usar, quando, por quanto tempo, em quais condições e com quais objetivos. O momento atual pode até oferecer uma inversão de papéis, no sentido de que os adultos aprendem com seus filhos sobre gadgets, mas quem controla, estabelecendo limites e restrições, são sempre o pai e a mãe. [...] ‘As crianças ainda não têm maturidade suficiente para discernir entre o bom e o ruim nos conteúdos a que estão expostas. Os pais fazem o filtro e monitoram continuamente o acesso dos filhos à internet, com o intuito de*



*protegê-los’, ensina a psicóloga (matéria Com a cabeça no mundo virtual, revista Crescer, agosto/2011).*

Esse trecho permite que pensemos acerca de como são posicionadas as crianças, pois se considera sua habilidade em relação aos meios tecnológicos como algo “natural” dessa geração, como relatado em outro trecho da mesma matéria: “*As crianças de hoje parecem que nascem com um chip para se conectar à tecnologia.[...]*”(matéria *Com a cabeça no mundo virtual, agosto 2011*). Também posicionam os pais como aqueles que conhecem o que é melhor para seus filhos, eles podem até aprender algumas coisas com as crianças, mas “*sem que você se esqueça de que o papel de educador e mediador é seu*”. Assim, a noção de desenvolvimento biológico pressupõe a ideia de um sujeito em sua essência, passível de ser modificado pelas influências do meio ambiente, e implica a necessidade da presença do adulto, para com a criança, na forma de “tradutor”, pois é ele quem produz um sentido para as “vozes infantis” (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

Como se pode ver, a infância é apresentada a partir de discursos dos campos biológico e psicológico como uma fase do desenvolvimento, em que as crianças estão se preparando para adentrar o mundo adulto na medida em que adquirem as capacidades de racionalidade e moralidade. Esse processo é tido como possível através da escolarização e da socialização, possibilitando que tenham uma vida adequada, segundo os padrões de normalidade já estabelecidos. Isto é, embora a emergência da noção de um sujeito-criança com especificidades próprias seja reconhecida, seus saberes devem ser disciplinarizados, controlados a partir do que já é conhecido sobre a infância.

Além da tecnologia, outro saber aparece relacionado ao sujeito-criança. A princípio, circulando nos meios escolares, o objeto desse saber é a preservação do meio ambiente. Falamos em “a princípio”, pois os enunciados nos materiais indicam as crianças como portadoras desse conhecimento para o ensino e controle das condutas dos adultos, fora do meio escolar. Essas intervenções das crianças no comportamento dos adultos são relatadas no trecho da reportagem televisiva *Alunos participam do projeto AL TV na sala de aula* (emissora Gazeta Alagoas - Globo, programa AL TV 1ª edição, 27/10/2011):

*Criança 1: Se a gente jogar lixo nas águas vai também poluir o ar, e a gente vai ficar com pouca água, tem que fechar a torneira quando a gente for escovar os dentes, quando a gente for tomar banho, não pode ficar de brincadeira.*

*Repórter: [...] E a aprendizagem não fica na sala de aula. Apesar da pouca idade, essa turminha pode fazer a diferença! Muitos aprendem aqui na escola e puxam a orelha dos pais?*

*Professora: Com certeza! Eles passam para a gente isso: 'Tia, olha, eu passei com painho e ele ia jogar isso fora', 'Não, pai, não joga, que você vai sujar a rua, isso vai entupir os bueiros'. Eles vão levando essas informações para os pais, para os avós, para os coleguinhas, para os vizinhos.*

Pensamos, a partir disso, na estratégia de convocar as crianças nos veículos midiáticos, para expressarem seus conhecimentos sobre esse saber específico de cuidados com o meio ambiente, como uma forma do exercício de poder na condução das condutas dos indivíduos adultos. Através dessa preocupação com o futuro, as práticas de governo referem-se não somente ao campo das condutas alheias, no caso na conduta dos adultos, mas, igualmente, buscam afetar a maneira como as próprias crianças conduzem a si mesmas (FOUCAULT, 2011).

Isso nos leva a discorrer sobre os processos de subjetivação dos modos de ser criança e se relacionar com a infância, na medida em que, esses modos de governo conduzem o ajustamento desses corpos (crianças e adultos) às ações presumidas, possíveis, potencializando a capacidade dos indivíduos de agirem sobre as condutas próprias e alheias, constituindo “seus modos de ser”. Dessa forma, compreendemos que as mídias tornam possível colocar em circulação discursos que organizam, articulam e nomeiam determinados modos de falar, de pensar, de ser. Referimo-nos ao caráter disciplinador e ordenador desses discursos, mesmo que sutis, que impõem de uma maneira não forçada os modos pelos quais devem ser interpretada e organizada a sociedade que fazemos parte (BUJES, 2007).

A preocupação com o futuro, expressa nesse trecho a respeito dos cuidados com o meio ambiente, marca um discurso que se enuncia comprometido com a modelização moral dessas crianças, através das competências intelectuais dos alunos, mas, essencialmente, mostra-se o modelo de cidadão que importa construir. Isso é potencializado justamente pela convocação das crianças às mídias, proporcionando uma interação entre crianças e sociedade, que se efetiva numa naturalização desse modo de ser e de se relacionar, estreitamente associados a estruturas de poder e governo das formas de agir.

A possibilidade das crianças se reconhecerem como produtoras e transmissoras de conhecimento favorece as práticas de autonomia e socialização; não escapando, claro, dos

ajustes às práticas educativas vigentes. No entanto, como alvos de uma atenção educativa especial, as crianças se autodisciplinam com a realização dessa tarefa de transmitir seus conhecimentos aos outros, como também proporcionam um arsenal conceitual para descrever, categorizar, classificar os seres humanos, desde a mais tenra idade, permitindo um regime de enunciação que justifique o governo dessas vidas: “Se é conhecível, se é calculável, é também governável” (SILVA, 1998, p.191).

Com isso, analisamos que os materiais em que podemos pensar que se enunciam as crianças ora como sujeitos com saberes próprios, pensantes, autoconfiantes, ora como seres dependentes dos adultos, frágeis, desprotegidos, constituem verdades sobre a “essência infantil” com sua “natureza legítima”, visto que as posicionam na dicotomia filho-aluno, manifestando, assim, discursos referentes a uma infância única e universal.

Por meio dos materiais, identificamos os mecanismos disciplinares midiáticos (e pedagógicos) que tomam as crianças como objeto de saber e poder, penetram em seus corpos e investem maciçamente em sua condição de sujeitos infantis normalizados, isto é, moldados à imagem e semelhança do adulto racional e moral, que virão a ser. Essa forma de delinear os contornos dos modos de ser criança acarreta o surgimento de políticas educacionais e sociais que visam à socialização desses seres para que futuramente possam se integrar e se adaptar a sociedade. Neste contexto, aparecem mais uma vez a demarcação da infância tanto como um estágio distinto da vida, sobretudo de formação para vir a ser adulto, como pela frequência em instituições de escolarização, as quais demonstram a perspectiva contemporânea da noção de infância.

Reportamo-nos, assim, às práticas de governo das populações e dos indivíduos instituídas pelo biopoder (FOUCAULT, 2011). O corpo infantil e os modos de se relacionar com a infância funcionam como suporte para intervenções estratégicas para governar suas condutas e dos adultos, criando novas técnicas de cuidados, regulação e controle desses corpos. Como apontado por Corazza (2004):

As práticas de ‘salvar as crianças’ – do século XVII pelo recolhimento da exposição nas ruas, do século XVIII pela Roda – dão lugar, nos séculos XIX e XX, às práticas de ‘educar as crianças’, mesmo porque aqui continua tratando-se de ‘salvação’ (p.113).

Trata-se de considerar a salvação desses corpos infantis no sentido de criação, de conhecer para acomodá-las às prescrições e submetê-las aos mecanismos de disciplina e das regulamentações do dispositivo que as infantiliza (CORAZZA, 2004). Essa identidade infantil é sujeitada pelo funcionamento das instituições disciplinares, como a família e a escola, perpassando o dispositivo midiático, que as visibiliza.

E isso porque essa tecnologia midiática opera o assujeitamento das crianças, não por castigá-las, mas por discipliná-las. Essa técnica de poder almeja que os sujeitos controlem a si próprios mediante a incorporação da norma, que é tomada pelos indivíduos como a fonte de verdade sobre as crianças. Ao que é assistido ou lido nas mídias é atribuído um saber mais confiável por serem enunciados por médicos, psicólogos, pedagogos, terapeutas, que são especialistas no que diz respeito à infância. A eles e às verdades que prescrevem, são demandados que lhes digam o que devem fazer e como se relacionar com seus filhos. É como se os filhos fossem melhor entendidos e atendidos pelas instituições especializadas do que por suas famílias.

Vemos assim que as técnicas destinadas à constituição dos modos de ser criança relacionados com saberes específicos se concentram nas estratégias de convocação da participação das crianças e das figuras híbridas de tradição e modernidade. Observamos que, nos materiais em que aparecem, é comum a eles, orientações didáticas aos pais sobre como lidar com o acesso das crianças às tecnologias e a incitação de uma relação deles com eles mesmos, no controle de suas próprias condutas e de seus filhos.

Dessa forma, as práticas disciplinares de normalização e de controle dos saberes das crianças se dão por estratégias que fazem uso de discursos pedagógicos, que se pretendem verdadeiros, a partir do cruzamento dos saberes de diversos especialistas no tema da infância. Por tais práticas, notamos a concepção de que as habilidades das crianças com os meios tecnológicos se dá de forma “natural”, chamando nossa atenção para a essencialidade do que é considerado como características próprias do modo de “ser criança” hoje. Com isso, esquadriham-se, do mesmo modo, os saberes das crianças - o que podem saber, até que limite podem saber, quando podem saber, quem e quando irão ensiná-las, sobre o quê...

Em face do exposto questionamos a forma como a tecnologia vem fazendo parte dos meios sociais e educacionais, fazendo com que os saberes das crianças sejam reduzidos ou enquadrados ao que já foi explicado e nomeado pela legião de especialistas que se ocupam em

representar a criança na sociedade contemporânea, desconsiderando o que de imprevisível possa emergir das experiências próprias e genuínas das crianças.

Assim, nas condições contemporâneas, os modos específicos de ser criança e se relacionar com a infância nos falam de uma infância específica e bem delimitada (apesar de ser relatada nos materiais como em caráter universal e generalizado), em que as crianças que dela fazem parte, são crianças que vão à escola, que brincam, que moram com a família, que têm acesso a aparelhos tecnológicos. Cabe, entretanto, questionarmo-nos sobre essa ideia de infância. E aqueles que não se enquadram nesses critérios, não são crianças? Ou então, são crianças, mas não têm infância? Ou, ainda, indicam uma necessidade de ampliarmos os sentidos possíveis da infância?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos problematizar os discursos sobre os modos de ser criança e se relacionar com a infância, descrevendo, a partir dos vetores consumo e saber veiculados nas mídias, como se constrói uma rede de poder sobre os sujeitos e como, nesse processo, se produz vários saberes correspondentes. Agora, trata-se de sintetizar os achados da investigação, onde afirmamos que em nossa sociedade, os meios de comunicação efetivamente participam da construção de sujeitos e seus modos de ser ao diferenciá-los pela idade, gênero, raça, classe social, etc., propondo-lhes uma multiplicidade de normas, regras e práticas, os quais analisamos nesta dissertação.

Diante disso, tentamos mostrar os discursos existentes no interior do dispositivo midiático que, no embate das forças que o compõem, deixam claro o quanto as forças de poder e saber constituem esses veículos e possibilitam a construção de sujeitos-crianças e modos de se relacionar com a infância, tornando-os sujeitos a certo tipo de governo.

Da análise, apreendemos um jogo de poder que coloca em evidência campos de saberes e práticas, basicamente da medicina, da psicologia, da pedagogia, da economia, da publicidade que, no espaço das mídias, disputam a hegemonia na definição das subjetividades relacionadas com os modos de ser criança e se relacionar com a infância. Mais do que isso, poderíamos dizer que um complexo feixe de relações – entre espaços institucionais, os processos econômicos e sociais vigentes e um conjunto de formas de comportamento – permite o aparecimento desse objeto de que nos ocupamos aqui: discursos sobre modos de ser criança e se relacionar com a infância associados aos vetores consumo e saber.

Assim, na construção da imagem de uma infância ideal - que consome e faz consumir e que tem saberes e capacidades próprios – quem está autorizado a falar? Os profissionais a quem se confere autoridade para dizer a palavra “verdadeira”, a fazer diagnósticos científicos, em princípio são as autoridades da psicologia, da medicina e da pedagogia. Os enunciados sobre o que os saberes das crianças relacionados à tecnologia, por exemplo – e que correspondem a uma infância que os transmitem seus saberes aos adultos – são respaldados, de um lado pela fala da pedagoga e por outro, são mediados pela família, que também são convocados a dar seus depoimentos, numa tentativa de nomear e identificar essa infância.

Um dos questionamentos que nos acompanhou ao logo das análises foi “de qual infância esses materiais nos falam?”. Tomamos o dispositivo midiático como um dos integrantes que conjugam, nesse determinado momento histórico que vivemos, os discursos modeladores de um regime de normas, que passam a se constituir como “verdades a serem seguidas”. O poder estaria voltado para produzir a vida e ditar as características desses sujeitos que, de “adultos em miniatura”, passaram a ser uma etapa bastante distinta do desenvolvimento humano e agora são, por vezes, novamente aproximados da imagem do adulto.

Mesmo diante de uma produção discursiva hegemônica sobre a infância, percebemos discursos contraditórios. A criança é o “outro” do adulto, como uma fase da vida que antecede a fase adulta. E a infância seria, uma fase que necessita de investimentos, e uma fase de passagem, de incompletude que antecede o momento pleno de crescimento, raciocínio e desenvolvimento que será alcançado posteriormente na fase adulta. Ao mesmo tempo, vemos uma constituição das crianças como competentes, autônomas e capazes, próximas de habilidades que, tradicionalmente, caracterizariam o universo adulto, particularmente quando se faz uma leitura geracional de sua constituição em um novo mundo tecnológico.

A noção de infância produzida aqui nos leva a elaborar que o “ser criança” supõe duas condições. Em primeiro lugar, é preciso estar sob a guarda de seus pais, ou seja, ser “filho” (mas não de qualquer família, pelos materiais pudemos identificar aspectos que se relacionam a famílias de classe média e alta) e em seguida, ser “aluno”, alfabetizado ou em vias de sê-lo. Parece ser “próprio” das crianças ter a sua socialização e educação a cargo da família e da escola (SARMENTO; MARCHI, 2008), como vimos nos materiais analisados, questões como a fase escolar e o relacionamento entre pais e filhos são temáticas recorrentes. Por estarem dentro das instituições responsáveis por sua “socialização”, estas crianças têm seu reconhecimento e enquadramento na sociedade como propriamente “crianças”. Mas e as crianças que não se enquadram nessas condições? Como são classificadas? Como aparecem nos materiais midiáticos?

Assim, é preciso não perdemos de vista que o dispositivo midiático, inscrito nas estratégias de governo dos modos de ser, coloca-nos em constante vigília dos processos regulamentação da existência a que estamos sujeitos. Não podemos naturalizar esses modos de existência, mas devemos entendê-los como parte de um poder que quantifica, mede, avalia, hierarquiza e distribui os indivíduos em torno da normalização da vida.

Esses modos de ser criança e se relacionar com a infância, como pretendemos ter mostrado, são, portanto, objetivos do governo das populações. Estratégias midiáticas tem se esmerado em propor técnicas para seus controles e regulações. Tais subjetividades passam, então a fazer parte do governo das condutas, comprometendo todos os lugares sociais interessados em potencializar o que se refere ao universo infantil.

Embora tenhamos nos restringido, nesta dissertação, a examinar os modos de ser criança e de se relacionar com a infância associados aos vetores consumo e saber, a forma de ação de poder do governo desses modos de ser é tão amplo, tão onipresente, de uma variação tão infinitas que as redes que constitui, por serem tão intrincadas, atingem os mínimos processos que nos parecem insondáveis. Se pensamos nos processos a que atingem esses modos de ser e se relacionar com a infância, veremos o governo das condutas passar por coisas tão díspares como a escolha dos brinquedos, modelação dos modos de agir, das preferências em termos de consumo, dos serviços a que recorrer quando a preocupação é com o futuro dos filhos.

Esses modos de ser e agir são governados quando se elege um modelo dizendo-o mais apropriado, quando se deixa às mídias o encargo de ensinar a pais e mães como serem melhores nas funções da paternidade e da maternidade, quando criamos espaços de lazer orientados pelo consumo, quando instituiu-se que o biológico e o cognitivo são os modos mais adequados para descrever o desenvolvimento das crianças. Mas eles são definidos também quando definimos o que as crianças devem aprender, o que devem consumir, em que circunstâncias, com qual ordenação.

A proliferação desses materiais, anúncios e enunciados sobre as crianças e os modos de se relacionar com a infância não falam somente de um estilo de ser e agir, acompanhados do necessário consumo de uma série quase infinita de produtos e serviços. Também opera, principalmente, um modo de subjetivação que associa o imperativo do consumo e a constituição de uma infância com competências e saberes próprios com uma determinada infância e um determinado modo de ser e agir.

No entanto, esses saberes e práticas produzidos não necessariamente abarcam as diferentes formas possíveis das crianças construírem-se como sujeitos, mas privilegiam apenas um modelo de infância. Trata-se de estarmos atentos às implicações de colocarmos esses modos de ser como verdades que sustentam práticas como padrões imutáveis e rígidos, e



entendê-los numa dinâmica flexível que precisa estar em constante modificação. O que implica em não necessariamente considerarmos como possível uma verdade sobre os modos de ser; não há um modelo certo e outro errado, mas eles estão imersos nos diferentes jogos que produzem os modos de ser no contemporâneo.

Problematizar esses modos de ser criança e se relacionar com a infância veiculados nas mídias pode ser uma abertura à multiplicidade de produção de sujeitos baseados em práticas de governo mais plurais. No entanto, é preciso estarmos sempre atentos às práticas que congelam a existência em noções rígidas de como lidar com nós mesmo. Os materiais midiáticos são, ao mesmo tempo, um meio que possibilita o investimento e produção de diferentes infâncias, e um meio que fixa a infância em modos pré-determinados de como ser criança. Por isso, devemos sempre nos indagar se o que é veiculado nesses meios privilegia as diferentes manifestações de existir e os diferentes modos de ser criança e se relacionar com a infância.

Podemos continuar pensando a formação das novas gerações a partir de espaços como a família e a escola, mas o fato é que há uma transformação nessa rede de poderes, dada pela penetração cada vez mais intensa das mídias. Essa seria uma das estratégias biopolíticas: não só se ocupar da vida inteira das populações, mas uma tecnologia de comunicações que multiplica informações médicas, psicológicas e pedagógicas, modelos de ser e agir, possibilidades de consumo. Formar, ensinar, orientar são ações que transbordam desses lugares tradicionais, sendo assumidas explicitamente pelas mídias, através de uma infinidade de modalidades enunciativas, cuja característica principal é a publicização de fatos, pessoas, sentimentos, comportamentos.

A privacidade tornada pública constitui-se uma das marcas destes tempos e coloca o campo dos meios de comunicação numa posição bastante privilegiada. A partir dos estudos foucaultianos, tomamos que as subjetividades, as relações com o outro, nossos modos de ser e agir não são questões privadas porque elas estão submetidas ou são objetos do poder (ROSE, 1998). Elas são governadas de modo intenso, contínuo, sem tréguas, levando-nos a compreensão do poder a partir de suas redes, que fatalmente nos capturam (BUJES, 2001).

Nesse processo, elege-se a informação como o valor máximo, e isso é reiterado por vozes de diferentes espaços institucionais, mas sobretudo de dentro dos próprios produtos oferecidos pela televisão, jornal ou revista. Não se trata apenas de ter o acesso a transmissão

de dados, opiniões e imagens de forma dinâmica; trata-se de reivindicar para si o discurso verdadeiro, como se, com os recursos disponíveis de abarcar todas as palavras e fatos, as mídias pudessem selecionar, ordenar e sintetizar a informação necessária ao público, facilitando-lhe o acesso à “verdade” veiculada. Podemos analisar essa estratégia midiática nos materiais em que se apresentam como guias pedagógicos aos sobre como lidar com seus filhos.

Firmando-se como o lugar por excelência da verdade, as mídias não prescindem, porém, do discurso científico, que só faz reforçar essa qualidade; não importa tanto o que é dito pelo psicólogo ou pelo médico especialista: importa que ele seja visibilizado em seus veículos, no jornal ou na televisão e explique como crianças e adultos devam agir. Para tanto, explicitamente ou não, afirmam sua condição de detentores de uma verdade sobre as formas equilibradas de portar-se, de exercitar a afetividade, de fazer relacionamentos, de consumir. Para todas as dúvidas há recomendações que, por seu turno, tornam-se a fonte de novas perguntas e novos esclarecimentos.

Os mecanismos de poder tornam-se cada vez mais sutis e de uma sofisticação tal que quase não ousamos questioná-los, até porque acabamos de percebê-los como um bem para nós. Tenta-se produzir nesses meios até um espaço de convívio social, quando as seções das revistas e dos jornais publicam as opiniões e principalmente as dúvidas, que, supõe-se, circulam nos grupos e ambientes primários do cotidiano. Desse modo, longe de se constituírem como imposições, tais prescrições soam como sábios e bondosos conselhos elaborados ou por pessoas que compartilham determinados problemas, ou especialistas no direcionamento e solução dos mesmos.

Como vimos, os discursos sobre os modos de ser e se relacionar com a infância não podem ser vistos em uma única relação, mas sim na multiplicidade e complexidade de elementos, de outros campos, que aí entram em ação: define-se o desenvolvimento motor e intelectual das crianças, reafirmando as características de uma idade; produz-se uma pedagogia que explicita a que informações as crianças podem ter acesso e como se deve educá-las; e novos saberes se multiplicam, como o das tecnologias e cuidados com o meio ambiente, que posicionam as crianças como modelos de sujeito. São essas relações que atuam no discurso das mídias sobre dos modos de ser criança e se relacionar com a infância e somente a partir dos cruzamentos que aí se dão, é possível defini-los especialmente quanto à função “formadora” das subjetividades, aqui discutida.

Na atuação pedagógica das mídias com o público, isto é, na atuação de seus enunciadores principais, como os colunistas de revistas e jornais, já não podemos falar de uma relação vertical, de sujeitos falantes, de um lado, e de sujeitos pura e unicamente receptores de outro, pelo contrário, sujeitos ativos, sujeitos falante. Ou seja, o que estamos chamando de pedagógico aí diz respeito exatamente a esse convite que faz, continuamente, de crianças e adultos se voltarem para si mesmos, a cada enunciado veiculado. Trata-se de agir, sobretudo agir em direção a si mesmo. Privilegia-se aqui um dos modos de governamentalidade de que nos fala Foucault: o governo de si e por si, fortemente articulado à relação com um “outro”, nesse caso, os enunciadores das mídias.

Esse governo de si, através dos modos de ser criança e se relacionar com a infância veiculados nas mídias, implica, portanto, mesmo que assistematicamente, mesmo que sem nenhuma regularidade, em não deixar de atentar para todas as normas, num conjunto discursivo cuja característica principal é a busca permanente da homogeneidade, do equilíbrio e do apagamento das contradições.

Cada vez mais nos aproximamos de uma ideia de uma infância consumista, responsável, esclarecida, equilibrada. Permanece, por outro lado, a ideia de uma geração que carece de todos os cuidados com respeito ao seu desenvolvimento biológico e moral. Mas e as infâncias que não se encaixam nesse modo de ser?

Esta dissertação se constituiu num exercício para pensar em questões como esta. Seu propósito foi o de realizar uma analítica do governo dos modos de ser, tomando o dispositivo midiático como um detonador, para nos levar a entender os jogos intrincados de poder que atingem e capturam a infância; para apontar, mais precisamente, as conexões entre saber e poder, tornadas visíveis pela proposição deste dispositivo.

Pensamos que esta investigação, coloca-nos na contramão de alguns entendimentos correntes sobre muitas questões relacionadas com a experiência de ser criança e se relacionar com a infância em outro enquadramento que não seja aquele que trata das essências dos seres. Mas ela não se pretende uma leitura privilegiada, senão uma entre as inúmeras possibilidades que se nos apresentaram para buscar respostas para algumas questões que nos causaram estranhamentos.

A imersão nas análises nos levou a alguns posicionamentos, entre eles do caráter discutível dos modos de ser criança e se relacionar com a infância associados a uma determinada ideia predominante de infância. O que queremos mostrar é que estas ideias postas em confronto são construções inventadas, que não caracterizam necessariamente oposições.

Acreditamos que colocá-las em discussão pode servir para desnaturalizá-las e apontar o seu caráter contingente, como conjuntos que foram construídos discursivamente. Do que se trata, quando apresentada como unidade estável, é de essencialismos, de enunciados que têm a pretensão de nos dizer mesmo o que é a infância e como se dão os processos em que ela está envolvida. Como tal possibilidade não existe, como apenas podemos nos aproximar do real através de verdades históricas e contingentes e, no mais, sempre superáveis, segundo as formulações foucaultianas, as consideramos formas de aprisionar o real e de estabelecer arbitrariamente as maneiras como este deve se comportar. Estas formas de pensar e classificar os fenômenos são intensamente produtivas e tanto mais produtivas quanto mais naturalizadas, porque elas ocultam as operações de poder que as constituíram enquanto tal. Estas verdades acabadas têm, portanto, um efeito normalizador e excludente que nos impossibilita pensar sobre as dinâmicas de poder que estão na base de sua construção.

Vimos que as estratégias utilizadas pelas mídias incitam permanentemente a fazer o exame de si, como uma espécie de ritual, em que para uma desejável e necessária conduta, movimentam-se profissionais especialistas operando uma forma de inclusão dos modos de existência “normais”, ao mesmo tempo que nega os diferentes. Esse é o movimento permanente dos discursos, um movimento simultâneo de saber e não-saber, de incitar e frear, de incluir e excluir.

Por fim, reafirmamos que não se buscou, neste estudo, um sentido ou uma verdade dos discursos das mídias sobre os modos de ser criança e se relacionar com a infância. Fizemos uma imersão num momento e numa história específica, tentando, talvez, apanhar um instante deste presente, que certamente suporta a herança de uma longa história de produção da verdade do sujeito, desconstruindo evidências e desnaturalizando verdades, que tem como efeito a construção de modos de ser e agir que legitimam o que é posto como hegemônico.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F.Q.; GOMES, I.M.; BRACHT, V.. **Bauman & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ARIÈS, P.. **História social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BAUMAN, Z.. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAYNER, F.. **Da criança-cidadã ao fim da infância**. Educação & Sociedade, XXII, 76, out, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302001000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300011)> Acesso em: 20 mar. 2012.
- BUJES, M. I. E.. **Infância e maquinarias**. Tese de doutorado em Educação. Porto Alegre. Programa de pós-graduação em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1904/000311899.pdf?sequence=1>> Acesso em: 5 ago. 2011.
- BUJES, M. I. E.. **A invenção do eu infantil: dispositivos pedagógicos em ação**. Rev. Bras. Educ. [online]. n.21, pp. 17-39, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a02.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2013.
- BUJES, M. I. E.. **Artes de Governar a Infância: no cruzamento entre a ética e a política**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30. Programa e resumos. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3182--Int.pdf>> Acesso em 10 jan. 2013.
- LEHMANN, L. M. S.; SILVEIRA, A.; AFONSO, A.; CASTRO, L.R.. **Estetização do Corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade**. In: CASTRO, L.R. (Org.), *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- CORAZZA, S. M.. **História da infância sem fim**. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- DELEUZE, G.. **O que é um dispositivo?** Em: DELEUZE, G.. *O Mistério de Ariana*. Lisboa: Vega, 1996.
- DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DORNELLES, L. V. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- GUARESCHI, N. M. F; HÜNING, S. M.. (Orgs.). **Foucault e a psicologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

HENNIGEN, I.. **A paternidade na contemporaneidade: discursos e subjetividade**. Projeto de tese de doutorado em Psicologia não publicado. Porto Alegre. Programa de pós-graduação em psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

HILLESHEIM, B.; GUARESCHI, N. M. F.. **De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento?: Algumas reflexões**. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 25, dez. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 mar. 2013.

HOOK, D.; HÜNING, S. M.. **Genealogia, contra-saberes e psicologia**. In: GUARESCHI, N.M.F; HÜNING, S.M.. (Orgs.). *Foucault e a psicologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

LARROSA, J.. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LUENGO, F.C.. **A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FISCHER, R.M.B.. **Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação**. *Revista Brasileira de Educação*. 20, mai./jun./jul./ago, 2002.

FORRESTER, V.. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FOUCAULT, M.. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M.. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, M.. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

FOUCAULT, M.. **Microfísica do poder**. 23 ed. São Paulo: Graal, 2011.

FOUCAULT, M.. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23 ed. São Paulo: Graal, 2011a.

FOUCAULT, M.. Verdade e poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23 ed. São Paulo: Graal, 2011b.

FOUCAULT, M.. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23 ed. São Paulo: Graal, 2011c.

FOUCAULT, M.. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 21 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

MARCELLO, F.A. **Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão.** Currículo sem Fronteiras, v.9, n.2, pp. 226-241, 2009. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/marcello.pdf>> Acesso em: 15 out. 2012.

MEDEIROS, P.F.; GUARESCHI, N.M.F. **A mídia como ferramenta de pesquisa: produção de saberes no cotidiano sobre a saúde das filhas deste solo.** Psicologia & Sociedade, 20 (n. spe), 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000400012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000400012&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em 29 mar. 2012.

PASSETTI, E.. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROSE, N.. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, T. T. (Org.). **Liberdades reguladas.** Petrópolis: Vozes, 1988.

SAMPAIO, I.S.V.. **Televisão, publicidade e infância.** Fortaleza: Annablume, 2000.

SARMENTO, M.J.; MARCHI, R.C.. **Radicalização da infância na segunda modernidade: para uma sociologia da infância crítica.** Configurações [Online], 4, 2008. Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/498>. Acesso em 19 fev. 2013.

SILVA, T.T. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, T.T. (Org.) **Alienígenas na sala de aula.** 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUZA, S. J.. Infância, violência e consumo. In: SOUZA, S. J. (Org.). **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

SOUZA, S.J.; CAMPOS, C.C.G.. **Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância.** Psicologia Ciência e Profissão, 23,1,2003.

STEINBERG, S.R.; KINCHELOE, J.L.. **Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna.** In: STEINBERG, S.R.; KINCHELOE, J.L (Orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VEIGA-NETO, A.. **Foucault e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

## APÊNDICE

### Apêndice A. Mapa de organização do material<sup>24</sup>

Nº	Material	Classificação	Descrição	Excerto	Vetor	Observações
1	Pais & Filhos Jul/2011	Anúncio Publicitário da marca PediaSure	Criança sorrindo vestido com blusa pequena e apertada para seu tamanho.	A gente quer o mesmo que você: ver o seu filho crescer. O “+” recomendado pelos pediatras. <b>PediaSure.</b> Nutrição levada a sério. A hora da refeição é um problema na sua casa? Saiba que é comum crianças passarem por algum tipo de dificuldade alimentar, mas isso deve ser tratado com atenção, pois pode comprometer o desenvolvimento do seu filho. Nessas horas, você tem um grande aliado: PediaSure, um alimento completo e balanceado, que ajuda no crescimento e desenvolvimento de seu filho, complementando sua alimentação. PediaSure tem tudo que seu filho precisa e é o mais recomendado pelos pediatras. Nos sabores chocolate e baunilha, é delicioso e fácil de preparar: basta misturar em um copo de água e pronto. Você fica tranquila enquanto seu filho aprende a se alimentar corretamente.	Consumo	
2	Pais & Filhos Jul/2011	Anúncio Publicitário da marca Fischer Price	Um bebê interagindo com um brinquedo de encaixe de blocos. Outro bebê apoiado em uma mesa se levantando.	<b>Da cabeça aos pés:</b> entenda como se desenvolve a coordenação motora do seu filho e saiba como você pode ajudar. <b>Da cabeça aos pés:</b> é assim que o desenvolvimento motor acontece! Este processo tem início assim que ele deixa o aconchego da barriga materna. Cada criança tem seu ritmo de desenvolvimento, claro, influenciado por fatores hereditários e ambientais, mas principalmente, pelos estímulos que recebe. Por isso, é tão importante que os pais participem da vida dos filhos, estimulando-os de maneira correta, para que eles possam desenvolver ao	Consumo	

<sup>24</sup> Materiais empíricos selecionados nas mídias impressa e televisiva analisados nesta dissertação.



				máximo seus potenciais, explica Teresa Ruas, terapeuta ocupacional especializada em desenvolvimento infantil.		
3	Pais & Filhos Jul/2011	Publicitário - Natura	Criança segurando um jacaré de brinquedo, feito com colagens.	<b>Natura</b> Naturé é uma linha com embalagens, cores, cheiros, texturas e nomes curiosos que estimulam a descoberta e ensinam seu filho a cuidar da água enquanto se diverte. Tibum no mundo para brincar, porque brincando se aprende a cuidar.	Consumo	
4	Pais & Filhos Jul/2011	Matéria	Imagens das crianças brincando entre si e com os pais	<p><b>Família diferente, vida normal</b></p> <p>Mesmo tendo filho com deficiência, a vida da família Nacif é supertranquila. Os publicitários Luciana Mariano e Alexandre Nacif se consideram muito sortudos. Têm dois filhos felizes – Aramis, de 5 anos, e Thor, de 1 ano e 9 meses – que acordam de bom humor, dormem a noite inteira, alegram a casa e tomam todo o seu tempo no final de semana. [...] Aramis tem deficiência neurológica e não anda nem fala. O ultrassom apontava alguma alteração já durante a gravidez, mas foi só dois meses depois do nascimento, quando Luciana desconfiou que ele estivesse tendo convulsões e o menino quase morreu no hospital, que eles descobriram que ele tinha malformação no cérebro, e que não teria um desenvolvimento normal. O alívio que sentiram ao saber que o menino viveria bem, e muito, foi tanto, que a notícia da deficiência ficou em segundo plano. E fica até hoje. [...]</p> <p>A casa da família não tem muitas adaptações, e Aramis é transportado no colo ou carrinho. Cadeira de rodas não os agrada, pois temem o preconceito associado a ela. Preconceito que o menino já sofre, mas nem isso os desanima. “Ele veio sob encomenda pra mim. Sou uma mãe egoísta e ele vai estar sempre comigo”. [...]</p>		Infância “diferente”

5	Pais & Filhos Ago/2011	Matéria - Coluna da revista - Pingo nos "is"		<p><b>Internet e criança não combinam</b></p> <p>Não é pelo fato de que seu filho acessa a internet que ele é mais inteligente, mais avançado ou mais conectado. Às vezes penso que é exatamente ao contrário.</p> <p>[...]</p> <p>Meu ponto é esse. Uma pesquisa na internet nos leva para páginas que, segundo o critério e os algoritmos do Google, tem mais relevância. Muito bem, quer dizer que quem escolhe o que é relevante para mim é o Google? Tá bom, você vai dizer que estou exagerando. Mas na prática é isso, o Google escolhe o que é relevante e eu que me vire em achar o que é de verdade relevante. O Google vai pela maioria e acaba criando, lá no final das contas, uma diversidade de perspectivas muito pequena e, portanto, muito perigosa.</p> <p>Não sou contra a internet. Sou contra pais que acham que tudo bem e que é muito bom o filho navegar por aí, ter conta no Facebook com 08 anos e computador no quarto. Internet exige discernimento, maturidade para separar o que importa daquilo que não importa, e nossos pequenos não sabem fazer isso. Que bom! Que eles possam brincar de carrinho!</p>	Saber	
6	Pais & Filhos Ago/2011	Matéria	Imagens dos pais entrevistados com seus filhos	<p><b>Como pensam os pais?</b></p> <p>Diferente da mãe. Isso com certeza. E cada pai tem o seu jeito. Saiba quais são as prioridades de cinco homens na criação dos seus filhos e os valores que eles tentam transmitir: respeito, sinceridade, limite... Ou nada disso. Ou tudo junto!</p> <p>Em uma pesquisa realizada pelo Datafolha em 2008, foi apontado que, para 69% dos brasileiros, a família é a instituição mais importante da vida. E o mais</p>	Manual para os pais	

				<p>surpreendente: pela primeira vez, os homens priorizam mais do que as mulheres o bem-estar dos filhos e do companheiro.</p> <p>Que o “novo” pai é bem diferente do modelo tradicional, fica muito mais com as crianças, divide as tarefas e ainda ajuda na casa, todo mundo já sabe. Não é nem novo mais, já é quase velho. Afinal, que pai não participa de tudo hoje me dia? [...]</p> <p>Os homens pensam diferente das mulheres, e isso é ótimo – pra eles, para as mulheres e principalmente para os filhos, que têm a oportunidade de aprender com os dois. Por isso a gente resolveu investigar e conversou com cinco pais descolados para entender melhor o que eles acreditam ser essencial passar aos pequenos. E você concorda com eles? [...]</p>		
7	Pais & Filhos Ago/2011	Matéria	Imagens de crianças sozinhas e com suas mães.	<p><b>Abaixo a culpa!</b></p> <p>De obrigar minha filha a comer tomate para em seguida vê-la vomitar, eu sou culpada. Felizmente, nós, da Pais &amp; Filhos, acreditamos que você não precisa ser perfeita para criar uma criança ótima.</p> <p>Outro dia ouvi uma frase genial: “dizer que mãe tem culpa é pleonasmol!” E é verdade. Mas quem pensa que a culpa só nasce o bebê sai da nossa barriga também está enganado. Ela surge, impiedosa, quando lemos o resultado POSITIVO. Sei que não fui a única que imediatamente se lembrou que, num tal jantar, já grávida, havia abusado do vinho. A partir daí, a culpa virou minha companheira, apesar de me achar até uma mãe bacana. [...] Aqui, nos colocamos na situação de várias mães e expusemos os problemas para especialistas. O conselho deles vai explicar por que você não deve se estressar e como deixar</p>		Manual para os pais

				para trás esses pequenos deslizes da maternidade. [...]		
8	Pais & Filhos Set/2011	Matéria	Imagens de crianças sorrindo – uma pulando e outra sentada no balanço.	<p><b>Introvertidos x Extrovertidos</b></p> <p>Especialistas acreditam que cerca de metade das pessoas são introvertidas e metade são extrovertidas. Conhecer o temperamento do seu filho pode te ajudar a educá-lo e lidar com isso, mesmo que você seja completamente diferente. [...]</p> <p>Em geral, somos muito mal informados sobre o que diferencia um introvertido de um extrovertido. Para começar, não se trata de timidez. Introversos muitas vezes gostam de socializar – só demoram para colocar para fora. Eles exigem uma dose saudável de tempo sozinhos para se reabastecerem. Extroversos, por outro lado, extraem energia da interação com os outros. Muito tempo sozinhos pode deixá-los para baixo e desejando companhia para recuperarem-se. A maioria das pessoas cai em algum lugar no meio das classificações introvertido-extrovertido, mas todos temos uma inclinação para um lado. Descubra qual é a personalidade do seu filho e aprenda a respeitá-lo – seja falando mais que para incentivá-lo ou falando menos para deixá-lo aparecer. [..]</p>		Manual para os pais
9	Pais & Filhos Out/2011	Publicitário - Itaú	Criança com uma escova de dente na boca.	<p><b>A cada dia eles ficam mais independentes.</b> E se tiverem uma previdência vão continuar assim no futuro.</p> <p>Uma escolha muda todo o futuro de quem você ama. Invista num plano de previdência Itaú. A partir de R\$ 2 por dia e mais um investimento inicial, você dá um empurrãozinho no futuro de quem é importante na sua vida: pode ser uma faculdade, um intercâmbio ou até montar um negócio. Acesse o site e faça uma simulação da vida que você quer para alguém tão especial.</p>	Consumo	

10	Pais & filhos Out/2011	Reportagem		<p><b>No dia das crianças, um futuro de presente.</b></p> <p>Quem é pai, mãe, tio, tia ou avó e avô, já sabe: o dia 12 de outubro não pode passar em branco. Comerciais de TV e apelos dos filhos, netos e sobrinhos transformam as lojas de brinquedos nos dias das crianças em um alvoroço só comparável ao Natal. A novidade, de uns tempos para cá, depois que a inflação foi domada e que as famílias começaram a ser capazes de planejar o futuro, é que outro tipo de endereço também passou a ser mais procurado nessa data: os bancos. “A gente sempre espera vender mais planos de previdência em outubro por causa do dia das crianças”, diz o diretor executivo de produtos de investimento e previdência do Itaú Unibanco, Osvaldo Nascimento, pai de Priscila e Patrícia. “É cada vez mais comum os pais, tios e avós presentear as crianças com um plano de previdência”, conta.</p> <p>[...]</p> <p>Presente e futuro:</p> <p>No mundo infantil, um presente que não possa ser usado, testado, apalpado ou jogado de imediato, mal pode ser chamado de presente. Mesmo assim, os planos de previdência entraram na lista de presentes das famílias, mesmo que complementares ao tradicional brinquedo.</p> <p>“É claro que ele vai ganhar um brinquedo, uma bola”, diz o especialista em eletrodomésticos e restaurador artesão José Valmir dos Santos, pai de Leonardo, de 05 anos. “Mas o plano de previdência é o futuro. É a minha garantia de que ele vai parar de estudar se eu não estiver mais aqui. A gente tem que se preparar.” [...]</p> <p>Valmir é um exemplo de uma nova classe consumidora do Brasil. “O público que mais cresce entre nossos clientes de planos de previdência, incluindo os planos de</p>	Consumo	
----	---------------------------	------------	--	---	---------	--

				<p>previdência para menores, é o público da Classe C”, conta Sandro Bonfim, pai de André e Lucas, gerente de inteligência de mercado da BrasilPrev. “É um público que ainda tem um foco grande no consumo, mas cada vez mais se preocupa com o futuro dos filhos.”</p>		
11	Pais & Filhos Out/2011	Matéria		<p><b>Caça ao tesouro</b></p> <p>[...] O mais importante é saber qual tipo de formação a escola propõe, qual filosofia ela prega e qual sua proposta pedagógica. Sabendo e entendendo tudo isso, fica mais fácil perceber se o pensamento da escola está alinhado com o da sua família.</p> <p>Antes de fazer a escolha, escute a opinião de seu filho. Por mais que ele seja muito novo para discorrer sobre o que achou do lugar, leve-o nas visitas e nas reuniões que as escolas promovem. “As crianças não têm condições de fazer escolhas, mas é importante que elas digam como estão se sentindo”, afirma a psicopedagoga Quézia Bombonato, mãe de Rodrigo. [...]</p> <p><b>Tecnologia:</b> É impressionante como crianças tão pequenas já entendem tanto de tecnologia. Não é difícil ver um bebê, praticamente, de 02 anos, manuseando um iPhone ou iPad com a maior familiaridade.</p> <p>Dentro da sala de aula, ao mesmo tempo em que a tecnologia funciona como uma ferramenta que auxilia o professor, ela pode restringir que as crianças tenham contato com materiais como massinhas, lápis e livros. [...] o mais importante na educação infantil passa longe da tecnologia. É a fase em que a criança precisa brincar, experimentar e se sujar. Você pode introduzi-la na informática dentro de casa mesmo, fique tranquilo se a escola que gostou não oferece essas ferramentas.</p>	Saber	

12	Pais & Filhos Dez/2011	Matéria	Imagens de brinquedos.	<p><b>Brinquedo, brinquedo meu...</b></p> <p>Mais do que caprichos das crianças, os brinquedos são os instrumentos para o seu desenvolvimento e seu aprendizado. [...] O trabalho da criança é brincar, e isso ela faz melhor do que ninguém! Que bom, porque é assim que ela se desenvolve. É por meio das ações envolvidas neste processo que as crianças elaboram questões, põem conhecimentos em prática, destroem e constroem valores. É brincando que elas começam a entender o mundo e as suas relações.</p> <p>[...] Os brinquedos estão diretamente ligados ao ato de brincar. Portanto, eles nada mais são do que os veículos desta importante, divertida e necessária atividade. [...]</p> <p>Então, qual o brinquedo ideal para você dar neste Natal? [...]</p>	Consumo	
13	Crescer Jul/2011	Matéria	Imagens de crianças em ambiente escolar.	<p><b>Tudo para você escolher a melhor escola</b></p> <p>Tem espaço para brincar? Alfabetizam a partir de que ano? Enfatiza os esportes ou as artes? Tem muita lição de casa? Como é a hora do lanche? Aborda questões sobre diversidade e respeito? Perguntas não faltam na hora de escolher a escola do seu filho. E elas são fundamentais para ajudar você nessa decisão tão importante para toda a família. Veja aqui o que você deve observar e, principalmente, o que é preciso pensar antes de ir a campo.</p> <p>Desde o momento em que descobre que será mãe, sua vida se torna uma sucessão de escolhas. Primeiro, o berço. Mais para frente, em qual maternidade será o parto, as músicas que irão tocar durante o grande momento, as lembrancinhas, o restante da decoração do quarto. Fora o nome! Mistura de prazer e trabalho. Porém, existe uma</p>	Consumo	

				<p>decisão que você terá que tomar da qual talvez tenha poucas informações e que não envolve só o gosto do casal: a escolha da escola. [...]</p> <p>Ao buscar uma escola é preciso levar em conta também o que está nos arredores. Quando se escolhe um colégio, se escolhe também uma comunidade a se pertencer. Os amigos, os pais dos amigos e até os gastos – viagens, festas, presentes – vão fazer parte da vida da sua família. É um pacote mesmo. Podem surgir problemas de alto consumismo entre as crianças, cobranças, comparações.</p> <p>Diferenças nas condutas de educação, mas também muito aprendizado – entre os pais, inclusive – com a diversidade de ideias. Dessa comunidade, pode vir também aquela turma de amizade duradoura que acaba agregando até os pais e irmãos dos colegas. [...]</p>		
14	Crescer Jul/2011	Seção da revista - Funcionou comigo aqui o especialista é você	Imagem de uma criança embaixo de uma mesa.	<p><b>Nada de remédio</b></p> <p>O filho da Viviane sempre recusa medicação. Como ela pode lidar com isso?</p> <p>“Meu filho não toma remédio de jeito nenhum. Já tentei convencê-lo de todas as maneiras. Se dou a medicação à força, ele fica nervoso e chega a vomitar. O que eu faço?”</p>		Manual para os pais
15	Crescer Jul/2011	Anúncio Publicitário da marca Mundo do Sítio	Cenário assemelha-se a um banheiro. Homem se barbeando e olha no espelho. Está com espuma no rosto e barbicha amarela semelhante ao personagem do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Visconde de Sabugosa.	<p>Criança diz: “Pelas barbas do Visconde, pai! Assina logo o <b>Mundo do Sítio</b>”.</p> <p>A Cuca avisou: vai crescer a barbicha do Visconde de Sabugosa no pai que não assinar o Mundo do Sítio. Mas cá entre nós: um site seguro, com games, cultura, aventura e uma biblioteca cheia de histórias, quem não vai assinar?</p> <p>Acesse <a href="http://www.mundodositio.com.br">www.mundodositio.com.br</a> e experimente junto com o seu filho. Assine o Mundo do Sítio para seu filho e fique livre do feitiço da Cuca.</p>	Consumo	



			Criança (menino) sorri ao seu lado.			
16	Crescer Jul/2011	Matéria	Imagem de uma criança colocando uma moeda em um pequeno cofre.	<p><b>Esse dinheiro é seu!</b></p> <p>Seu filho nem aprendeu a falar e você já pensa na faculdade? Então faça uma poupança no nome dele: isso aumenta em seis vezes as chances de ingresso em um curso superior, pois faz a criança acreditar que terá como pagar os estudos. A descoberta é do Centro para o Desenvolvimento Social de Criança da Universidade de Washington (EUA), que fez um estudo com 3563 crianças de 0 a 12 anos e, depois de prazos de cinco a dez anos, entrevistou as que terminaram o colégio. O levantamento mostrou que a quantia guardada não é relevante, basta que a conta esteja no nome da criança. “Permita que ela acompanhe os saldos para despertar seu interesse”, diz Álvaro Modernell, consultor financeiro e autor de livros infantis sobre educação financeira. Ele aconselha também a fazer depósitos menores e constantes, com investimentos separados para os objetivos de médio e longo prazo.</p>	Consumo	
17	Crescer Ago/2011	Matéria	Imagens de crianças brincando.	<p><b>Como preparar seu filho para a vida</b></p> <p>Que pai não sonha com a felicidade e o sucesso dos filhos? É para ajudá-los a chegar lá que sempre tentamos proporcionar as melhores experiências, a melhor escola e, até, os melhores amigos para eles. Mas, para usufruir tudo isso, as crianças precisam aprender a lidar com os sentimentos. Só assim conseguirão superar as frustrações que vão enfrentar durante toda a vida. Ao longo desta reportagem, você vai encontrar as definições de dez habilidades emocionais fundamentais para seu filho se desenvolver em todos os aspectos – e vai descobrir como</p>		Manual para os pais

				<p>ajudá-lo a fazer isso no dia a dia.</p> <p>Basta o filho nascer, ou melhor, basta descobrirmos que vamos ser pais, para quisermos ter certeza de que ele vai crescer feliz e conquistar tudo o que desejar (e um pouquinho mais, por que não?). E, para tentar garantir essa realidade, começa o que parece ser um plano infalível: oferecer bons professores e cursos de idiomas, fazer poupança para faculdade, proporcionar viagens de intercâmbio, matricular em uma atividade física... Claro, tudo isso é de extrema importância, principalmente para que ele se desenvolva intelectualmente, adquira cultura e descubra seus talentos e preferências, mas existe outro componente fundamental, sem o qual nada disso funciona direito; a capacidade de aceitar, entender, lidar com as emoções.</p> <p>[...] É aí que as dez habilidades emocionais que você começou a conhecer nas páginas desta reportagem vai ajudar, e muito. São elas: a autoconfiança, a persistência, a coragem, a tolerância, a persistência, o controle dos impulsos, o autoconhecimento, a empatia, a comunicação e a resistência às frustrações [...].</p>		
18	Crescer Ago/2011	Matéria		<p><b>Com a cabeça no mundo virtual</b></p> <p>A tecnologia se instalou nos hábitos familiares trazendo encantamento para as crianças e muitas perguntas para os pais. Vamos ter que achar as respostas com a ajuda dos filhos.</p> <p>Veja só a situação: adultos que não tiveram contato com a realidade virtual na infância precisam ensinar seus filhos a lidarem com ela. A falta de precedentes deixa muitos pais em conflito, sem saber muito bem quais orientações passar. Uma solução? Aprender com as crianças no dia a dia, o que pode gerar momentos deliciosos entre vocês,</p>	Saber	

				<p>porém, sem que você se esqueça de que o papel de educador e mediador é seu. Ainda que essa nova geração domine, de maneira constrangedora, os botões e comandos de tudo que é tecnológico, são os pais que estabelecem o que pode acessar ou usar, quando, por quanto tempo, em quais condições e com quais objetivos. O momento atual pode até oferecer uma inversão de papéis no sentido de que os adultos aprendem com seus filhos sobre gadgets, mas quem controla, estabelecendo limites e restrições, são sempre o pai e a mãe. Essa máxima da educação não deve mudar assim como essa outra: a presença dos pais é indispensável na navegação da internet. “As crianças ainda não têm maturidade para discernir entre o bom e o ruim nos conteúdos a que estão expostas. Os pais fazem o filtro e monitoram continuamente o acesso dos filhos à internet.”, ensina Katty Zúñiga, psicóloga e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática (NPPI), da PUC-SP.</p> <p>[...]</p> <p>“Minha filha disse: ‘Eu adoro a natureza mas para minha festa de aniversário quero um bufê bem do tipo internet, com as paredes coloridas, brinquedos e animação’.” Marcelo Tas, apresentador, contando sobre o que sua filha mais nova, 06 anos, queria da festa de aniversário.</p> <p>“Lá em casa quando acaba a luz ficamos tranqüilos. Mas se perdemos a conexão com a internet, aí todo mundo fica histórico.” Saulo Ribas, jornalista.</p> <p>Com a palavra, as mães! Elas contam como os filhos lidam as novidades tecnológicas.</p> <p>“O Nicolas tem só 02 nos e já brinca com o iPad, liga, desliga, entra nos joguinhos que ele gosta, se diverte. Ele conhece o aparelho mais do que o pai. Um dia desses,</p>		
--	--	--	--	---	--	--

				<p>meu marido estava quebrando a cabeça para ativar o som no iPad, e aí o Nicolas foi lá e resolveu o problema rapidinho. Parece brincadeira, mas o meu filho domina essa tecnologia melhor do que os pais.” Milene Massucato, 31 anos, psicopedagoga, mãe de Nicolas, 02 anos.</p> <p>“A minha profissão exige que eu saiba mexer em muitas ferramentas tecnológicas, mas, por mais que eu saiba muita coisa, perto dos meus filhos me sinto uma analfabeta tecnológica. Sempre que tenho problemas com o computador é o meu filho mais velho que me ajuda e ainda fala: ‘Nossa, mãe, não acredito que você não sabe isso!’”. Fico muito impressionada também com o meu pequeno, que já coloca DVD no aparelho sozinho e assiste aos filmes que ele gosta. E olha que só tem 01 ano!”.</p> <p>Natália Guimarães Maia, 31 anos, publicitária, mãe de André, 13, e Caio, 01.</p> <p>Qual é combinado com o seu filho sobre o uso do computador, iPad e jogos eletrônicos?</p> <p>“As crianças de hoje parecem que nascem com um chip para se conectar à tecnologia. Do exagero, eu não gosto, tento levá-los sempre para o equilíbrio. Por isso, digo que sou um incentivador mas também um controlador. Deixo eles se divertirem no computador ou com jogos eletrônicos mas se percebo que estão lá há horas, peço para desligarem e os levo para fazer um esporte, ficar ao ar livre. [...] ”. Paulo Zulu, pai de Patrick, 08 anos, e Derek, 07.</p> <p>“Tento usar o bom senso e ter uma postura aberta porque a presença da tecnologia se tornou inevitável no nosso dia a dia. Não temos mais um ou dois aparelhos conectados à internet, mas vários: iPads, computador, brinquedos, até o</p>		
--	--	--	--	--	--	--

				celular. A geração de crianças nascidas após o início desse milênio, como é o caso da minha filha, usa os meios digitais com muita criatividade e para vários fins que não só a diversão. Outro dia mesmo, fiz uma videoconferência com ela, eu no trabalho e ela em casa, para ajudá-la com uma lição, algo que pouco tempo atrás pareceria coisa de ficção científica. [...]” Saulo ribas, pai de Maria Luiza, 10 anos.		
19	Crescer Ago/2011	Anúncio Publicitário da marca Citroën	Imagem de um carro da marca Citroën e 06 cenas de crianças sorrindo e brincando.	<p><b>Novo Citroën C3 Picasso.</b> Pronto para acompanhá-la em todos os seus papéis femininos. Ser mãe, profissional, esposa e cidadã significa ter o dia corrido, repleto de tarefas. O seu carro tem que ser tão flexível e dinâmico como a sua rotina, garantindo segurança e conforto em qualquer situação. O novo Citroën C3 Picasso é assim.</p> <p>Fazer muitas coisas ao mesmo tempo não é fácil, porém, é uma condição inevitável para quem tem filhos. [...]</p> <p>Mais segurança com as crianças. Seus filhos estão no banco de trás, mas nem por isso você precisará se virar para vê-los. É só bater os olhos no espelho de vigilância, que fica junto ao retrovisor interno, para saber o que os pequenos estão fazendo. E provavelmente estarão se divertindo, principalmente se estiverem usando as mesinhas traseiras – iguais as que existem em aviões -, um bom apoio para atividades infantis. Elas são ergonômicas e retráteis. Mas se a sua preocupação é quanto à segurança, saiba que esse item é prioritário no novo Citroën C3 Picasso. Há travas elétricas para as portas e janelas traseiras, impedindo que sejam abertas sem a sua permissão, air bags frontais e laterais para os bancos dianteiros do carro, e freios supereficientes, reforçados pelo sistema ABS para situações de emergência. Se a sua ideia é viajar com as crianças, não precisa economizar na bagagem. O novo Citroën C3 Picasso possui amplo porta-</p>	Consumo	

				malas, com 403 litros ou 1500 litros se você puder rebaixar os bancos.		
20	Crescer Ago/2011	Teste de múltiplas escolhas	Imagens de crianças separando papéis e garrafas plásticas.	<p><b>Você sabe o quanto a sua família é verde?</b></p> <p>Tornar a nossa vida mais sustentável é um desafio diário. Difícil até saber se o que estamos fazendo é suficiente. Imagine-se nas situações a seguir e veja dicas de como melhorar sempre. [...]</p>	Consumo	
21	Crescer Nov/2011	Matéria	Imagens das crianças com a fundadora do projeto.	<p><b>O céu não é o limite</b></p> <p>Apaixonada por cosmologia, a jornalista Tamara Leftel criou o Clubinho da Criança Inteligente, que leva uma turma do Morro Santa Marta, no Rio, para ter aulas de astronomia no planetário da cidade. [...]</p> <p>As atividades do Clubinho variam entre aulas de astronomia, ecologia, contação de histórias, filmes nas cúpulas do planetário. [...] “Quando eles [as crianças] chegam aqui, se impressionam, entram num mundo novo e gostam muito. Essa é a melhor maneira de atrairmos as crianças para coisas maiores, Nosso objetivo é mostrar que elas são cidadãs como qualquer outra pessoa e que podem e devem frequentar espaços culturais, museus e tudo o mais que a cidade oferecer de conteúdo”, explica a fundadora [...].</p>		Infância “diferente”
22	Crescer Nov/2011	Matéria	Ilustrações de crianças	<p><b>Dez inspirações para entender que a autoestima muda tudo</b></p> <p>A autoestima é fundamental para conseguir qualquer coisa na vida. Afina, ela dá estrutura para nossa existência. Quem se gosta e se aceita do jeito que é – com qualidades e defeitos – tem mais chances de ser feliz. E auxiliar um filho a elaborar o amor próprio e a autoconfiança, desde o berço, é a maior demonstração de afeto que os pais podem</p>		Manual para os pais

				(e devem) dar. [...] Veja, a seguir, sugestões de pais e outros experts sobre como incentivar a autoestima do seu filho. [...]		
23	Crescer Dez/2011	Matéria	Imagens de crianças sozinhas e interagindo com suas mães.	<p><b>Esse ano seu filho vai...</b></p> <p>...dar os primeiros passos, falar “mamãe” e “papai”, ler um livro, comer a primeira papinha, amarrar os sapatos. Mas qual é a idade certa para cada uma dessas coisas acontecerem? Será que ele está atrasado? O que fazer para ajudá-lo? Calma. Você sabe que tudo tem seu tempo, mas que também é importante estimular seu filho a superar os desafios do crescimento. Dá um friozinho na barriga pensar nessa responsabilidade, a gente sabe. Por isso, CRESCER conversou com especialistas sobre 15 desafios do desenvolvimento e como lidar com cada um deles. Preparado para a próxima conquista? [...]</p>		Manual para os pais
24	Crescer Dez/2011	Matéria		<p><b>Criança também decide</b></p> <p>Eu quero! Essa deve ser uma das frases que você mais ouve quando vai às compras com seu filho. Pois saiba que as crianças influenciam – e muito – as decisões de compra dos pais. Uma pesquisa realizada pelo canal de TV a cabo Nickelodeon revelou que 51% dos pais ouvem a opinião dos filhos antes de escolherem automóveis, celulares, roupas, computadores, itens de beleza e alimentação. Foram ouvidas 15.600 pessoas, entre crianças de 09 a 14 anos em 11 países, incluindo o Brasil. A pesquisa também revelou que 79% dos pais entrevistados se sentem mais próximos dos filhos do que seus pais eram deles, o que talvez explique essa maior colaboração. Mas, cuidado para não exagerar. “É muito importante que as crianças participem das decisões que têm a ver com o seu universo, com as roupas que ela mesma vai usar. Mas os assuntos de adulto devem ser mantidos entre os pais”, explica a</p>	Consumo	

				psicóloga Patricia Spada (SP).		
25	Veja – edição 2236 – ano 44 – nº39 – 28 de setembro de 2011	Matéria - Guia Veja		<p><b>Matrícula na hora certa</b></p> <p>A preocupação exagerada dos pais com o futuro dos filhos pode transformar a rotina de muitas crianças em uma roda-viva: da escola para a natação, de lá para a aula de violão, que quase emenda com a de espanhol – e, de volta em casa, a criança ainda tem de estudar para a prova de matemática do dia seguinte.</p> <p>Na medida certa, atividades extracurriculares só trazem benefícios. O problema está no estímulo precoce, que acontece quando a atividade não corresponde às capacidades físicas e intelectuais da criança, e, claro, na exigência excessiva, que converte em compromisso o que deveria ser recreação. O resultado não poderia ser outro: o stress. “Nessa fase, ele ainda é ainda mais prejudicial à saúde. O stress na infância pode reduzir a capacidade de conexão entre os neurônios, afetando o desenvolvimento neurológico da criança”, explica o pediatra Saul Cypel, da Sociedade Brasileira de Pediatria. [...]</p> <p>Intercâmbio para os pequenos.</p> <p>Antes restritos a adolescentes, os programas de intercâmbio no exterior já podem ser feitos por crianças a partir de 08 anos, sempre durante as férias escolares e com o acompanhamento de monitores. Abaixo, as principais opções para embarque em janeiro:</p> <p>Suíça: A partir de 08 anos [...]</p> <p>França e Inglaterra: A partir de 09 anos [...]</p>	Consumo	
26	Veja – edição 2243 – ano 44 - nº46 – 16 de	Matéria - Guia Veja		<p><b>O bê-á-bá das finanças</b></p> <p>Ao primeiro sinal de que não terão um pedido atendido, é comum as crianças dispararem frases do tipo “Não tem</p>		



	novembro de 2011			<p>dinheiro? Então passa o cartão!”. Apesar de engraçada, a situação é um ótimo ensejo para que os pais prestem mais atenção à forma como os filhos lidam com dinheiro.</p> <p>“Elas só passam a ter noções matemáticas a partir dos 05 anos, mas, quando chegam a essa idade com limites, disciplina e valores, tudo fica mais fácil”, diz a psicopedagoga Adriana Fóz. Tal é a importância da educação financeira que o assunto começa a ser discutido nas salas de aula. Desde agosto, cerca de 890 escolas públicas passaram a integrar um projeto-piloto que ensina jovens a administrar o dinheiro de maneira inteligente. Mas cabe aos pais apresentar a criança ao universo das finanças. “Uma forma natural de fazer isso é pedindo a elas que entreguem o dinheiro ao vendedor e recebam o troco”, diz o economista Gustavo Cerbasi [...].</p>		
27	Veja – edição 2247 – ano 44 - nº 50 – 14 de dezembro de 2011	Matéria – Guia Veja	Imagens de crianças sorrindo e desempenhando algumas das atividades descritas na matéria.	<p><b>Férias divertidas</b></p> <p>Para as crianças, elas são curtas demais. Para os pais, que se desdobram a fim de que as férias escolares não sejam ociosas, as semanas demoram a passar.</p> <p>Chega aquele momento em que os pequenos já ficaram alguns dias na casa dos avós, curtiram uma temporada na praia, foram ao zoológico, ao cinema e, ainda assim, têm energia de sobra para aproveitar o tempo que resta. Mas existem diversos cursos e oficinas para entreter e divertir a criança – com a vantagem adicional de que, na maioria deles, os pais não precisam estar presentes, e podem assim aproveitar para recuperar o fôlego. Entre as opções, há aulas de culinária, circo, costura, artes e esportes. “Como a criança já passa o ano inteiro cumprindo obrigações, como ir à escola e ao inglês, é importante que ela participe da escolha da atividade para que seja prazerosa. Aos pais, cabe verificar a infraestrutura do local”, diz a psicopedagoga. [...]</p>	Consumo	

28	Material televisivo – Globo 27/10/2011	Material jornalístico – AL TV		<p><b>Alunos participam do projeto AL TV na sala de aula.</b></p> <p>Cça1: Você sabia que o Brasil produz uma montanha de 240 mil toneladas de lixo por dia?</p> <p>R: Informações como essa foram pesquisadas pelos alunos desta escola no bairro do Farol. Desde o início do ano, os pequenos estudaram o meio ambiente. O trabalho que faz parte do projeto AL TV na Sala de Aula resultou em um jogral de conscientização.</p> <p>Cça2: Se a gente jogar lixo nas águas vai também poluir o ar, e a gente vai ficar com pouca água, tem que fechar a torneira quando a gente for escovar os dentes, quando a gente for tomar banho, não pode ficar de brincadeira.</p> <p>R: O que é um Eco Cidadão?</p> <p>Cça3: É alguém em sua vida cotidiana que se preocupa em não jogar fora mais do que a natureza precisa absorver.</p> <p>R: E a aprendizagem não fica na sala de aula, apesar da pouca idade, essa turminha pode fazer muita diferença.</p> <p>R: Muitos aprendem aqui na escola e puxam a orelha dos pais em casa?</p> <p>Professora: Com certeza! Eles passam para a gente isso: “Tia, olha, eu passei com painho e ele ia jogar isso fora”, “Não, pai, não joga, que você vai sujar a rua, isso vai entupir os bueiros.” Eles vão levando essas informações para os pais, para os avós, para os coleguinhas, para os vizinhos.</p> <p>R: As lições não param por aí, essa turma apresentou uma paródia com direito a coreografia. A música mostra a importância que tem preservar a natureza.</p> <p>R: Como é que se deve cuidar da natureza?</p> <p>Cça4: Não jogando lixo no chão, jogando a lata no lixo, não poluindo o ar, não poluindo a água.</p> <p>Professora: Pouco que eles façam seja em casa, em um ambiente que eles frequentam no final de semana, reciclagem, tudo isso, eles podem contribuir, eles podem</p>	Saber	
----	---	-------------------------------	--	--	-------	--

				<p>ser Eco Cidadãos.</p> <p>R: Os alunos se envolveram tanto com o tema que parecem especialistas ao falar do assunto.</p> <p>Cça5: São as árvores que ajudam a gente a viver, elas produzem ar. Se a gente ajudar as árvores, elas contribuem com a gente de novo.</p>		
29	Jornal da Record – 20/12/2011	Mídia televisiva - Jornalístico		<p><b>Cuidado com a aparência vira necessidade desde cedo</b></p> <p>R1: O cuidado com a aparência pode começar bem cedo, nos primeiros anos da infância. [..]</p> <p>R2: Gente em miniatura que precisa até de um banquinho para alcançar o tamanho da vaidade. Nos salões especializados em atender os desejos infantis, tudo é feito para eles. Luana, de 04 anos, tem horário marcado pelo menos 02 vezes por semana, não abre mão dos penteados.</p> <p>L: Tipo trança, umas trancinhas pequenininhas, tem que colocar um monte de coisa.</p> <p>R2: Que tipo de coisa?</p> <p>L: Brilho, coraçãozinho, estrela.</p> <p>[...]</p> <p>R2: Um dia a clientela de Alexandre foi feita só de adultos, mas logo ele percebeu que as crianças que acompanhavam os pais eram fregueses mais interessantes e lucrativos.</p> <p>A: Não é uma tarefa tão simples quanto parece. Existem vários cuidados com material, a tesoura...”</p> <p>R2: Gente treinada para enfeitar a infância, mas que precisa frear os exageros dos adultos.</p> <p>A: Um exemplo é a escova progressiva, que, por incrível que pareça, é muito pedida para criança.</p> <p>R: As mães chegam pedindo?</p> <p>A: As mães chegam pedindo, e é um serviço que não faço por valor algum.</p> <p>R2: O que parece uma brincadeira já colocou o Brasil em 2º lugar no ranking da vaidade infantil. Desde bem cedo, a Camila demonstra afinidade com o espelho. Seguindo o</p>	Consumo	

				<p>exemplo da mãe, não sai de casa sem filtro solar, hidratante e uma bolsinha básica de maquiagem. Vaidade demais para gente tão pequena? Isso é que você ainda não viu nada. Essa é uma casa de trigêmeas, de vaidade em dose tripla, um ritual de beleza de fazer inveja a muito adulto. [...] Hoje é dia de hidratar o cabelo, fazer escova ou cachinhos de boneca. Um pouco de cor nas unhas e estão prontas para nenhuma ocasião especial, só para ficar, como se isso fosse possível, ainda mais charmosas. E para um passeio na fazenda, como será que elas vão? De roupa velha, surrada? Nada disso!</p> <p>Mãe: Elas gostam de estar sempre bem vestidas, combinando a calça com a blusinha.</p> <p>R2: Estilo mesmo no campo, para balançar despreocupadas, subir nas árvores. Elas se divertem?</p> <p>M: A roupa é um casual que não vai comprometer o desenvolvimento, subir no cavalo, para andar mesmo, é uma roupa confortável.</p> <p>R2: É uma fase da vida onde a vaidade se mistura com a fantasia, dia comum com figurino especial. E ai, fica até difícil separar a princesa da menina, quem é boneca e quem é gente.</p>	
--	--	--	--	--	--